



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

**NARRATIVAS DE SI NA PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS: O RELATO DE
IMIGRANTES NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE
ACOLHIMENTO**

Pedro Henrique Mendonça de Souza

Brasília-DF, dezembro de 2025



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

**NARRATIVAS DE SI NA PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS: O RELATO DE
IMIGRANTES NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE
ACOLHIMENTO**

Pedro Henrique Mendonça de Souza

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar, área de concentração Desenvolvimento Humano e Cultura, na linha de pesquisa Processos de Desenvolvimento e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silviane Bonaccorsi Barbato

Brasília, 2025

CIP - Catalogação na Publicação

Mn Mendonça de Souza, Pedro Henrique.
NARRATIVAS DE SI NA PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS: O RELATO DE
IMIGRANTES NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE
ACOLHIMENTO / Pedro Henrique Mendonça de Souza;

Orientador: Silviane Bonaccorsi Barbato . Brasília, .
129 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização -
Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar)
Universidade de Brasília, .

1. Produção de significados. 2. migrantes internacionais.
3. transição cultural. 4. língua de acolhimento. 5. análise
temática . I. Bonaccorsi Barbato , Silviane , orient. II.
Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar qualitativamente a produção de significados durante a transição cultural de migrantes internacionais inseridos em contextos de aprendizagem no Brasil. Perseguições étnicas e raciais, instabilidade política e desastres socioambientais desencadearam o recente fluxo migratório mundial, aumentando o número de migrantes para o Brasil. O domínio da língua e o conhecimento da cultura local são instrumentos fundamentais ao desenvolvimento psicossocial e para uma integração político-econômica efetiva do imigrante. A inserção em uma nova cultura desencadeia processos de crise e transição, marcados por transformações e pela construção de novos significados por meio de convencionalizações. Este é um estudo qualitativo com quatro migrantes internacionais que participaram de uma ou duas sessões de entrevistas, dependendo da sua disponibilidade: 1) entrevista aberta semiestruturada; e 2) entrevista mediada por objetos. Dois participantes puderam participar da primeira entrevista e dois participaram das duas sessões. Todos estudaram Português como Língua de Acolhimento. Foi aplicada a análise temática reflexiva, método escolhido por fornecer um roteiro sistemático com etapas bem definidas, garantindo viabilidade e rigor à pesquisa. Os resultados foram organizados em três estudos. O primeiro enfoca os dois migrantes que participaram da primeira sessão. Os segundo e terceiro estudos dizem respeito aos dois participantes das duas sessões. Os resultados indicaram três temas centrais das experiências no processo migratório: 1) a mudança de país e a transição cultural; 2) o aprendizado do português como língua adicional; e 3) a busca por estabilidade econômica e emocional. A crescente complexidade dos fluxos migratórios contemporâneos exige investigações que avancem na compreensão da multidimensionalidade da experiência humana em transição. Há a urgência de políticas públicas que integrem a população migrante de forma abrangente e eficaz.

Palavras-chave: Produção de significados, migrantes internacionais, transição cultural, língua de acolhimento, análise temática

Meaning-making in narratives of self: migrants' accounts while learning Portuguese as a host language

Abstract

This study aims to analyze the meaning-making during the cultural transition of international migrants inserted in learning contexts in Brazil. Renewed ethnic and racial persecution, political instability, and socio-environmental disasters prompted recent worldwide migratory flows, leading to an increase in international migration to Brazil. From a cultural psychology perspective, the mastery of the language and knowledge of the local culture are fundamental tools for migrants psychosocial development and effective linguistic, political, and economic inclusion. Joining a new culture triggers processes of crisis and transition, marked by transformations and the construction of new meanings through conventionalization. This is a multiple-case qualitative study. Four international migrants took part in one or two sessions of interviews, depending on their availability: 1) an open interview followed by a semi-structured one; and 2) an interview mediated by a relevant object for them. Two participants from South Asian countries participated in the first session, and two from Latin America engaged in both sessions. All of them studied Portuguese as a host language. For data analysis, we applied a narrative thematic analysis, a method that provides a systematic roadmap and well-defined steps, ensuring the viability and rigor of the research with a focus on reflexivity. The results were organized in three studies. The first included participants who took part in only one session. The other two included those who attended both sessions each. Results indicated three main themes about the migratory experience: 1) moving to another country and cultural transition, 2) learning Portuguese as an additional language, and 3) the search for economic stability. The growing complexity of contemporary migration flow requires research that promotes advances in understanding the multidimensionality of human experience in transition. There is an urgency for public policies that comprehensively and effectively support the integration of the migrant population into new cultures.

Keywords: Meaning-making, international migrants, cultural transition, host language, thematic analysis

Carta ao leitor/à leitora

“Mas a satisfação intelectual não me bastava... A ação me fazia falta. As teses isoladas irritavam-me. Era necessário concretizar.” (PAGU, 2020, p.43-44)

Antes de iniciar a leitura deste trabalho, acredito ser importante explicar o contexto ao qual me conecto a esta pesquisa e dissertar brevemente sobre a minha trajetória pessoal e acadêmica. Pois, dessa forma, será possível entender de maneira mais prática e palpável a minha relação com o tema.

Iniciei minha vida acadêmica em 2016, ao ingressar no curso de Letras - Português do Brasil como Segunda Língua na Universidade de Brasília. Tinha 17 anos à época e ainda não compreendia o propósito efetivo do curso, a natureza de cada disciplina ou mesmo as distinções terminológicas entre os campos científicos da extensa área de Letras. Contudo, já me interessavam a linguagem, a comunicação e a inclusão social. Acreditava que agir de forma organizada e colaborativa, compreendendo e compartilhando ideias, era a maneira mais eficaz de alcançar direitos sociopolíticos.

Foi, portanto, uma experiência extremamente positiva descobrir a função do curso de PBSL: promover a inclusão social e linguística de quem precisava aprender o português como língua adicional no Brasil, voltando-se especificamente para a comunidade surda brasileira, as populações indígenas e os migrantes internacionais.

Ao concluir o curso, em 2021, tive a oportunidade de ensinar português para migrantes internacionais. Com essa experiência, percebi que a sala de aula de português como língua adicional extrapolava as questões linguísticas. Muitas vezes, o ambiente se transformava em um espaço de troca de experiências e relatos sobre a vivência migrante, e os debates eram conduzidos pelas necessidades sócio-históricas dos estudantes, em suas mais diversas condições e diferentes processos migratórios.

Ao me interessar pelos processos psicológicos relacionados à migração, comecei a cursar disciplinas como aluno especial, focadas na interface entre aprendizagem e psicologia. Ao aprofundar a compreensão dessa interrelação, percebi a importância do bem-estar integral (social, físico e psicológico) como fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem nos contextos dentro e fora da sala de aula.

Assim, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Desenvolvimento Escolar, onde iniciei meu envolvimento com o projeto “Bem-vindos: Português Língua de Acolhimento e Desenvolvimento Humano”. Essa experiência consolidou minha compreensão sobre a importância da interdisciplinaridade e da extensão universitária, tanto para a pesquisa quanto para a vida prática. A partir dela, passei a valorizar cada vez mais a conexão entre diferentes campos do conhecimento e a reconhecer o papel das políticas públicas no processo de acolhimento.

Toda essa trajetória converge para o presente em que concluo meu mestrado, consolidando minha pesquisa nessa área fundamental à qual desejo me dedicar por toda a vida. Meu maior anseio é que este trabalho transcenda a esfera intelectual e se materialize na prática, impactando positivamente a vida da população migrante internacional. Que ele também possa servir como referência para a construção e valorização de uma educação sensível e transformadora em todos os âmbitos do desenvolvimento humano.

Agradecimentos

À minha orientadora, Profa. Dra. Silviane Bonaccorsi Barbato, pelo apoio em toda esta jornada e por ser uma professora e pesquisadora exemplar. Seu conhecimento sobre linguagem e cultura guiou a realização deste trabalho e foi essencial para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal ao longo de todo o mestrado.

Aos professores Dr. Fauston Negreiros e Dr. Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho, que durante o mestrado me apresentarem às técnicas e aos instrumentos necessários para o desenvolvimento de pesquisa em Psicologia, e por me ensinarem a produzir o conhecimento científico na área de forma eficiente e adequada aos meus pares.

Aos professores da minha graduação em Letras - Português do Brasil como Segunda Língua, Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich e Dr. Rodrigo Albuquerque Pereira. À professora Enilde, pelo trabalho na concepção do curso e por me ensinar a importância da língua e da linguagem na aproximação e na humanização do Outro. Ao professor Rodrigo, por me fazer compreender que gêneros discursivos são complexos, ricos em histórias, e representam uma atividade humana fascinante.

Aos professores coordenadores do projeto de extensão frequentado pelos participantes desta pesquisa, Dr. Danilo Nogueira Prata e Dra. Fabíola Ribeiro de Souza, por liderarem uma iniciativa de tamanha relevância para a integração e o desenvolvimento social. Ao professor Danilo, agradeço ainda por me apresentar ao Programa de Pós-Graduação e por sempre me incentivar acadêmica e profissionalmente. À professora Fabíola, pela acolhida, colaboração e orientação tão gentil durante todo o processo de pesquisa.

Aos amigos que me acompanham desde a graduação em Letras e estiveram ao meu lado durante o mestrado, Mariana Santos, Renata Silva, Nayara Ferraz, Ana Júlia Silva, Ana Carolina Oliveira, Pedro Henrique Araújo, Sasha Sayumy Okumura, Sofia Rabelo, Laura

Lima e Giovanna Gonçalves. Agradeço o compartilhamento de leituras, teorias e conversas, fundamentais para a pesquisa, e por todas as trocas ao longo do processo acadêmico.

Aos amigos que me acompanham há tempos, alguns desde a infância, Camila Vitória Neves, Isabella Maria Vilarinho, Brenda Oliveira, Isadora Rodrigues, Gabriel Machado, Michelle Martins e Pedro Leo Gonçalves. Agradeço por estarem presentes em todas as fases do meu desenvolvimento pessoal e acompanharem, cada um de forma singular, os meus processos em todos os aspectos da vida.

Aos amigos que me conectei nos últimos anos, Tabatta Barcellos, Manuela Melo, Bruno Ferreira, Luiz Lima, Gabriela Nobre, Nathalia Oliveira, Karoline Moura e Paola Damasceno. Por ouvirem minhas repetidas queixas e análises sobre o tema da pesquisa, e por trazerem descontração nos nossos momentos juntos.

Ao meu casal de amigos da área Psi, Amanda Silva e Pedro Martins. Ao Pedro, pela escuta atenta e pela colaboração sempre equilibrada e honesta em seu conhecimento da psiquiatria. À Amanda, pelas discussões ricas e pelos debates que trouxeram à tona pontos importantes da ciência do comportamento. Agradeço a ambos pois nossas conversas foram fundamentais para o meu desenvolvimento argumentativo e científico.

Ao meu núcleo familiar, composto pela minha mãe, Cristiane Mendonça, e pelos meus irmãos, Paulo e Davi Henrique. Agradeço por zelarem pelo meu bem-estar e por serem os propulsores da minha independência emocional, financeira e afetiva.

À Fabiana Duarte, a Binha. Por estar sempre disposta a me ouvir sobre todas as questões de linguística, psicologia, política, amor, relacionamentos e outros assuntos aos quais sempre me debruço incansavelmente. Agradeço a assídua compreensão e atenção que me dedicou nos últimos anos e espero poder retribuir nos próximos.

Ao Raí Ceriaco, o Baby. Pela dedicação, ternura e conforto que traz aos meus dias, por ser minha inspiração, meu incentivo e por nunca me deixar desistir. Agradeço por construirmos juntos, a cada dia, as bases de uma relação que nos permite viver o presente com plenitude. Agradeço o acolhimento e bem-estar que sinto ao lado dele, espero que seja recíproco.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro fundamental que tornou possível a realização desta pesquisa.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, pela análise e aprovação desta pesquisa.

Ao PGPDE pelo apoio à execução de projetos de pesquisas científicas - Discentes da Pós-Graduação Stricto Sensu do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar – Edital PGPDE Nº 03/2023.

Por fim, aos participantes desta pesquisa, aqui sob os pseudônimos Idris, Abdus Armando e Patrícia. Pela colaboração, pelas narrativas compartilhadas, pela coragem de mergulhar numa nova cultura e pela agência com que o fizeram.

Lista de Figuras

Figura 1.....	42
Figura 2.....	47
Figura 3.....	57
Figura 4.....	66
Figura 5.....	77
Figura 6.....	85
Figura 7.....	94
Figura 8.....	104
Figura 9.....	109

Lista de Tabelas

Tabela 1.....	27
Tabela 2.....	33
Tabela 3.....	38

Sumário

Introdução	16
Fundamentação teórica.....	19
Transição cultural como meio de desenvolvimento.....	21
A migração no mundo e o aprendizado de língua	23
A Produção de significados na psicologia cultural	28
Metodologia	31
Análise Temática Reflexiva	32
Método.....	35
Contexto.....	35
Participantes.....	36
Procedimentos de coleta.....	37
Análise	40
Resultados.....	40
Estudo 1	41
A Representação do Brasil como Espaço de Oportunidade Socioeconômica.....	41
Contrastes e comparações em relação a trabalho e estudo	42
Brasil como referência no setor agropecuário e alimentício	44
Desejo de permanecer no Brasil, apesar de instabilidades	45
A Agencialidade, o Outro e o PLAc no Desenvolvimento Linguístico e na Integração Cultural	47
Agencialidade como propulsora do aprendizado do português.....	48
A importância da interação com o outro no processo de integração cultural	52
PLAc como instrumento mediador no desenvolvimento linguístico e social	53
Negociações Identitárias e os Contrastes Culturais Experienciados na Condição de Migrante Muçulmano	56
A Educação Básica e o Aprendizado de Línguas Adicionais	57
Organização espacial e Arquitetura.....	59
Eventos Religiosos.....	61
A Alimentação Halal	63
Estudo 2.....	65

Contraste entre os sistemas socioeconômico e político do país de origem e os do Brasil	66
A capacidade de ampliação do poder aquisitivo mediante o trabalho	67
As diferenças existentes entre os sistemas educacionais	71
As variações de controle político dos cidadãos	75
Saudades do país de origem e a expectativa de uma integração e desenvolvimento no Brasil	77
Saudades do país de origem	78
Expectativa de integração e desenvolvimento no Brasil	81
Divergências nos âmbitos sociocultural, linguístico e burocrático	85
Divergências socioculturais	86
Divergências linguísticas	88
Divergências burocráticas	90
Estudo 3	94
Preconceito e xenofobia que sofreu no país	94
Dificuldade em se manter e conseguir emprego	95
Dificuldade em se manter e conseguir moradia	100
Sentimento de injustiça em relação ao preconceito que sofreu	103
Denúncia às autoridades em busca de reparação pessoal	105
Desconexão entre o que deveria ser feito e a realidade	106
Combate às pessoas que realmente cometeram erros	107
Falta de perspectiva sobre o futuro, decorrente da dificuldade de adaptação, relacionado a linguagem e cultura, e do insuficiente suporte recebido no Brasil.	108
Discussão	113
Conclusão	119
Referências	122

Introdução

No Brasil, há um aumento considerável da população migrante internacional, devido a diversos fatores sociais, políticos e ambientais (OIM, 2024) o que pode ser registrado por documentos de entidades que revisam, analisam e pesquisam sobre migração, entidades estas que compõem a Organização das Nações Unidas (ONU), destacando o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Em seus relatórios (OBMigra, 2023), o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), órgão vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, aponta o Distrito Federal como a 5ª unidade da Federação com o maior número de pedidos de refúgio no Brasil. A força do fluxo migratório para esta região (Conare, 2019) está relacionada tanto ao número de imigrantes quanto ao de solicitantes de reconhecimento de condição de refugiado de diferentes nacionalidades, classes, gêneros, etnias etc. (Conare, 2022).

Na Psicologia do Desenvolvimento, em uma perspectiva culturalista, o processo migratório desencadeia crises que geram transições. Devido às mudanças das condições de socialização e desenvolvimento humano, geram-se jogos entre o conhecido e as novidades que criam zonas de contato (Hermans & Kempen, 1998), que expandem e modificam as formas de ser, sentir, refletir e agir no mundo. Estes espaços de convencionalização (Bartlett, 1995) promovem mudanças nas interpretações de si, do outro e das situações enfrentadas que permitem que práticas conhecidas mudem e se aproximem-distanciem mais ou menos das práticas culturais, em processos de identificação com os povos que acolhem.

Considerando a complexidade dos movimentos migratórios na atualidade e as perspectivas de acolhimento adequado aos que deixam seus países por diferentes motivos, surge a demanda de estudos sobre direitos políticos e inclusão de migrantes internacionais nos mais diversos contextos sociais do Brasil, com destaque aos contextos laborais e educacionais. Sendo estes, centrais para o migrante, pois promovem apropriarem-se das

culturas locais, contribuindo com o que conhecem em suas experiências interferindo no mundo (Konder, 2021). A produção de significados nos processos de inclusão identitária e linguística dos migrantes internacionais, instiga a criação de diversas oportunidades de aprendizagem da língua e das práticas culturais do país em que estão residindo, visto serem instrumentos essenciais para seu desenvolvimento psicossocial e integração político-econômica plena.

Poder comunicar-se na língua do país de acolhimento facilita as interações no cotidiano, promovendo a participação social e integração da qualquer pessoa na cultura. Assim, o enfoque do ensino da língua portuguesa é central na discussão sobre acolhimento de migrantes no Brasil, sobretudo, quando consideramos que a barreira linguística pode afetar os relacionamentos com os outros e, portanto, o bem-estar dessa população nos mais diversos espaços interacionais do país.

O Português como Língua de Acolhimento (PLAc), adotado nesta pesquisa refere-se ao ensino da língua portuguesa voltado a integração social, política e econômica de migrantes internacionais, considerando diversos gêneros discursivos relacionadas às práticas sociais, políticas e linguísticas. O ambiente de ensino de PLAc é rico em mediação simbólica e contribui para o entendimento da produção de significados de migrante internacionais, visto que é o local onde aspectos de regulação de si, de mediação e de negociação de sentidos podem ser consolidados, em práticas comunicativas orientadas por professores e colegas de diversas nacionalidades.

A suposição principal desta pesquisa é que a produção de significados no processo de transição cultural de migrantes internacionais inseridos em contextos de aprendizado de língua de acolhimento ocorre na formação de espaços e tempos culturais negociados em processos de convencionalização psicológica.

As narrativas sobre si relacionadas a migração e processos de transição cultural podem mobilizar fortes emoções e, por isso, o presente estudo foi sensível em realizar acolhimentos humanizados no momento das entrevistas, bem como refletir junto aos participantes as vantagens e desvantagens do processo. Esta pesquisa se justifica pela contribuição histórica para os conhecimentos relacionados ao desenvolvimento psicológico e cultural no processo de migração e pela possibilidade proporcionada aos participantes de narrar sua história e serem ouvidos com atenção, pelo acolhimento de seus pontos de vista, pela elaboração de maior consciência de si e pela compreensão de seu contexto e de seus posicionamentos no mundo. A proposta fundamenta-se na análise crítica do cronotopo (Bakhtin, 2013), explorando-se as dimensões temporais, espaciais que produzem significados em posicionamentos em contextos de transição.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar a produção de significados no processo de transição cultural de migrantes internacionais inseridos em contextos de aprendizado de língua de acolhimento no Brasil de acordo com a perspectiva da psicologia cultural.

Fundamentação teórica

É por meio da linguagem que os significados culturais são internalizados, possibilitando o desenvolvimento das funções psicológicas (Vygotsky, 1991). A linguagem é mais do que uma ferramenta de comunicação, é um instrumento semiótico fundamental que media a relação entre o indivíduo e o mundo, constituindo o pensamento e a cognição.

Por intermédio da interação social e do uso da linguagem, seja na fala, na escrita ou em outros sistemas simbólicos, o sujeito apropria-se dos conceitos culturalmente elaborados, transformando sua maneira de perceber e agir sobre a realidade. Assim, a linguagem manifesta enunciados concretos e organiza o pensamento, evidenciando seu caráter indispensável na estruturação da investigação científica que aqui pretende-se construir.

É fundamental compreender a linguagem como um fenômeno dialógico que conduz múltiplas vozes sociais e se constitui na interação entre sujeitos historicamente situados (Volochinov, 2014). Nessa perspectiva, assume-se pressupostos de que todo enunciado é um ato ético e responsável no qual o sujeito, ao se apropriar da linguagem, assume uma posição ativa de agencialidade que responde a discursos anteriores e antecipa possíveis discursos posteriores (Bakhtin, 2017)

A linguagem se realiza em enunciados concretos marcados pela heteroglossia, coexistência de múltiplos sentidos sociais e ideológicos em disputa. Dessa forma, em qualquer campo discursivos relativamente estável, gênero discursivo, a linguagem está carregada de intenções, avaliações e valores, refletindo as tensões e contradições da vida social (Bakhtin, 2017).

A responsabilidade no ato de linguagem é socialmente partilhada, pois todo dizer se insere em uma rede ideológica, onde cada enunciado ressoa e transforma os atos que vieram antes e os que estão por vir. A agencialidade discursiva, portanto, só se realiza plenamente na relação com o outro, na medida em que o sujeito ocupa um lugar ativo.

Tendo como base epistemológica de fundamentação teórica os preceitos da perspectiva histórico-cultural (Vygotsky, 2007) e da filosofia da linguagem (Volochinov, 2014), esta seção desenvolve-se articulando e reinterpretando esses dois pensamentos. Serão incorporados conceitos mais recentes e perspectivas contemporâneas sobre linguagem, desenvolvimento humano e migração, considerando o contexto histórico atual e os avanços científicos recentes, que transformaram o meio acadêmico-científico e toda a sociedade.

O meio para o desenvolvimento humano é o conjunto de relações culturais que permeiam o indivíduo, não simplesmente o ambiente que ele está inserido, pois o meio se configura como fonte de capacidades e qualidades específicas. Isso se verifica na medida em que tais capacidades, constituídas em um processo sócio-histórico, encontram-se materializadas e disponibilizadas no próprio meio. Dessa forma, um sujeito as assimila por ser integrante de um grupo social, fazendo parte de um tempo histórico e situado em uma época sob determinadas condições (Vygotsky, 2010).

Nesse sentido, devemos considerar o fluxo migratório e a transição cultural como meio no desenvolvimento de migrantes internacionais, pois esses processos perpassam por experiências e instrumentos mediadores. Esses instrumentos atuam como mediadores culturais, permitindo a manutenção de vínculos identitários, a resignificação de práticas sociais e a construção de novas formas de interação em contextos transculturais.

O meio se torna espaço dialógico, onde cronotopos (Bakhtin, 2008) se encontram em constante tensão e negociação de sentidos. Dessa forma, o meio facilita ou dificulta a adaptação em novos contextos, e redefine as próprias noções de comunidade, pertencimento e cultura, tornando-se um ponto de importância para os processos de desenvolvimento humano na contemporaneidade.

Nas próximas seções essa fundamentação será aprofundada nas teorias de produção de significados com foco nas interações sociais e institucionais que permeiam o acolhimento

cultural no processo migratório, e em teorias de construção de sentidos em cronotopos (tempo-espacos) concretos.

Transição cultural como meio de desenvolvimento

O desenvolvimento humano é um processo socialmente construído, impulsionado pela interação com o outro e permeado pela linguagem. O desenvolvimento durante a transição cultural vivida por migrantes internacionais exige a integração dos processos dinâmicos em que a transição ocorre, nos quais a negociação de significados, identidades e pertencimentos se torna motor de desenvolvimento.

A transição cultural como desenvolvimento humano não segue uma trajetória linear. Trata-se de um processo singular e dinâmico, influenciado pelo contexto social no qual o indivíduo está inserido. Nesse sentido, fatores socioeconômicos, culturais e relacionais, como o acesso à educação, a estabilidade e as oportunidades oferecidas pelo meio, podem atuar tanto como promotores quanto como limitadores, definindo os rumos e o potencial de desenvolvimento.

A transição em grupos sociais é influenciada por conhecimentos prévios e é culturalmente moldada (Bartlett, 1995). Esses processos culturais modificam-se e adaptam-se mediante a aquisição de novas informações, e sua interpretação sobre esses novos conteúdos é guiada pelo contexto social no qual estão inseridos, em uma dinâmica de percepção e construção durante seu desenvolvimento.

A convencionalização é o processo sociocognitivo no qual um grupo, ao entrar em contato com elementos simbólicos de outra cultura, os assimila, simplifica, retém e constrói estes elementos (Bartlett, 1995). Esse processo é guiado pelos seus próprios esquemas culturais e resulta na adaptação e transformação de símbolos alheios com a geração de novos significados. Dessa forma, o migrante no Brasil desenvolve significados a partir de sua

interação com o outro no novo meio em que se insere, em processos mediados por práticas culturais conhecidas e novas.

O processo de convencionalização é contingente à utilidade. Um símbolo cultural só será efetivamente assimilado pelo migrante se for reconhecido como funcional nas novas contextualizações sociais. O mero contato intercultural é insuficiente, é a função social que confere significado à nova interpretação e desencadeia o processo de convencionalização, afetando todos os setores da vida do sujeito, como afirmado por Bartlett: “Nunca é o mero contato social que produz a transferência de características culturais de um grupo para outro. Somente são transferidas as características que já existe um contexto adequado nas poses e funções sociais do grupo receptor” (1995, p. 270, tradução própria)

Portanto, a articulação entre desenvolvimento humano e transição cultural encontra-se na convencionalização de novos elementos simbólicos. A experiência migratória deixa de ser vista como uma ruptura com a cultura anterior ou simples aculturação e se torna um processo ativo de (re)construção de significados, no qual o desenvolvimento do migrante é propulsionado pela negociação e “é moldado de uma forma característica complexa por muitas influências, entre as quais está algo que devemos chamar de tendência social.” (Bartlett, 1995, p. 280, tradução própria)

As trocas humanas se dão em interações que são permeadas por ideologias e pela história que as constitui, e continua a constituir-se, não à margem das dinâmicas de poder historicamente estabelecidas. Para compreender esse fenômeno, adotamos o conceito de zona de contato (Pratt, 1991), que define o espaço onde essas interações, com todas as suas assimetrias de poder, se desenrolam.

No processo de interação entre suas culturas de origem e a cultura brasileira, os migrantes produzem significações sobre si mesmos, o outro e o mundo. Quando essas significações se transformam em narrativas, utilizamos a autoetnografia, “ou seja, um texto

no qual as pessoas se comprometem a descrever a si mesmas de maneiras que se relacionam com as representações que outros fizeram delas” (Pratt, 1990, p. 3, tradução própria)

Compreender que as dinâmicas migratórias contemporâneas constituem um jogo cujas regras não são igualitárias para todos, sobretudo quando envolvem pessoas de países distintos em zonas de contato. Essa concepção contrasta com perspectivas teóricas que concebem a interculturalidade e a diversidade linguística em contextos multiculturais como realidades horizontalmente igualitárias, desvinculadas de problemas estruturais como colonialismo e racismo. Frequentemente, o poder de narrar a partida, de explicar a experiência migratória, concentra-se nas mãos daqueles que também detêm o poder de ditar as regras do jogo. Dessa forma, é fundamental conceber a zona de contato como esse campo de interação, assimétrico, “quando os interlocutores são de diferentes classes ou culturas, ou quando uma parte está exercendo autoridade e a outra está se submetendo a ela ou questionando-a.” (Pratt, 1991, p. 7, tradução própria)

Dessa forma, os elementos promotores e limitadores do desenvolvimento nesse processo não se originam apenas das experiências vividas no país de origem, mas também das novas dinâmicas sociais no país de destino. Para análise de narrativas de migrantes internacionais, faz-se, portanto, necessário elaborar uma interpretação multidimensional desse percurso, pois “[...] em cada camada de interpretação, as decisões são inteiramente razoáveis, dadas as consideráveis limitações práticas de tempo, dinheiro e esforço que estruturaram as possibilidades abertas a todos os envolvidos.” (Hebner, 2012)

A migração no mundo e o aprendizado de língua

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2024), o número de migrantes internacionais mais que triplicou no mundo entre a década de 1970 e 2020. Diante desse crescimento expressivo, as nações foram levadas a reconhecer a necessidade de gerir

esses fluxos populacionais. Dessa forma, os Estados passaram a adotar políticas migratórias estratégicas, que variam entre o estímulo e a restrição à entrada de pessoas, com o objetivo de controlar o movimento dentro de seus limites fronteiriços e de acordo com suas diretrizes políticas e econômicas.

A Língua de Acolhimento se configura, portanto, como aliada e propulsora da inserção social necessária no processo migratório, atuando como um código de comunicação, e, também, um instrumento vital para a integração efetiva. Conforme citado por Grosso (2010, p. 71), sua eficácia reside em uma orientação prática: "Orientada para a ação, a língua de acolhimento tem um saber fazer que contribui para uma interação real, a vida cotidiana, as condições de vida, as convenções sociais e outras que só podem ser compreendidas numa relação bidirecional."

Diante de contextos históricos e realidades socioeconômicas distintas, cada país desenvolve seus próprios mecanismos para gerenciar os fluxos migratórios. As políticas de migração são reflexo de soberania de interesses nacionais e acordos internacionais específicos. Portugal, como exemplo, instituiu o Alto Comissariado para as Migrações (ACM), com o objetivo de promover o país como destino de migrações, integrar e acolher migrantes internacionais por meio de políticas públicas, combater formas de discriminação e desenvolver programas de inclusão (OBMigra, 2024). O documento (Guia para a inclusão linguística de migrantes, 2022), desenvolvido em conjunto de países europeus, descreve a importância fundamental da língua no enfrentamento de desafios do processo de integração e nos processos de transição cultural e nos movimentos migratórios, reiterando que ela, junto à cultura, é mediadora no desenvolvimento identitário e no acolhimento do migrante nas esferas sociais, econômicas, educativas e laborais etc.

O guia também analisa as necessidades linguísticas dos migrantes, destacando a importância de se avaliar seus perfis e suas motivações. Essa análise mostra os objetivos de

aprendizagem individuais e auxilia tanto os alunos quanto os professores a compreenderem tanto as necessidades objetivas quanto as subjetivas relacionadas à língua. Nesse contexto, a motivação precisa estar em todas as esferas da vida social no país de acolhimento, uma vez que a sua ausência se configura como uma barreira ao pleno desenvolvimento linguístico do migrante. “Sem motivação, os aprendentes podem sentir dificuldades em responder ao ensino das línguas e é pouco provável que continuem a aprender ou a usar a língua-alvo além da sala de aula.” (Guia para a inclusão linguística de migrantes, 2022, p. 51).

Um exemplo relevante e próximo da realidade brasileira são as políticas migratórias adotadas pela Colômbia. Nas últimas décadas, o país vivenciou intensos fluxos migratórios originários da Venezuela (OBMigra, 2024), o que levou à implementação de novos mecanismos institucionais para acolher e integrar essa população em seu território. Em 2022, o governo colombiano lançou a Estratégia para a Atenção Educativa da População Migrante Venezuelana, um plano abrangente que detalha as medidas adotadas para garantir o bem-estar, a permanência e a integração de estudantes migrantes no sistema educacional. Essas iniciativas estão estruturadas em cinco eixos principais: fornecimento de alimentação escolar, criação de corredores escolares humanitários, programas de nivelamento educativo, combate à xenofobia e implementação de modelos de ensino flexíveis (OBMigra, 2024).

Além de formular políticas e documentos nacionais, a Colômbia também se destaca pela implementação de iniciativas locais e regionais voltadas à população migrante que buscam apoiar os processos de desenvolvimento e transição. Um exemplo é o "Centro Integral de Atenção ao Migrante, inaugurado em 2018, que oferece orientação jurídica, apoio psicossocial e assistência social para auxiliar os migrantes em sua integração (OBMigra, 2024). Os migrantes podem experimentar diferentes processos de aprendizagem da língua do país no qual passam a morar. Pode falar a língua em uma variante, no caso de tratar-se de uma migração para território diferente do mesmo país, localizado em uma região

diferente do globo, como é o caso da França e da Inglaterra que ainda possuem territórios em várias partes do mundo. Pode tratar-se de mudança para um dos países colonizadores, por exemplo, e potencialmente terá aprendido ao longo do desenvolvimento e/ou da escolarização no seu país de origem. campo do ensino das línguas há diferenças terminológicas: Língua Estrangeira (LE), Segunda Língua (L2), Língua Adicional (LA) e Língua de Acolhimento (LAc) são frequentemente utilizados, cada um carregando pressupostos teóricos e implicações pedagógicas específicas.

Quando aprende uma língua diferente da(s) que é(são) oficial(is) no seu país de origem, o campo do ensino das línguas utiliza diferentes terminologias, cada uma carregando pressupostos teóricos e implicações pedagógicas específicas: Língua Estrangeira (LE), Segunda Língua (L2), Língua Adicional (LA) e Língua de Acolhimento (LAc). A Língua Adicional atua como um hiperônimo que abrange situações de aprendizagem de línguas por falantes que já possuem uma língua desenvolvida, configurando-se, assim, como um termo guarda-chuva no campo do ensino de línguas (Lôpo Ramos, 2021, p. 249). No que se refere ao ensino de LE e de L2, não há um consenso definitivo entre os pesquisadores das áreas de Linguística Aplicada, Bilinguismo e Ensino. De modo geral, os autores tendem a atribuir a designação L2 a um idioma que seja reconhecidamente oficial no país que o migrante está residindo, enquanto a LE é aquela aprendida em um território diferente de onde o idioma tem status oficial. Neste último caso, o aprendizado geralmente se restringe a ambientes formais de instrução, sem a presença de um contexto de imersão (Lôpo Ramos, 2021, 243).

Em contrapartida, o conceito de Língua de Acolhimento vai além de perspectivas puramente sociocognitivas do aprendizado linguístico, incorporando uma dimensão política e humanitária referente aos fluxos migratórios contemporâneos. Esta dimensão política atribui uma responsabilidade estatal perante os fluxos migratórios, uma vez que, segundo Lôpo Ramos (2021), “implica a criação de projetos em que o estado pode ser o promotor de ações,

através de suas instituições, cumprindo a escola papel preponderante, envolvendo família imigrante e segmentos da população local para a inclusão da nova população.” (p. 246).

Segue uma proposta de quadro que organiza as principais características de cada termo:

Tabela 1

Conceitos de Ensino de Línguas em Contextos Migratórios

Conceito	Contexto de Aprendizagem	Objetivo Principal	Papel do Estado/Sociedade
Língua Estrangeira (LE)	Aprendida em um país onde a língua não é oficial. Ex: Aprender francês no Brasil.	Aquisição de proficiência por motivos acadêmicos, culturais ou profissionais, sem urgência para integração social imediata.	Limitado, geralmente restrito ao sistema educacional formal.
Segunda Língua (L2)	Aprendida em um país onde a língua é oficial ou co-oficial. Ex: Um imigrante aprendendo inglês nos EUA.	Integração funcional na sociedade, permitindo o acesso ao trabalho, serviços e vida pública.	Oferecer estruturas de ensino para facilitar a integração do indivíduo.

Língua Adicional (LA)	Hiperônimo que abrange situações de aprendizado de qualquer língua após a primeira, independente do contexto.	Aquisição de um novo idioma, seja ele estrangeiro, segunda língua ou de herança.	Neutro, descreve a condição do aprendiz, sem implicar uma obrigação política direta.
Língua de Acolhimento (LAc)	País que recebe migrantes, refugiados ou solicitantes de asilo.	Integração sociocultural, exercício da cidadania e garantia de direitos fundamentais (saúde, justiça, educação).	Central e obrigatório. O Estado é o principal promotor de políticas públicas que garantam o acesso ao idioma como um direito humano.

A Produção de significados na psicologia cultural

A Revolução Cognitiva impulsionou uma série de estudos nas áreas de psicologia, linguística e antropologia. Essas pesquisas, ao investigarem o desenvolvimento da cognição humana, consolidaram uma perspectiva computacional, que entende a mente como um sistema de captação e processamento de informações (Bruner, 2004). Entretanto, esta pesquisa assume uma perspectiva que prioriza a significação, distanciando-se de um fazer científico estritamente positivista e alinhando-se às contribuições provenientes dos avanços na compreensão humana e social.

Na produção de significados em narrativa as pessoas constroem e reconstroem os sentidos que a incorporam ao longo do seu desenvolvimento, pois “a estrutura narrativa é até mesmo inerente à práxis da interação social antes que atinja expressão linguística.” (Bruner, 2004, p.71). Sendo assim, os sentidos ou orientações subjetivas dos significados são construídos preferencialmente em narrativas, visto que a vida é experienciada como um conjunto de histórias e não apenas como uma sucessão lógica de eventos. As narrativas nos permitem transformar a desordem dos acontecimentos em experiências coerentes e dotadas de significados, organizadas nas interpretações de si, do outro e do mundo.

O *self*, como resultado do diálogo entre o mim e o eu consciente, interpreta a si, ao outro e o mundo (Rosa & Blanco, 2007), constitui-se como dinâmica subjetiva, construída na interpessoalidade (Bruner, 2004). É, portanto, dialógico, o que implica uma integração dos processos interpsicológicos e intrapsicológicos. Ele se caracteriza, assim, pela negociação constante diante dos processos de significação, dessa forma, “[...] é um fenômeno dinâmico no qual o Eu assume diferentes posições no espaço de interlocução, indicando diferentes valores, crenças, conceitos e lógicas de pensar e se posicionando por meio dos gêneros do discurso, resultantes da multiplicidade de encontros sociais” (Barbato et al, 2020, p. 25). Nesta perspectiva, a constituição do *self* é entendida como um fenômeno dinâmico e plural, marcado pela tensão entre uma multiplicidade de posicionamentos e vozes (Bakhtin, 2010; Volosinov, 2014; Valsiner, 2014). Essas vozes se originam de diferentes experiências, relações sociais e contextos culturais, coexistem e interagem em um espaço interno de diálogo e disputa.

A análise da constituição dialógica do *self* é complexificada no contexto da migração, uma vez que os múltiplos posicionamentos e vozes internas do indivíduo são marcados pela diversidade cultural e social do seu percurso migratório. A migração, enquanto experiência

multifatorial que envolve aspectos econômicos, políticos, sociais e emocionais, força um reordenamento constante desses posicionamentos.

Os posicionamentos são atos de identificação concretizados nas interações, sendo constituídos no conjunto dinâmico e disputado dos direitos, obrigações e deveres, característico de uma interação pontual (Harré, 2012). As interlocuções são assimétricas nas diferentes situações sociais, nas quais os participantes não têm os mesmos direitos e prerrogativas, na realização de ações significativas, que são contextualmente definidas no momento e pelos interlocutores envolvidos, legitimando modos específicos de discurso, como emissão de ordens, a avaliação formal ou a narração autorizada de vivências.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido com a utilização de multimétodos qualitativos. Houveram três tipos de entrevistas, transcritas em sua totalidade, as quais aplicou-se a Análise Temática Reflexiva (Braun & Clarke, 2021) No processo dialógico individual com cada participante, foi aplicada inicialmente uma entrevista aberta, em que privilegia-se a livre expressão de cada um, com intervenções mínimas do pesquisador, limitadas a breves direcionamentos que funcionam como instrumentos para potencializar o fluxo narrativo, sem interferências nos contextos linguísticos e psicológicos. Em seguida, a semiestruturada busca sobretudo a complementação da narrativa, tendo foco na narrativa sobre sua trajetória migratória, a chegada ao Brasil e suas experiências à época. Houve também uma entrevista mediada por objetos, método em que os objetos operam como dispositivo de mediação cultural. Nesta fase, o participante seleciona e explora objetos pessoais significativos, construindo narrativas sobre seus sentidos e histórias. O pesquisador assume então uma postura ativamente contemplativa, buscando compreender tanto os significados atribuídos aos objetos quanto os processos de significação que orientaram suas escolhas, estes elementos que revelam dimensões importantes da experiência migratória que frequentemente escapam da narrativa direta.

A estruturação da pesquisa com a utilização de três entrevistas complementares atende a objetivos metodológicos. Primeiramente, busca potencializar a riqueza dos dados coletados através do contraste entre diferentes modalidades narrativas, pois enquanto a entrevista aberta permite captar o fluxo discursivo espontâneo sobre a experiência migratória, a entrevista semiestruturada orienta perguntas específicas sobre a experiência, e aquela mediada por objetos revela camadas simbólicas e afetivas que frequentemente permanecem implícitas no discurso. Esta abordagem amplia significativamente os insumos para análise temática, pois possibilita a identificação de temas e significações ou sentido recorrentes nas

diferentes situações comunicativas, a observação de possíveis dissonâncias entre o discurso verbal e as expressões mediadas por objetos e a compreensão dos processos de significação em diferentes contextos interativos. Essas estratégias favorecem maior discursividade, permitindo que os participantes reelaborem suas narrativas ao longo do processo dialógico, visto que oportuniza que cada participante possa percorrer diferentes posicionamentos ao longo da experiência migratória, nos quais a construção identitária ocorre é relatada na tensão entre lembranças, memórias históricas, vivências presentes e projeções futuras.

Análise Temática Reflexiva

A Análise Temática Reflexiva foi escolhida como método central de análise da pesquisa por diversos motivos. Esse método é confiável e validado cientificamente, como demonstram estudos de Souza (2019) que mostram ampla utilização em diferentes áreas e contextos internacionais. Essa abordagem oferece um roteiro claro de implementação, com etapas bem definidas que tornam o processo viável na prática e, mesmo exigindo múltiplas leituras dos dados e um tempo prolongado de análise, não requer recursos complexos para ser realizada.

Esse método proporciona três vantagens principais: (1) garante objetividade na interpretação dos dados, (2) permite apresentar os resultados de forma acessível e compreensível, e (3) contribui significativamente para o avanço do conhecimento na área estudada, como destacam Braun e Clarke (2006). Além de ser flexível e possuir capacidade de adaptação a diferentes contextos de pesquisa.

Um aspecto especialmente valioso é o potencial colaborativo da análise. Essa característica permitiu uma rica interação entre pesquisador e os participantes da pesquisa. A dinâmica amplia consideravelmente percepções e interpretações sobre os dados coletados, criando um ciclo recursivo de reflexão que enriquece profundamente a análise. Essa

qualidade torna o método igualmente valioso tanto para pesquisas qualitativas puras quanto para abordagens mistas que requerem análises transversais entre pesquisas qualitativas e quantitativas.

Para garantir o rigor metodológico nesta pesquisa, seguiu-se o checklist proposto por Braun e Clarke (2013), que oferece diretrizes claras para manter a coerência analítica. Abaixo segue um quadro baseado no material suplementar de Davison, et al (2021) com 15 pontos do processo da Análise Temática Reflexiva:

Tabela 2

Checklist para Análise Temática

Processo	Nº	Critério
Transcrição	1	Os dados foram transcritos com nível de detalhe apropriado.
Codificação	2	Cada item de dados recebeu atenção igual no processo de codificação.
	3	Os temas não foram gerados a partir de poucos exemplos marcantes e o processo de codificação foi completo, inclusivo e abrangente.
	4	Todos os trechos relevantes para cada tema foram compilados.
	5	Os temas foram checados entre si e em relação ao conjunto original de dados.
	6	Os temas são coerentes, consistentes e distintivos.

Análise	7	Os dados foram analisados – interpretados e compreendidos.
	8	A análise e os dados correspondem entre si.
	9	A análise conta uma história convincente e organizada.
	10	Há um equilíbrio entre a narrativa analítica e os trechos ilustrativos.
Geral	11	Tempo suficiente foi alocado para completar todas as fases da análise adequadamente.
Relatório escrito	12	As premissas e a abordagem específica da análise temática são claramente explicitadas.
	13	Há coerência entre o que se afirma fazer e o que se mostra ter feito.
	14	A linguagem e os conceitos usados no relatório são consistentes com a posição epistemológica da análise.
	15	O pesquisador se posiciona como ativo no processo de pesquisa.

A análise temática se mostra particularmente adequada para investigar o desenvolvimento de migrantes internacionais em processo de transição cultural, pois, o

método revelou-se capaz de capturar tanto as dificuldades individuais dos participantes quanto os padrões coletivos e questões sociais mais amplas, descobertas valiosas não apenas para o meio acadêmico, mas para profissionais da área e formuladores de políticas públicas.

Método

Esta investigação configura-se como estudo qualitativo, é composto por três estudos de caso que envolvem a participação de quatro migrantes internacionais: o estudo um trata de dois migrantes que participaram de uma entrevista e os estudos dois e três enfocam os participantes três e quatro, individualmente, visto terem participado das duas entrevistas. A geração de dados fundamentou-se nas narrativas dos próprios participantes, as quais foram analisadas tematicamente tendo em vista os processos de construção de sentido quando estes discorreram sobre suas trajetórias de vida e a experiência do processo migratório.

Contexto

Esta pesquisa foi conduzida no âmbito do projeto de extensão Bem-vindos: Português como Língua de Acolhimento e Desenvolvimento Humano. A iniciativa é uma parceria entre a Universidade de Brasília e a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Voltado a migrantes internacionais residentes no Distrito Federal, à época o projeto estava em andamento há quatro anos. Ele reúne professores e pesquisadores em torno de uma ação pedagógica, que utiliza o curso de português como língua de acolhimento para promover o desenvolvimento social e humano dos participantes. A iniciativa é orientada pelos princípios de garantia de direitos humanos, saúde e bem-estar, oferecendo suporte e direcionamento específicos a esse público. O projeto visava integrar a Linguística Aplicada (do PLAc) e a Psicologia sócio-histórica, focando na aprendizagem de línguas como instrumento para o desenvolvimento biopsicossocial de migrantes. A proposta ia além dos métodos tradicionais centrados na gramática, priorizando abordagens que considerassem o

contexto cultural, político e econômico dos aprendizes para promover seu desenvolvimento durante o processo de imersão em uma nova cultura.

Participantes

Os participantes desta pesquisa foram selecionados de acordo com critérios estabelecidos entre o pesquisador e a coordenadora do Projeto de Extensão: a) disponibilidade para participar da pesquisa e b) domínio da língua portuguesa necessário para compreender e integrar-se adequadamente ao estudo. A pesquisa contou com a participação de quatro estudantes migrantes que integravam o Projeto em momentos de sua estadia no Brasil. Para preservar o anonimato e seguir os princípios éticos da pesquisa, os participantes serão identificados por nomes fictícios e seus países de origem foram ocultados.

Abdus, de 36 anos, vive no Brasil desde 2011. Formado em Humanidades e Artes, trabalhou profissionalmente em comércios gerais, atuando não apenas em seu país de origem, mas também em outros países da América Latina, incluindo o Brasil. Decidiu migrar para seguir oportunidades de carreira e emprego. Ele possuía vínculos familiares consolidados no Brasil e atuava como microempresário nos setores de turismo e gastronomia. Graças à sua situação profissional estabelecida e à vida estável que construiu no país, não tinha a intenção de mudar-se.

Idris vive no Brasil desde 2019. Durante esse período, morou em estados como Rio Grande do Sul e São Paulo. Com formação em químico-física e especialização em estratégia e finança de empresas, planejou sua vinda ao país para trabalhar em uma empresa de exportação de carnes. No entanto, devido à pandemia da COVID-19, precisou buscar novas oportunidades de emprego, mas optou por permanecer no Brasil. Ele é casado com uma brasileira muçulmana e alcançou desenvolvimento econômico no país, o que lhe proporcionou estabilidade tanto no plano financeiro quanto no emocional.

Armando tem 36 anos. Formado em Engenharia mecânica, migrou para o Brasil com o objetivo de deixar para trás um sistema político-econômico que considerava autoritário e para desenvolver sua relação com uma pessoa com quem iniciou um relacionamento pela internet. Durante a entrevista, não especificou sua área de atuação profissional, mas afirmou possuir certa estabilidade e declarou que o Brasil é um país que oportuniza o desenvolvimento socioeconômico de maneira gradual e progressiva.

Patrícia tem 39 anos e vive no Brasil há quase quatro anos. Ela participava do projeto há um ano e meio. Com formação em Engenharia, Patrícia trabalhava como professora universitária em uma instituição pública de ensino superior em seu país de origem. Decidiu migrar para o Brasil devido à instabilidade política e econômica de seu país. No momento da entrevista estava desempregada e residindo em um lar de acolhimento para mulheres, um período que acarretava instabilidade tanto emocional quanto econômica.

Procedimentos de coleta

Depois de analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, realizaram-se as etapas de coleta de dados por meio de entrevistas.

As entrevistas foram conduzidas pelo pesquisador, que atuava como extensionista no projeto em que a pesquisa foi realizada e é o autor desta dissertação. Anteriormente à fase de entrevistas, foi promovido um processo de criação de vínculo com os possíveis participantes por meio da observação das aulas que frequentavam no projeto de extensão. A fase das observações de aula ocorreu durante 4 meses e das entrevistas, que ocorreu em seguida, durante 2 meses.

O contato inicial foi intermediado pela professora responsável pelo projeto, que facilitou a aproximação entre pesquisador e participantes via *WhatsApp*. A partir disso, os indivíduos contatados foram convidados a preencher um formulário no *Microsoft Forms* para

informar nacionalidade, idade, nome e um número para contato. Tais dados permitiram o agendamento das entrevistas de forma organizada.

O desenho metodológico das entrevistas organizou-se em duas etapas complementares: no primeiro momento houve uma entrevista narrativa aberta semiestruturada e uma entrevista mediada por objetos, aplicadas a cada participante. A primeira etapa buscou coletar narrativas sobre a trajetória migratória até a chegada ao Brasil, enquanto a segunda, explorar os significados atribuídos ao antes e depois da migração. As entrevistas foram audiogravadas em ambientes públicos e abertos, a fim de facilitar o encontro com os participantes durante o processo. Contudo, devido a restrições logísticas, de tempo e à necessidade de continuidade no tratamento dos dados, a aplicação integral do protocolo de entrevistas não foi possível para os participantes Idris e Abdus, que participaram apenas do primeiro encontro, enquanto Patrícia e Armando participaram de ambas as etapas. Conforme sintetizado na tabela a seguir:

Tabela 3

Organização dos participantes por entrevista

Participante:	Entrevista 1:	Entrevista 2:	Tempo somado das entrevistas:
Abdus	Esteve presente	Não esteve presente	30min
Idris	Esteve presente	Não esteve presente	44min
Armando	Esteve presente	Esteve presente	1h17min
Patrícia	Esteve presente	Esteve presente	2h21min

Os encontros foram conduzidos com base em roteiros de entrevista, cujas perguntas orientadoras não possuíam uma sequência predefinida e visavam a criação de um ambiente acolhedor. Esse formato incentivou os participantes a narrarem suas experiências pessoais com liberdade e sem receios, propiciando relatos espontâneos sobre suas histórias de vida.

Houve um momento inicial de entrevista aberta com a pergunta “Me conte sobre a sua vida”, momento em que cada participante contava de forma livre. Em seguida, foram introduzidas perguntas orientadoras semiestruturadas e organizadas em seis eixos temáticos centrais: conceitos de cultura, onde foram exploradas as particularidades culturais do país de origem do participante e eventuais diferenças em relação ao Brasil; funcionamento da educação, para que narrassem sobre o sistema escolar em seu país e quais conhecimentos eram priorizados; organização urbana e arquitetônica, abordada por meio de perguntas sobre a configuração dos bairros e as características das construções do país de origem e no Brasil; questões sobre aprendizado da língua, que buscaram compreender a experiência com o português, incluindo conhecimento prévio, o processo de aquisição e a passagem por uma escola pública da SEEDF que oferta línguas e também o Português como Língua de Acolhimento; e, por fim, os eixos de saudade e recordação e comunidade e acolhimento visaram acessar, respectivamente, os sentimentos de nostalgia (ou sua ausência) em relação ao país natal e a existência (ou desejo) de vínculos comunitários e práticas coletivas no Brasil.

Ao final da primeira entrevista foi solicitado que no encontro seguinte trouxessem dois objetos: um que representasse seu país de origem e outro, sua vida no Brasil. Na segunda sessão, houve uma entrevista centrada nos objetos trazidos iniciada pela pergunta “Me fala sobre os objetos que você trouxe”, semiestruturada pelos seguintes eixos temáticos: transição cultural e a mudança na autoimagem, com objetivo de saber sobre o processo de mudança para o Brasil, a motivação para deixar o país de origem e as razões para escolher o Brasil como novo domicílio; percepção do participante sobre ser migrante ou refugiado, para saber sobre sua experiência de vida no país; relações contextuais entre passado e presente, buscando comparar aspectos como a vivência cotidiana, os sistemas educacionais e o perfil das pessoas entre seu país natal e o Brasil; questões culturais, com foco na impressão do participante sobre a cultura brasileira e nas diferenças percebidas após a mudança; aspectos linguísticos, em especial ao

processo de aquisição do português como língua adicional, que incluiu perguntas sobre estratégias de comunicação, momentos marcantes de compreensão mútua, eventuais episódios durante o aprendizado e se a língua portuguesa ofereceu novas formas de expressão; e, por fim, expectativas futuras, com a intenção de saber se o participante pretende permanecer no Brasil ou viver em outro lugar, além de seus planos para o futuro no país.

Análise

Realizou-se a transcrição integral das entrevistas de cada participante. Em seguida, aplicou-se a análise temática (Braun e Clarke, 2021), método que consistiu em sucessivas leituras e releituras dos dados com o objetivo de identificar unidades de análise relevantes. Tais unidades correspondem a padrões de temas que, construídos das entrevistas narrativas, foram significativos tanto para os participantes quanto para os objetivos desta investigação. Estes procedimentos fundamentaram a construção dos resultados e o desenvolvimento da discussão.

Para otimizar e padronizar o tratamento e a análise dos dados, as entrevistas foram organizadas em três estudos distintos: o Estudo 1 dedicou-se à análise temática das entrevistas dos participantes Abdus e Idris; o Estudo 2, à análise das duas entrevistas do participante Armando; e o Estudo 3, à análise das duas entrevistas da participante Patrícia.

Resultados

Os resultados indicam que ao longo das entrevistas de cada participante, temas comuns a todos ocorreram de forma redundante. Foram identificados três temas centrais os quais giram em torno de experiências do processo migratório, como: 1) a mudança de país, a transição cultural; 2) o aprendizado do português como língua adicional; e 3) a busca por estabilidade econômica e emocional. Os resultados foram organizados em três estudos. No estudo 1, optou-se por juntar os dois participantes que só tiveram disponibilidade para participar da primeira

sessão de entrevistas. Nos estudos 2 e 3, descreve-se os resultados dos participantes 3 e 4, individualmente, visto terem participado das duas sessões de entrevistas. Desse modo, foi possível a identificação de padrões gerais e orientações subjetivas, tratando-se a profundidade interpretativa das experiências singulares, enriquecendo a compreensão do fenômeno estudado.

Estudo 1

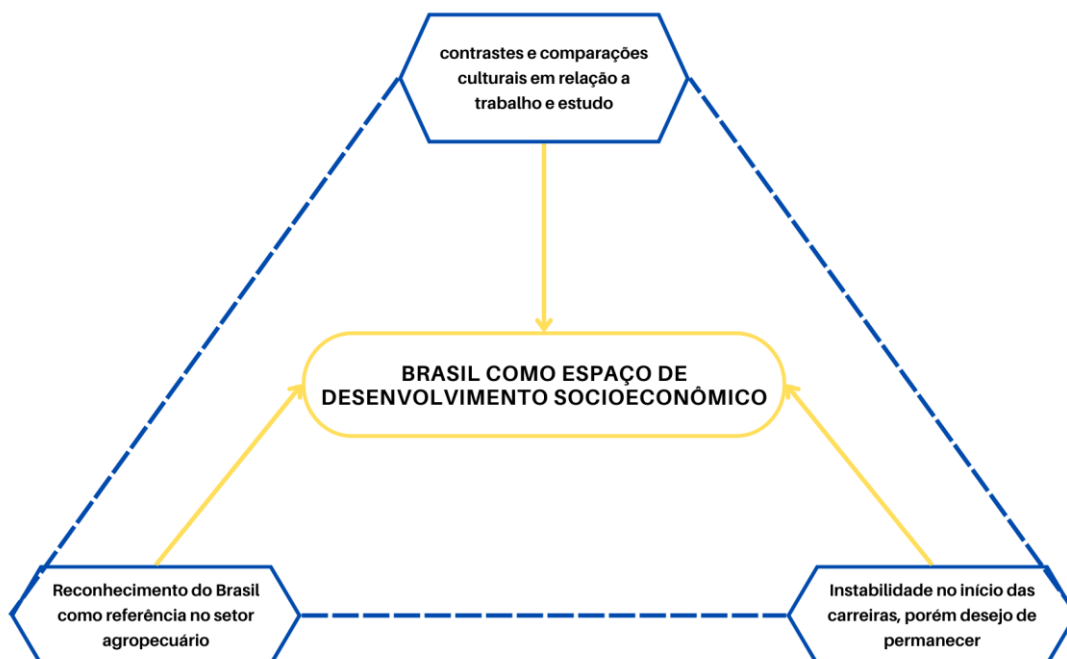
Da análise dos dados de Idris e Abdus, foram construídos três temas de sentido principais em suas narrativas: a) a representação do Brasil como um espaço de oportunidade socioeconômica nos ramos alimentício e agropecuário ; b) a agencialidade, o outro e o PLAc no desenvolvimento linguístico e na integração cultural; e c) as negociações identitárias e os contrastes culturais experienciados na condição de migrante muçulmano, caracterizada sobretudo na comparação de práticas culturais no cotidiano e distanciamentos nas práticas religiosas. A seguir serão apresentados os resultados segundo os temas.

A Representação do Brasil como Espaço de Oportunidade Socioeconômica

Os participantes, em suas narrativas, contextualizaram as oportunidades socioeconômicas no Brasil em comparação com a realidade de desenvolvimento de seus países de origem. Alternaram entre: a ênfase em semelhanças educacionais e laborais em seus países de origem e o Brasil; a inserção no mercado de trabalho brasileiro por meio do setor agropecuário e o reconhecimento de significativas possibilidades e progressão em carreiras; e o desejo de permanecer no Brasil mesmo passando por certas instabilidades no início de suas carreiras. Essa convergência de experiências e significados aponta para um tema central: a percepção do país como um território promissor para o progresso socioeconômico, conforme sintetizado na figura abaixo:

Figura 1

Brasil como espaço de desenvolvimento socioeconômico



Nas próximas seções, serão contextualizados os discursos dos participantes em relação aos subtemas trazidos por eles, com enfoque na lógica discursivas e nas interpretações que conferiram sobre suas experiências no Brasil.

Contrastes e comparações em relação a trabalho e estudo

Abdus reconhece o potencial de crescimento do [país de origem], particularmente no setor alimentício, embora destaque que, para ele, este ainda não se equipara ao nível de desenvolvimento já consolidado no Brasil:

“Na verdade, o país [país de origem] tem muita capacidade de crescer, ele é muito rico. Tem muito. A gente planta muitos arroz, feijão, açúcar, todos os tipos, mas desde 2010 para cá, a gente tá voltando para trás, a gente tem bairros, tem cidades, mas não tão planejado como Brasil [...]” (Abdus)

Ele relatou que, embora tenha trabalhado e estudado no [país de origem], onde desenvolveu competências laborais e sociais, foi no Brasil que sua trajetória profissional propriamente dita se iniciou e se consolidou:

Eu trabalhava e estudava, eu tinha uma loja de celulares, to dizendo na época de 2010. Naquela época nem todo mundo tinha celular, então eles usavam cartão para fazer ligação e eu tenho toda essa facilidade para pessoas e eu trabalhava e estudava. Mas eu não trabalhei do jeito que eu trabalhei no Brasil, eu comecei minha carreira profissional em Brasil [...] (Abdus)

O participante expressou também sobre as oportunidades que percebeu no Brasil, destacando o país como um destino potencialmente favorável para investimentos e estabelecimento de outras pessoas da sua cultura, não apenas nas perspectivas de desenvolvimento socioeconômico, mas também no potencial de enriquecimento e valorização cultural:

Porque vamos supor, antes aqui em Brasília não tinha muitas opções, se você vê não tinha *starbucks*, não tinha *dominos*, não tinha *KFC*, não tinha vários das marcas internacionais. Não tinha chinês, não tinha sushi, se você vê tem poucos anos que começou. Então não tem comida [do país de origem] no Brasil, tem alguns restaurantes desde os últimos cinco, seis anos que abriram, mas ainda tem poucos comparado a sushi. Então a gente quer que a nossa comunidade, que o povo do nosso país venha aqui investir, trabalhar bem, virar uma comunidade grande. (Abdus)

Idris relatou que, no [país de origem], mesmo após a conclusão de toda a sua trajetória acadêmica, incluindo um mestrado, ele se deparou com oportunidades profissionais equivalentes às de pessoas sem qualificação superior, e salientou a existência de uma dinâmica semelhante no Brasil no que se refere às oportunidades no setor público:

Terminei, comecei a trabalhar lá tudo mais, lá é tipo assim, ter diploma não é tudo, entendeu? Se você não tem experiência você não vai ter nada. Comecei do zero também: fez mestrado, não fez mestrado, começa tudo igual, não interessa. Tem gente que vai para os concursos, igual aqui[...] (Idris)

Ainda assim, ao ponderar outras possibilidades de imigração, o participante refere-se a uma semelhança cultural com os brasileiros, citando-a como fator determinante para sua preferência em estabelecer-se no país: “[...] porque a gente é igual brasileiro, a gente tem a cultura de migrar assim. Aí eu tava vendo assim de ir pra Europa [...] aí apareceu oportunidade aqui, entendeu?” (Idris)

Os discursos de ambos os participantes evidenciam comparações e contrastes entre seus países de origem e o Brasil no âmbito profissional e educacional, revelando um padrão significativo sobre desenvolvimento socioeconômico.

Brasil como referência no setor agropecuário e alimentício

Ambos os participantes manifestaram, ainda que por meios diferentes, um interesse prévio em migrar para o Brasil por motivos laborais. O incentivo comum foi a percepção do país como um polo atrativo para profissionais qualificados, com menções específicas aos setores do agronegócio e da pecuária. Em caso particular, o participante Abdus inicialmente direcionou seus objetivos profissionais para a América Latina como um todo, tendo posteriormente sido convidado para o Brasil por contato pessoal no país em que vivia anteriormente, que lhe destacou as oportunidades existentes no país, como ele relatou:

Eu cheguei pelo Equador primeiro, do Equador eu fui para o Peru, e eu tava trabalhando e morando lá. Um amigo meu falou ‘vamos para o Brasil porque lá tem uma empresa que transporta muito frango para os países árabes e eles estão sempre

precisando de pessoas qualificadas'. Então a gente decidiu vir. Aí agora a gente teve que decidir ficar ou voltar e a gente decidiu ficar[...] (Abdus)

Embora em seu relato não tenha ficado claro se a possibilidade de retorno era para outros países da América Latina ou para o seu país de origem, Abdus deixou transparecer seu desejo e, presumivelmente, o de sua família de permanecer no Brasil.

Por outro lado, Idris demonstra o interesse pelo agronegócio desde a sua formação acadêmica no [país de origem]. Antes de imigrar, ele já se dedicava ao estudo de análise e estratégia empresarial, área em que é especializado. Em seu relato ele destacou que, em suas pesquisas, o Brasil constantemente aparecia como uma referência central no setor:

Cara, eu tava focando no agro. E o maior, tem Estados Unidos e aqui, mas aqui é bem conhecido no agro e tudo mais. Eu tava interessado em fazer análise de mercado, fazer, como chama? corretoras de grão. Comecei a estudar e sempre achava referência ao Brasil, referência à soja, e isso que me deu, tipo assim: 'por que não tentar lá?'. E foi bom porque hoje em dia eu uso o conhecimento nisso. A gente faz exportação de alimentos, de grão, então não foi tiro no escuro, foi bem direcionado. (Idris)

As exposições de Idris e Abdus indicam a posição do Brasil como referência no setor agropecuário e seu poder econômico-cultural, demonstrando-o não apenas em um polo industrial atrativo, mas também como uma potente fonte de riqueza interna.

Desejo de permanecer no Brasil, apesar de instabilidades

Apesar do claro interesse na migração para o Brasil manifestado por ambos os participantes, das afinidades socioculturais com o Brasil identificadas em suas trajetórias acadêmicas e/ou profissionais, e de seu efetivo estabelecimento no país, seus discursos ainda indicaram dificuldades e instabilidades no início de suas carreiras no Brasil.

Abdus relatou que, desde que migrou para o Brasil, transitou por diversos empregos em distintos setores do mercado de trabalho. Essa trajetória multifacetada evidencia uma notável flexibilidade para adaptação a diferentes contextos mercadológicos e, por outro lado, revela a ausência de estabilidade e a dificuldade de consolidação em uma única área, aspecto marcadamente expresso em seu discurso:

Bom eu me mudei para o Brasil em 2011 e eu trabalhei numa padaria, trabalhei numa empresa de importação de frango, trabalhei numa empresa de turismo, trabalhei no aeroporto de Brasília e agora sou empresário. Tenho minha empresa de turismo e tenho um restaurante, que agora está fechado, e tenho outros segmentos que faço para sobreviver. (Abdus)

Idris ressalta que sua imigração para o Brasil foi muito bem planejada, o que, em sua avaliação, resultou em uma experiência distintamente mais estável e com menos contratempos em comparação à de outros migrantes que também se estabeleceram no país.

A minha história não é tão interessante porque a minha chegada aqui no Brasil foi tipo bem planejada. Tem gente, tenho amigos do [país de origem] que tá mais difícil e cada um tem a história deles. Eu, graças a Deus, tive a oportunidade de ter um bom trabalho, o conhecimento me deu as ferramentas, sabe? (Idris)

Contudo, em contraponto a essa declaração, o próprio participante relatou que enfrentou dificuldades laborais durante a pandemia de Covid-19, evento com impacto global que afetou profundamente a população trabalhadora em todo o Brasil e gerou consequências sociopolíticas, como relatado:

A primeira coisa que eu fiz foi atendimento ao público, trabalhei como operador de caixa. Então eu trabalhei com dinheiro, foi na época que eu peguei o corona vírus duas vezes [...]. Por que né atendimento você vai fazer o quê? Graças a Deus não foi muito, eu sou daqueles casos que não tinha muito impacto, eu sentia, mas passou

como uma gripe normal. Um pouquinho de falta de ar, mas eu continuei, porque não tem como, não tem como parar. (Idris)

As narrativas dos participantes Abdus e Idris a respeito dos primeiros anos no Brasil oferecem uma perspectiva marcada por contrastes e comparações culturais em relação aos seus países de origem, especialmente no que tange trabalho e estudo. Ambos reconhecem o Brasil como referência central no setor agropecuário e alimentício, no entanto, também relatam experiências de dificuldades e instabilidade no início de suas trajetórias profissionais no Brasil e, ainda assim, manifestaram o desejo de estabelecer-se no território nacional. Os discursos analisados podem ser consolidados em um eixo narrativo comum, a partir do qual é possível identificar que o tema central gira em torno do reconhecimento do Brasil como um espaço propício ao desenvolvimento socioeconômico.

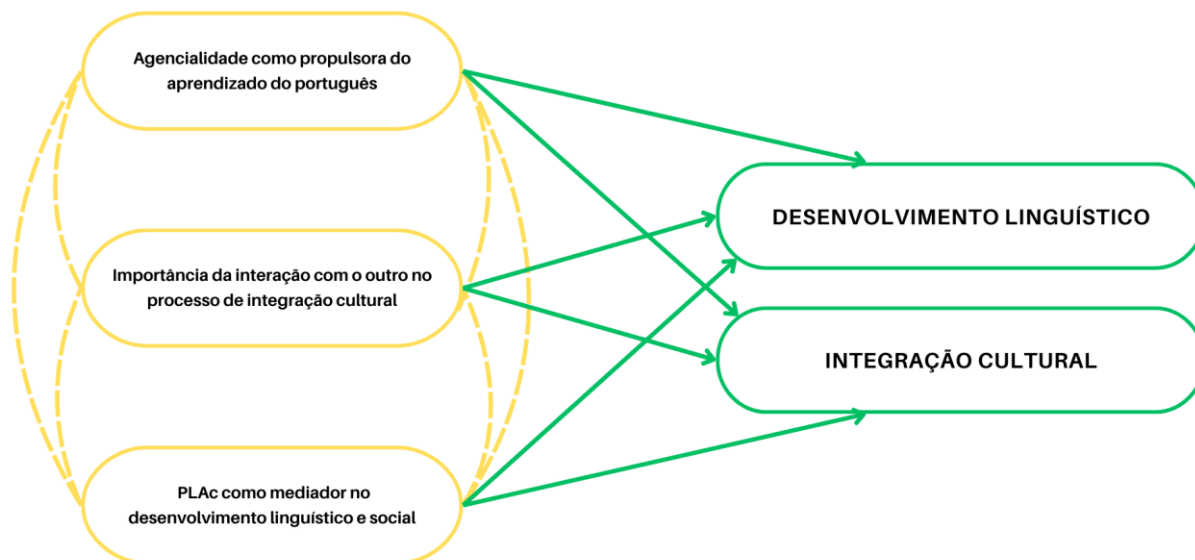
A Agencialidade, o Outro e o PLAc no Desenvolvimento Linguístico e na Integração Cultural

Os participantes descreveram, em suas narrativas, as etapas do processo de aprendizado do português como língua adicional e relataram suas experiências de inserção cultural por meio da interação com brasileiros e da vivência no país. Foi possível compreender dos padrões em seus fluxos narrativos: a agencialidade como propulsora do aprendizado do português; a importância da interação com o outro no processo de integração cultural; e o PLAc como instrumento mediador no desenvolvimento linguístico e social.

Seus relatos demonstraram que a agencialidade, o outro e o acolhimento são ferramentas significativas no processo de desenvolvimento e configuram-se muito proveitosos no processo de integração cultural. Como demonstrado na figura a seguir:

Figura 2

O Papel da Agencialidade, do Outro e do PLAc no Desenvolvimento Linguístico e na Integração Cultural



Nas seções a seguir serão tratadas as narrativas dos participantes, de acordo com os subtemas relacionados ao desenvolvimento linguístico e integração cultural, com o objetivo de elucidar a interface entre esses subtemas e o papel da agencialidade, do outro e do PLAc.

Agencialidade como propulsora do aprendizado do português

Ambos os participantes demonstraram nos seus discursos que agiram de forma ativa e intencional em seus contextos socioculturais para aprender português. Esses posicionamentos evidenciam a agencialidade como um elemento no processo de aprendizagem de línguas.

Abdus já havia aprendido espanhol como língua adicional por ter morado em outros países da América Latina. As línguas espanhola e portuguesa compartilham um vocabulário e estruturas semelhantes, mas diferem na gramática e na fonética, por isso, ele relatou enfrentar confusões em construções específicas. Ainda assim, deixou claro o esforço que fazia para falar o mais próximo possível do português, apesar de achá-lo difícil: “Quando eu estava no

metrô a gente ainda tentava falar ‘Bom dia’, eu me lembro, ‘boa tarde’, porque lá a gente falava ‘buenas tardes’, [...]. Mas o idioma mais difícil que eu achei foi o português.” (Abdus)

Apesar dos desafios, Abdus ressaltou que a prática diária foi determinante para o progresso, usando as novas tecnologias da informação como alavanca para o aprendizado. Ele ainda atribuiu à repetição a melhoria significativa em sua pronúncia:

“Então para eu colocar na minha cabeça novas frases foi difícil, mas eu comecei a pegar o celular, traduzir as palavras, começava a praticar, e as palavras que eles me falavam eu tentava pronunciar todos os dias e começava a falar. Vamos supor a palavra “licença”, “com licença”, eu vou tentar praticar o máximo para saber o que significava.” (Abdus)

Abdus reitera que decidiu intencionalmente repetir palavras e estruturas diariamente para assimilá-las. Ele afirma que compreende ser inevitável o esquecimento de uma língua quando ela não é praticada:

“Por que vamos supor você tá aprendendo um idioma e você sabe [...] se você não usar mais de um dia, dois dias, você vai esquecer, entendeu? Porque em espanhol a gente falava “con permiso?”, então não tem nada a ver. Então foi difícil, tive que praticar frases ou palavras todo o dia, mais de um dia, até 3 ou 4 dias. Tem palavras que eu tenho dificuldade até hoje de pronunciar” (Abdus)

Idris mencionou que iniciou seus estudos do idioma antes da migração, a fim de se preparar para essa transição. Contudo, o conhecimento básico que adquiriu mostrou-se insuficiente para uma compreensão plena, resultando em dificuldades para se expressar oralmente:

Cara, eu comecei a estudar o português em 2018, antes de vir para cá, eu estudei o inglês também sozinho, todas aquelas regras gramáticas tan tan tan. Só listening e tentar falar as palavras, tentar ver a pronúncia, tentar fazer umas frases simples e tudo

mais, a gente começa sempre ‘oi, olá’. É assim. Cheguei aqui já tendo o beabá, mas pra falar eu não falava nem uma palavra, tinha nem coragem porque trava. (Idris)

Idris relatou que, ao chegar ao Brasil, o idioma se apresentou como barreira inicial ao processo de ambientação, contudo, esta barreira funcionou como um estímulo para a persistência em seu aprendizado, resultando em uma compreensão mais profunda da língua e da cultura.

A primeira barreira foi o idioma né?, aí procurei, comecei a estudar, aí comecei as minhas coisas aqui. Aí que me ajudou bastante [...] aí foi os primeiros passos para aprender até a cultura. Porque não é só o idioma, a cultura brasileira é diferente.

(Idris)

Idris também afirmou que sua meta era comunicar-se em português no Brasil. Essa decisão deve-se ao fato de outros idiomas estrangeiros não serem amplamente utilizados pela população e à sua crença de que usar a língua oficial do país aproxima o aprendiz dos falantes nativos:

Eu tinha uma meta de no primeiro ano eu tenho que já falar o português, porque não dá, não dá pra viver no país que você não conhece a língua, e principalmente aqui no Brasil, raramente consegue encontrar alguém que fala outro idioma, a gente vê de qual é com inglês, francês, um pouquinho de espanhol, mas não serve pra nada. Você tem que estudar o português, você tem que comunicar. É uma coisa muito boa porque quando você se comunica com próprio idioma do país, você tá mais, sabe, a proximidade, você é mais próximo. (Idris)

Como morou em regiões diferentes do Brasil, fica evidente em seu discurso a diversidade e dimensão linguística do Brasil, que abriga inúmeras variantes. Ele comenta que, apesar dessa diversidade, é possível aprender e se acostumar com a variação, mesmo com dificuldades:

Ah posso até conversar em inglês e tudo mais, mas não, eu tentei conversar em português. É difícil, é. É trabalhoso, é. Principalmente nos diferentes sotaques aí, cada região tem os diferentes sotaques. Principalmente quando alguém fala muito puxado, mas isso é o primeiro contato, mas depois você se acostuma. (Idris)

Além disso, Idris indica a existência de variações relacionadas às diferenças entre o português oral e o escrito e as gramáticas normativas. Em seu discurso é possível observar que, no Brasil, o português popular, falado pela maioria da população, não segue rigorosamente a norma padrão prescrita pelas gramáticas e livros didáticos, o que lhe trouxe um sentimento tranquilizador em relação aos desvios da norma:

[...] eu não tenho medo assim de errar, porque eu não to aqui pra ser avaliado, o essencial da comunicação é te passar o que eu quero e entender o que você quer. ‘Ah eu falei do jeito errado’, mas entendeu, então pronto. Da próxima vez eu vou tentar acertar. Isso é uma coisa boa aqui do Brasil, ninguém vai te encher o saco porque você falou uma palavra errada porque a maioria também fala. Depois a gente descobre que tem umas palavras que não tem cabeça nem pé, toda bagunçada, mas enfim, eu tinha coragem de errar e isso me ajudou bastante (Idris)

As narrativas dos participantes evidenciam a agencialidade de ambos no processo de aprendizagem do português, atribuindo importância da prática para a aquisição linguística, a assimilação do idioma e uma melhor compreensão da cultura brasileira. Além disso, os relatos indicam a relevância de aprender a língua oficial do país de acolhimento, como demonstra a seguinte fala de Idris: “O português é uma necessidade, não é um luxo, aqui no Brasil você tem que falar português.” (Idris)

A importância da interação com o outro no processo de integração cultural

Ainda sobre seu processo de aprendizagem do português, Abdus relatou que também praticava cotidianamente com outros falantes nativos, que o ajudavam a entender e identificar falsos cognatos, promovendo uma maior interação com o outro e integração com a cultura brasileira. Essa interação o auxiliou a assimilar melhor as diferenças entre o espanhol e o português, conforme ilustrado em seu relato:

Minha escola foi assim, com brasileiros porque meu primeiro emprego aqui foi em uma padaria. [...] Como eu falava um pouquinho do espanhol, até hoje eu falo muitas palavras do espanhol no português, então as pessoas do meu trabalho até brincavam comigo porque no português a gente fala copo e no espanhol falava vaso. Então o brasileiro brincava, mas com essas brincadeiras eu aprendi muitas coisas com eles. [...] então eles me falavam é mesa, é cadeira, é prato, é talheres. (Abdus)

Abdus atribui importância ao acolhimento dos brasileiros, destacando fatores socioafetivos como a receptividade e a prestatividade. Dessa forma, infere-se que a interação social é importante não apenas para a aquisição da língua, mas também para a integração cultural.

[...] os brasileiros são muito acolhedores, quando eles veem que um estrangeiro não consegue falar, que não entendem, eles abraçam, [...] eles estão prontos para ajudar, se eles têm tempo eles levam para onde você quer chegar. Eles vão te ajudar. É a mesma coisa no [país de origem], se eles veem que você é brasileiro e você não está conseguindo, não importa que ele tem mil coisas para fazer, ele vai tirar o tempo, vai te levar, vai te ajudar e não vai cobrar nada. (Abdus)

Idris aponta sua esposa, que conheceu no Brasil, como principal referência para compreender a cultura local. O apoio dela foi importante para que ele entendesse os brasileiros, demonstrando que a mediação do outro é um fator significativo na integração cultural.

A minha esposa quando eu conheci ela, ela já era brasileira e muçulmana[...]. E tipo assim foi uma ajuda bastante porque ela conhecia mais a cultura brasileira e ela fez essa transição pra mim, pra não ter aquele choque cultural, pra não ter coisas que eu faço que o outro acha ruim, e eu faço alguma coisa que brasileiro acha de boas que eu vou achar ruim. (Idris)

Além disso, em diversos momentos de sua fala, ele ressalta que seu desenvolvimento linguístico foi construído por meio da relação com a esposa. Isso fica evidente quando menciona o domínio do português por sua esposa como um apoio essencial, destacando a importância do afeto como um elemento no processo de ensino e aprendizagem, como demonstra: “[...] tipo casar com brasileiro é uma oportunidade porque você vai praticar o tempo todo, você quer falar alguma coisa você vai falar o quê? O português.” (Idris)

Por fim, ao tratar da importância da interação com o outro para o desenvolvimento linguístico e a integração cultural, Idris defende a ideia de que não há como se desenvolver sem se permitir interagir com o outro e ter contato com sua cultura. Seu discurso demonstra a relevância da integração entre culturas diferentes para a aquisição linguística e para a compreensão de visões de mundo relacionadas ao aspecto socioafetivo.

“É o que eu sempre falo com os imigrantes quando a gente tá conversando, é o dia a dia, é o conversar, não tem que ficar nos núcleos assim, cada um, tipo assim, os venezuelanos só vão com os venezuelanos, os árabes só com os árabes, em geral. Aí fica lá porque você não pratica, não faz nada, não conhece a cultura do lugar que você tá morando” (Idris)

PLAc como instrumento mediador no desenvolvimento linguístico e social

Ambos os participantes reconheceram a importância do projeto de extensão oferecido pela SEEDF, apontando-o como um mediador em suas trajetórias de desenvolvimento.

Abdus, por exemplo, relata que ingressou no projeto após muitos anos vivendo no país. Ele admite que, mesmo depois de tanto tempo buscando compreender e aprender português, ainda há mais a aprender. Outro ponto destacado por ele foi a gratuidade do ensino: “Depois de tempos[...] depois de acho que 7 ou 8 anos eu conheci essa escola que dava curso para estrangeiros gratuitamente e aí eu me cadastrei, estudei, mas ainda preciso aprender muitas coisa.” (Abdus)

Destaca ainda o atendimento individualizado oferecido pela equipe do projeto. Ele declara que a equipe focava nas dificuldades de aprendizagem de cada estudante, e também em suas questões sociais, visando a um processo de ensino-aprendizagem mais direcionado e menos generalizado:

[...] na escola essas professoras são ótimas. Muita coisa que aquele estrangeiro não querem aprender, não tem como ensinar, mas eles (equipe do projeto) faz tudo, eles chama, eles vão sentar com cada aluno, perguntar qual a dificuldade dele, vão ajudar. (Abdus)

Ele também ressalta a importância da pluralidade cultural no projeto, explicando que essa diversidade foi fundamental para seu bem-estar durante o processo de integração.

Destaca que a variedade de nacionalidades entre os aprendizes foi um fator importante para se sentir acolhido enquanto pessoa migrante:

[...] quando a gente tá na [escola] a gente não sente que a gente é estrangeiro, porque eles nos tratam tão bem. Não sei se você já foi lá, ou você pede para acompanhar uma aula, você vai conhecer vários estrangeiros de país africano, de país do Oriente médio, américa latina, alguns europeus e eu acho muito bacana. (Abdus)

Ao refletir se o projeto fez diferença em sua experiência no Brasil, Abdus destaca o ensino de questões socioculturais que diferenciam a cultura brasileira da muçulmana. Ele ressalta que não apenas os aprendizes muçulmanos aprendiam sobre a cultura local, mas os

demais membros da comunidade também conheciam aspectos importantes da cultura islâmica. Esse tipo de contato em ambientes educacionais promove uma integração sociocultural importante, em sua visão.

[...] faz diferença mesmo, eles são ótimos. Ensinam muito bem, acompanha todo mundo [...]. E também eles tomam muito cuidado quando eles faz algumas festas, entendeu, eles já fala “ah essa mulher não dá abraço”, porque no Brasil é assim: você já chega dá beijinho, dá abraço, você conhece ou não conhece. A gente também não come carne de porco, nem presunto, mortadela, quando eles faz alguma festa, eles trazem alguma coisa, a professora falava que tem gente aqui que tem religião muçulmana, então por favor não traz nada. Então você traz coisas que todo mundo pode compartilhar. (Abdus)

Idris relata que ingressar no programa foi importante para retomar alguns aspectos do português que já havia visto anteriormente em seu processo de aprendizagem, o qual teve início antes mesmo de ele vir para o Brasil: “[...]o português eu entrei no programa, aquele programa da UnB. Foi bom pra fazer a gramática, pra voltar [...]” (Idris). Também destaca que sua experiência no programa foi positiva em relação ao atendimento mais individualizado e direcionado. Idris relata que a equipe levava em consideração as dificuldades específicas de cada aluno no processo de aprendizagem da língua e seu desenvolvimento pessoal:

É foi bom porque aí deu pra mim umas ferramentas que eu tive a oportunidade de ter assim no dia a dia, que cada um tem um limite de onde ele fica e tudo mais, foi uma oportunidade muito boa para mim, pra eu crescer como pessoa né. (Idris)

Idris ainda esclarece que seu conhecimento prévio da língua portuguesa o colocava em vantagem em questões de aquisição linguística, fazendo com que se sentisse, em suas próprias palavras, como se estivesse "enganando" sua turma. Entretanto, ele ressalta que a

principal importância do Projeto estava em outro aspecto: o suporte a questões sociais para o desenvolvimento de migrantes no Brasil, destacando processo de revalidação de diplomas.

[...] eu sempre falo que eu fui um golpe porque eu entrei lá já sabendo das coisas, então foi mais pra, pra é só cumprir aquelas coisas que faltam e ver como que é a vida. É o seguinte foi também bom, uma boa ação, porque eu descobri que tem várias coisas que posso fazer pra revalidação de diploma, eu conheci gente da unb e tudo mais, então abriu caminho pra outras coisas. (Idris)

As narrativas dos participantes sobre seus processos de desenvolvimento linguístico e integração cultural revelaram tanto similaridades quanto disparidades em seus fluxos de aprendizagem e nos seus distintos níveis de imersão cultural ao longo das trajetórias vividas no Brasil. Ainda assim, foi possível destacar que ambos os participantes apontaram suas agencialidades individuais como fatores essenciais para o desenvolvimento, as quais tiveram efeitos concretos em seus processos de aprendizagem da língua portuguesa. Eles também evidenciaram a interação com o outro como um elemento de grande importância para a assimilação linguística e a adaptação cultural no país. Por fim, abordaram as contribuições essenciais que o PLAc, enquanto ensino formal, trouxe para seus processos de desenvolvimento sociocultural e linguístico.

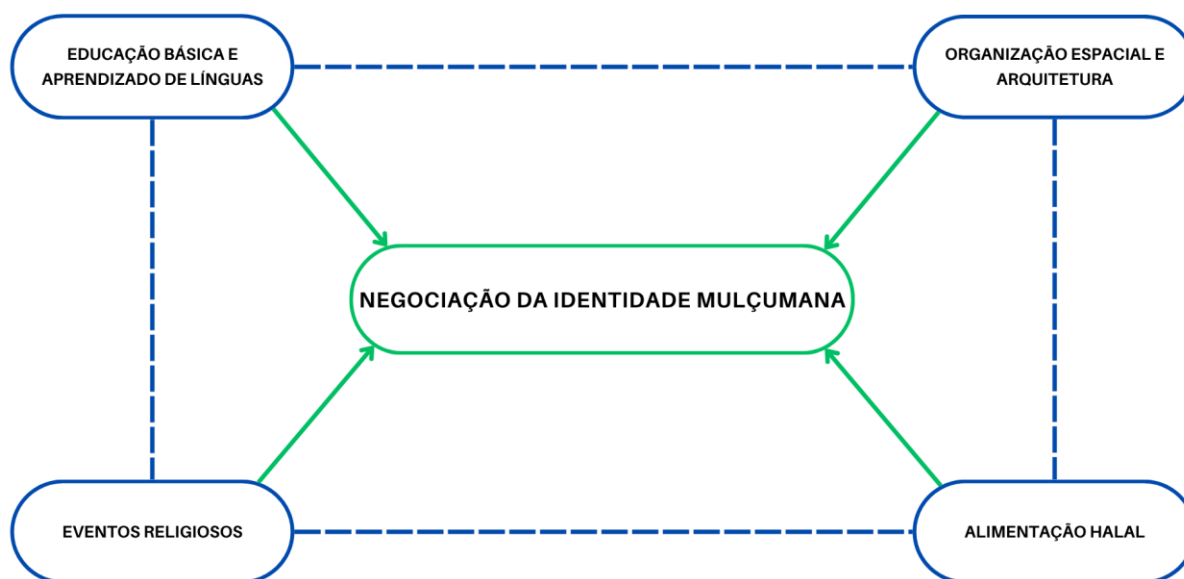
Negociações Identitárias e os Contrastes Culturais Experienciados na Condição de Migrante Muçulmano

No processo discursivo sobre a experiência de ser muçulmano no Brasil, os participantes relataram negociar sentidos em diversos aspectos da cultura brasileira em comparação com a de seus países de origem. Como nasceram em países islâmicos, ambos precisaram negociar suas identidades em diferentes aspectos, principalmente no que diz respeito ao contraste entre: a educação básica e o aprendizado de línguas adicionais; a

organização espacial e a arquitetura; os eventos religiosos; e a alimentação Halal, conforme sintetizado na figura:

Figura 3

Negociações identitárias na condição de migrante muçulmano



Nas próximas seções, os discursos dos participantes serão tratados de acordo com os subtemas apresentados, com o objetivo de evidenciar como ocorrem as negociações identitárias no contexto brasileiro.

A Educação Básica e o Aprendizado de Línguas Adicionais

Em suas narrativas, os participantes destacaram ser comum nas famílias muçulmanas o ensino do árabe como língua adicional. Essa prática decorre do fato de o Alcorão, livro sagrado do Islã, ser integralmente redigido em árabe, considerado um idioma divino. Além disso, mencionaram que muitos países islâmicos foram colonizados por nações europeias, o que resultou na adoção da língua do colonizador como meio de instrução na educação básica.

Esses fenômenos histórico-culturais criam um contraste com a realidade brasileira, aspecto que os próprios participantes revelaram ao discorrer sobre suas formações identitárias.

Em seu relato, Abdus descreve o processo de aprendizado de línguas em seu país de origem, destacando o plurilinguismo como uma característica fundamental de sua formação:

[...] no começo, mãe e pai ensina os filhos. [...] Não é que a gente aprende realmente, mas é que nosso livro sagrado se chama alcorão, em árabe, então nosso mãe e pai começa a nos ensinar como ler alcorão. Então consigo ler e entender. Mas, passando tempo, você já consegue entender. [...] Então supomos se eu nasci numa região que fala hindi, ou urdo, ou punjabi, eu vou primeiro aprender esse idioma. Em seguida vou aprender o árabe, [...] e aí quando vamos para escola, com 5 ou 7 anos, começamos a aprender inglês, o básico. Então até chegar 15 ou 18 anos a gente tinha que tá falando 3 idiomas: o nosso idioma do [país de origem], o urdo, o árabe e inglês quando a gente vai para escola. Porque a gente foi colonizado pelos britânicos, então a língua oficial é urdo e inglês. (Abdus)

Idris descreve a mesma experiência plurilíngue em sua formação básica, evidenciando que o aprendizado de línguas adicionais integra-se à cultura islâmica e à identidade muçulmana:

[...] é basicamente o sistema francês. [...] A gente começa seis anos e tem seis anos no ciclo primário, depois cinco anos de fundamental, e mais 3 anos que é médio. [...] E lá você estuda em árabe, francês e inglês. Então no primeiro ano você estuda em árabe, no terceiro já começa francês e depois começa o inglês. Aí você vai ter um professor em árabe, e todo estudo do idioma [...] (Idris)

Além da experiência com o aprendizado de línguas na educação básica, Idris também relata a existência de uma variação dialetal em seu país de origem. Ele destaca que, sempre que encontra um conterrâneo, pratica o dialeto com o objetivo de não o esquecer:

“A gente só se encontra mais ou menos no fim de semana e só pra bater um papo em Dialeto X, [dialeto do país de origem], pra não esquecer, é só isso. É um dialetal árabe, tipo assim gíria. Mistura de francês com árabe. O dialeto X não tem regras também, a gente só fala, mas quando escreve se escreve com árabe padrão.”

Os pontos em comum trazidos pelos participantes revelam que o aprendizado de línguas adicionais constitui um fenômeno fundamental na formação da identidade muçulmana, um aspecto que contrasta com a realidade cultural brasileira.

Organização espacial e Arquitetura

Abdus e Idris discorreram sobre a organização espacial e arquitetônica de seus países de origem, estabelecendo um contraste com a realidade brasileira, em especial com a arquitetura de Brasília, cidade onde residem. Em ambos os relatos, evidencia-se a influência da religião muçulmana nesse aspecto, uma vez que os participantes associam a dificuldade de praticar seus rituais cotidianos no Brasil. Foi possível identificar distinções significativas na organização espacial e na arquitetura entre seus países de origem e o Brasil. Essas diferenças manifestam-se principalmente na disponibilidade e quantidade de templos religiosos e em outros espaços relacionados à identidade muçulmana.

Abdus, ao relatar sobre sua rotina no Brasil, destaca que a diferença fundamental reside nas orações diárias: “Totalmente diferente. Porque lá a gente começa nossa manhã com primeira oração, cinco horas, quatro, depende do tempo porque depende do horário de nascimento do sol e aqui a gente não tem isso.” (Abdus)

Ao detalhar sua rotina de orações, ele explica enfrentar dificuldades específicas em Brasília devido à falta de templos da sua fé, o que compromete a prática de seus rituais cotidianos, evidenciando um contraste arquitetônico e urbanístico significativo entre seu país de origem e o Brasil:

Por exemplo se a gente mora no [exemplo de localidade em Brasília] a gente tem que ir lá para a Asa Norte, ou Taguatinga, ou Samambaia. Porque, como posso dizer [...] mesquitas, como vocês tem templos, como vocês tem igrejas, a gente só tem aqui 3 mesquitas. Uma na Asa Norte, em Taguatinga e o terceiro em samambaia. Então fica muito longe. (Abdus)

Idris relata a mesma dificuldade em relação à disponibilidade de mesquitas, explicando que a escassez e a distância desses espaços dificultam a prática de seus rituais religiosos. Coincidentemente, sua entrevista ocorreu no mesmo dia em que precisou comparecer a uma mesquita, o que o levou a destacar:

“Sinto falta de mesquitas, porque aqui só tem dois[...] lá todo bairro tem mesquita e eu preciso rezar 5 vezes no dia e é difícil. Eu não preciso rezar na mesquita, mas por exemplo, a coisa da sexta-feira, tem sermão, tem que ser na mesquita e hoje é sexta, eu tava na mesquita lá na asa norte, aí fica difícil.” (Idris)

Idris observa que, em seu país de origem, a presença de bares é significativamente menor em comparação ao Brasil, o que atribui à proibição religiosa da venda e do consumo de bebidas alcoólicas. Essa distinção gera um contraste notável na organização urbana, conforme sua observação: “Por exemplo, aqui o que mais tem é bar, lá o que mais tem é café. Qualquer bar que você vê, tira e coloca café, gente assim conversando.” (Idris)

Ele também comenta sobre a organização das residências em seu país, que difere da estrutura encontrada no Brasil, destacando: “[...], mas as casas lá não é igual aqui. [...] porque não é tipo casa brasileira, casa sozinha assim no lote. Lá é tipo um prédio que não é prédio. [...] Assim, quando você entra na [cidade do país de origem], lá a arquitetura é diferente.” (Idris). Em continuidade ao seu relato, Idris ressalta que os interiores das residências também apresentam diferenças significativas, particularmente no que se refere ao uso do espaço e à

disposição dos móveis, em contraste com os padrões brasileiros. Ao mostrar imagens do interior de casas de seu país, ele descreve:

“É tipo assim, isso aí é onde fica o povo para almoçar, todo mundo senta assim e, por exemplo, essa é a sala. Diferente daqui, porque não tem muito apego com móveis, lá não, é encher de móveis, tem de tudo e o povo se senta, a gente tem a cultura de todo mundo se senta na mesa, todo mundo come junto, bebe chá todo mundo junto[...]

(Idris)

Eventos Religiosos

Por motivos religiosos, os eventos em países islâmicos diferenciam-se significativamente dos realizados no Brasil, considerando desde rituais específicos até questões de calendário. Ambos os participantes, Abdus e Idris, destacaram esses contrastes em seus discursos, referindo-se tanto às celebrações cotidianas quanto aos feriados religiosos importantes em suas tradições.

Abdus inicia sua descrição sobre as tradições festivas em seu país explicando que, embora existam celebrações semelhantes às brasileiras, como aniversários, formaturas e casamentos, há também eventos religiosos fundamentais para o Islã, associados a práticas de jejum. Ele descreve:

A gente tem, como dizem, duas festas no ano: uma depois do Ramadan, que se chama Eid al-Fitr, e outra, dois ou três meses depois, que é o Eid al-Adha. [...] Durante o mês [do Ramadan], a gente passa jejuando, trinta dias sem comer, sem beber, nada de água, nada de alimentação. Acordamos umas quatro, cinco horas da manhã, comemos, rezamos e não comemos mais nada, nem água, até umas seis horas da noite. São umas doze horas [de jejum]. Mas, como aqui em Brasília o tempo é muito fresquinho, o tempo passa voando. (Abdus)

Apesar de reconhecer a existência de celebrações semelhantes no Brasil, Abdus enfatiza a questão do consumo de bebidas alcoólicas. Enquanto essa prática é amplamente comum e normalizada na sociedade brasileira, em países islâmicos ela é evitada e, em muitos contextos, formalmente proibida:

Festas, lá [...] não tem bebida, bebida alcoólica não tem. Qualquer festa que você vai, festa de aniversário, de casamento, de graduação, qualquer festa, lá não tem bebida alcoólica. Porque lá no [país de origem], ou do Oriente Médio, qualquer país islâmico, todas as bebidas [alcoólicas] são proibidas. Tô dizendo de cultura islâmica, porque se você vai um pouquinho para a Índia, lá tem bebida. E lá no [país de origem] tem bebida, mas só em hotéis cinco estrelas, se você mostrar sua identidade, eles vão liberar para você, mas eu não vou poder. (Abdus)

Idris aborda as mesmas questões, destacando os mesmos feriados religiosos: “Tem o mês sagrado do Ramadã, depois de trinta dias, celebra-se o Eid al-Fitr. Dois meses depois, tem outro Eid al-Adha. Só esses que a gente tem: tem dois que fala Eids e o mês sagrado do Ramadã.” (Idris), assim, ele destaca a importância desses feriados para a identidade muçulmana e sua relevância em seu processo de adaptação no Brasil.

Idris relata a sensação de falta que sente no Brasil em seu discurso sobre práticas religiosas. Ele destaca como aspecto mais relevante o contato com a dimensão espiritual, que considera limitado em seu contexto atual. Esse relato evidencia o papel central da espiritualidade na constituição da identidade muçulmana e o contraste existente no cenário socioreligioso brasileiro:

[...] o mês sagrado do ramadã, que a gente faz jejum, todo mundo faz jejum, não tem café aberto, não tem nada, ninguém come. Tudo tá fechado. E aí tem aquele, aquele, como vou falar? É mais espiritual, sabe? Aqui eu sinto falta do lado espiritual. [...]

Você sente falta no ambiente em geral, mais pro lado espiritual do islã em si, da prática. (Idris)

Ambos os participantes destacam a relevância dos eventos religiosos e culturais de seus países de origem, mencionando que sentem falta desses elementos em seu processo de transição cultural no Brasil. Essa convergência em seus relatos centraliza o papel que tais celebrações exercem na constituição de suas identidades.

A Alimentação Halal

Abdus não aborda explicitamente as diferenças alimentares em seu relato sobre a vivência no Brasil. Suas observações concentram-se nas experiências em festas promovidas pelo projeto de PLAc e em outras questões culturais previamente discutidas, que não enfatizam um contraste específico com os hábitos alimentares brasileiros. Idris, por outro lado, explicita essa questão em sua narrativa e destaca o contraste alimentar como um aspecto relevante em seu processo de adaptação cultural no Brasil:

Por exemplo eu não como carne que não seja abatida do jeito certo, que é o jeito nosso, não é o certo, é do jeito muçulmano. Aqui [em Brasília] não posso comer carne, só como frango, peixe, não como porco de jeito nenhum [...] (Idris)

Por trabalhar no meio agropecuário, Idris possui uma expertise no que trata exportação e produção de produtos de origem animal para diferentes dietas e restrições alimentares diversificadas. Ele relata com frustração como o Brasil exporta uma quantidade significativa de carne Halal, mas não a comercializa internamente, prejudicando o processo de adaptação alimentar e transição cultural de muçulmanos no país:

[...]o Brasil é um dos maiores exportadores de carne Halal, igual kosher pros judeus, no mundo. Você acha carne [halal] brasileira em qualquer lugar, menos aqui, no

Brasil. Vai entender. Aqui no Brasil eles não tem aqui, eles só comercializam lá fora, é só pra exportação. (Idris),

Ele acrescenta que são raras as ocasiões em que são disponibilizados alimentos apropriados para consumo Halal no Brasil, em especial no Distrito Federal. “Raramente, quando tem evento de embaixada, algo assim, distribui aqui na comunidade. O mesmo pacote, a diferença é o símbolo Halal.” (Idris)

Esse despontamento torna-se ainda mais evidente ao longo do fluxo de sua narrativa, o que deixa claro que as práticas alimentares integram sua identidade cultural. A impossibilidade de mantê-las no contexto brasileiro gera nele um desconforto emocional, resultando em um estado de frustração, como ele descreve

Cara, é loucura, essa é outra coisa que me faz falta. De não poder me importar com o que comer, porque é muito limitado. [...] E aí deixa milhares de pessoas sem comer carne porque você não favorece. É o mesmo processo, a única diferença é que a gente não pode matar. [...] Depois disso é a mesma coisa. Cara, aqui no DF tem, mas tudo é pra exportação. Goiás é o maior produtor, São Paulo nem fala. Tem frigorífico que faz só isso, mas não vende aqui. Eu liguei lá e o povo me ignorou [...]. Aí eu achei frustrante, não poder comer tipo assim uma carne, faz falta. (Idris)

Apesar de demonstrar frustração em relação à disponibilidade de alimentos halal no Brasil, Idris relata ter vivido em outras regiões do país, o que lhe proporcionou experiências distintas:

Cara, a diferença entre Brasília e São Paulo, é a mesma diferença entre [país de origem] e Brasil. Lá tem muito mais Árabe, muito mais comunidade, lá é mais organizado. [...] lá você tem árabe, igual loja só de chinês, lá tem só árabe. É como se fosse o bairro da comunidade, eles não vendem só pros árabes, eles importa para vender pros brasileiros e qualquer um que compra. Mas aí você acha [...]. Tem coisas

lá típicas do árabe que você só acha lá e se eu quiser eu tenho que ligar em São Paulo.” (Idris)

Apesar de todas as atribuições de significado em sua narrativa que denotam a centralidade da alimentação para a identidade muçulmana, Idris ainda manifesta o desejo de conhecer outras regiões brasileiras que, em sua percepção, podem aproximar-se mais dos padrões alimentares de seu país de origem:

Mas foi muito bom de conhecer o Brasil, eu tenho curiosidade de conhecer mais aqui, porque eu acredito que cada estado é uma representação do Brasil do jeito deles. O norte é diferente, tenho muita curiosidade de conhecer o nordeste porque eles falam que a culinária é igual do [país de origem], eu tenho essa curiosidade de conhecer.
(Idris)

Por fim, cabe destacar a centralidade das práticas alimentares para a identidade muçulmana, uma vez que a adesão de preceitos religiosos na alimentação não apenas integra a dimensão espiritual ao cotidiano, mas também consolida a formação e a expressão identitárias.

Estudo 2

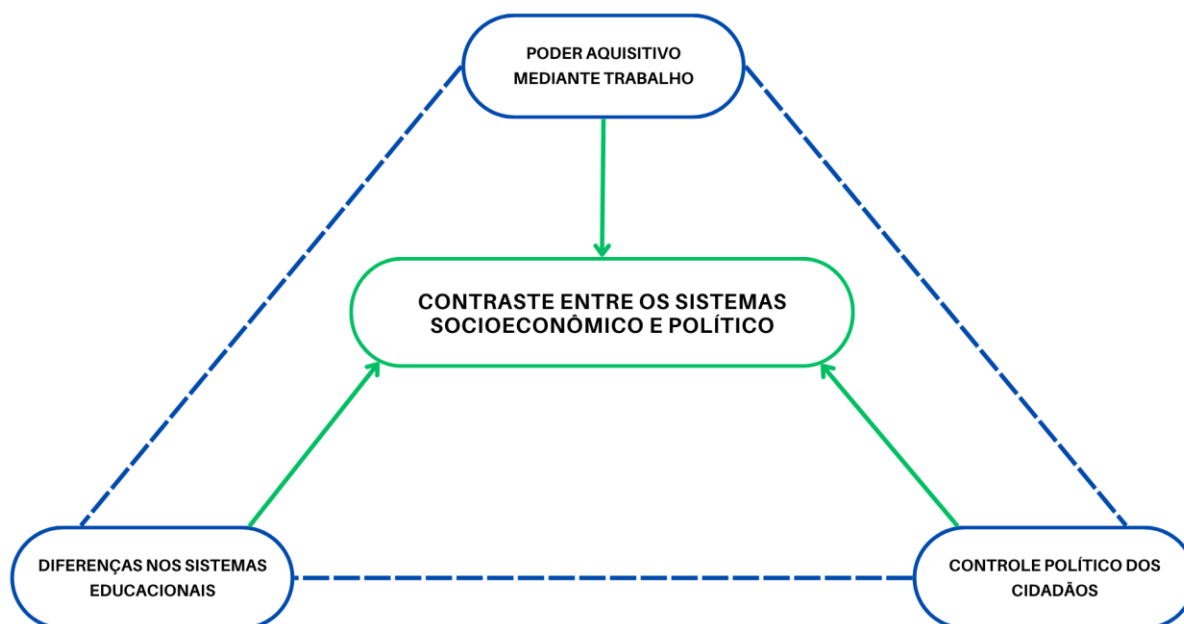
O segundo estudo foca nas duas entrevistas com o participante Armando. Em sua narrativa foram identificados três temas centrais: a) Contraste entre os sistemas socioeconômico e político do país de origem e os do Brasil, considerando aspectos relacionados a possibilidade de poder aquisitivo, educação e controle político; b) saudades do país de origem e a expectativa de uma integração e desenvolvimento no Brasil, fundamentado principalmente em sua esposa, linguagem, moradia, cultura e relações interpessoais; e c) divergências nos âmbitos sociocultural, linguístico e burocrático entre o contexto brasileiro e o país de origem. A seguir serão apresentados os resultados segundo os temas.

Contraste entre os sistemas socioeconômico e político do país de origem e os do Brasil

A narrativa do participante desenvolveu-se no contraste entre as estruturas socioeconômicas e políticas de seu país de origem e as encontradas no Brasil. Segundo o próprio participante, tal divergência advém do caráter socialista-comunista de seu país de origem, em contraposição à economia capitalista brasileira. Essa interpretação desdobra-se em três subtemas: a capacidade de ampliação do poder aquisitivo mediante o trabalho; as diferenças existentes entre os sistemas educacionais; e as variações de controle político dos cidadãos. Essas dimensões podem ser visualizadas de acordo com o fluxograma a seguir:

Figura 4

Contraste entre os sistemas socioeconômico e político



As seções seguintes exploram individualmente cada subtema, com o intuito de evidenciar o contraste presente no discurso do participante, entre os sistemas político e socioeconômico do Brasil e de seu país de origem.

A capacidade de ampliação do poder aquisitivo mediante o trabalho

Em seu discurso, o participante relata que não conseguia vislumbrar a possibilidade de melhorar seu poder de compra em seu país de origem. Segundo ele, mesmo com estudo e progressão acadêmica, via-se diante de grandes dificuldades para progredir economicamente, como se demonstra no trecho a seguir:

O complicado é que quando você tem estudo, porque você fica estudando 6 ou 8 anos, quando você vai arrumar um emprego os salários são ruins [...] porque o sistema está feito para você ganha só um pouquinho mais [...]. Depois de estudar uma licenciatura, uma universidade, uma engenharia, e você vê que, ao final, um taxista cobra mais que você. (Armando)

Para ressaltar seu argumento de que o governo impede o desenvolvimento econômico, o participante ilustra a falta de oportunidades com um exemplo concreto: a proibição de serviços de transporte privado, como o Uber: “Porque em [país de origem] não existe Uber [...] você comprou seu carro, você por sua conta está fazendo viagem, mas o governo não permite, se pegar você, paga multa, porque eles não gostam que você tenha isso.” (Armando)

O participante também menciona problemas de moradia em seu país de origem, explicando que o sistema socioeconômico impossibilitava a aquisição de novas casas, o que obrigava os filhos adultos a continuarem morando com os pais.

Bom, em [país de origem] normalmente as pessoas moram com os pais porque um dos problemas mais grandes que tem é a vivenda. Vivendas: Prédios, casas, aluguel. [País de origem] é um país com muitos dos problemas econômicos. [...] Problema que não se resolveu nunca. Melhorou um pouquinho, mas não resolveu o problema [...] falou muito com o povo que a coisa ia melhorar com o sistema revolucionário comunista socialista e hoje em dia está pior que antes [...] então o sistema está feito para que você não tenha um nível de vida alto. Fica ruim. (Armando)

Além disso, o participante ressaltava que essa situação pode gerar conflitos familiares, uma vez que a população é frequentemente obrigada a morar com os familiares devido à falta de independência financeira:

É um problema porque tem muitos problemas familiares, porque na vez que você arruma sua esposa, você tem que se acostumar, ela se acostumar com seus pais. Então é a lei do seu pai, porque é na casa dos seus pais. Poucas pessoas têm a possibilidade de comprar uma casa. (Armando)

Ao comparar com seu país, Armando enfatiza a possibilidade que encontra no Brasil de avançar economicamente e comprar uma casa, um feito que descreve como muito difícil em seu país de origem:

Aqui no Brasil, uma vez que já pode trabalhar em algo, ainda não tendo uma preparação universitária, uma licenciatura, você pode trabalhar e você paga um aluguel, de baixo custo, mas você pode [...]. Você pode ter seu namorado, ou ter sua esposa, e à medida que você vai avançando, vocês podem ir [...]. Alugam um apartamento um pouquinho mais grande, ou uma casa. Em [país de origem] isso é bastante difícil. Normalmente as pessoas adquirem a casa por herança familiar. (Armando)

Armando explica que, em seu país, é preciso complementar a renda para garantir o próprio sustento: Por exemplo, eu tinha um emprego como engenheiro mecânico, mas eu precisava fazer um bico, eu fazia desenho mecânico para as pessoas que precisavam. Isso era algo que me permitiu uma renda maior no meu país, para eu viver bem. (Armando)

Ele destaca que, mesmo complementando a renda, o acesso a produtos específicos ainda era difícil, pois muitos simplesmente não estavam disponíveis no mercado devido à grande escassez em seu país de origem, diferente da realidade que encontrou aqui no Brasil.

[...] você vai ao mercado em [país de origem] e você tem que ir com muitas notas grandes, porque tudo é muito caro. Não é como aqui no Brasil. Aqui no Brasil você vai ao mercado e você fala: ‘eu vou comprar feijão, carne, a alcatra, picanha, manga, frutas, verduras, toda coisa’. Você sabe o que você quer comprar. Você sai, chega com o seu dinheiro, seu dinheiro vale e você pode comprar o que você quiser, no meu país não. No meu país está ali com muitas notas grandes e eu falava ‘deixa eu ver o que eu encontro’. (Armando)

O discurso do participante também menciona um mercado ilegal, cuja emergência é explicada como uma resposta à insuficiência estatal no fornecimento de bens demandados pela população.

Porque muitas vezes no mercado negro você encontra uma coisa que o governo deveria suprir no mercado. [...] isso acontece com a roupa, acontece com a comida, acontece com as peças de carro, acontece com o eletrodoméstico, acontece com tudo [...]. Em todo momento a pessoa fica atrasada, é um problema, o dinheiro não vale muito. O dinheiro que você ganha, inclusive sendo uma pessoa master (mestre), doutor, engenheiro, somente dá para uns 10% do que você precisa. (Armando)

Ele contrasta essa situação com a realidade que encontra no Brasil, explicando que, mesmo diante dos baixos salários, é possível ter uma vida digna e adquirir itens essenciais, desde que se mantenha o emprego.

[...] aqui em Brasília é um exemplo tranquilo, você tem trabalho, você não tem problema. A questão é manter seu trabalho, seu emprego. Porque então se você tem um emprego, ou muito ruim que seja, você vai pagar um aluguel, vai pagar a sua comida, paga a sua conta de corrente de luz, de energia[...] então aí você fica tranquilo. (Armando)

Em seu discurso, ele reconhece que, mesmo sendo possível ter uma vida digna no Brasil, é essencial viver de acordo com a própria realidade econômica. Ele ressalta a importância de manter um estilo de vida razoável para evitar dívidas, um problema que identifica como comum entre os brasileiros.

Você não se endividou, não faz nada errado, não tem problema com a polícia. Você fica vivendo na vida tranquila. [...], se você não faz gastos errados para as nossas possibilidades, você não tem problema, que é uma das coisas que eu percebi aqui. Muito brasileiro quer viver acima da sua possibilidade [...]. Quer viver, por acima de sua possibilidade econômica [...] devendo muito para o banco. Esse aspecto para mim não foi ruim porque eu estou acostumado, em [país de origem] você paga só em dinheiro, porque cartão de crédito não existe, você só tem o débito. Então, para mim, esse aspecto não foi um problema, estou acostumado [...] (Armando)

Em seu discurso, Armando reiterou a ideia de que o sistema socioeconômico brasileiro favorece a ascensão econômica por meio do trabalho, destacando que tais oportunidades estão presentes no cotidiano. Ele ilustra esse ponto ao contrastar o acesso a transporte público e privado no Brasil com a dificuldade de utilizar os mesmos serviços em seu país de origem.

Você tem que buscar uma vida melhor, porque você trabalha e vê o resultado do seu trabalho. Com um pouco mais, um pouco menos, com subida de preços ou não, mas tá certo. [...] se eu quiser ir encontrar com vocês na minha casa eu sei que, se eu precisar pegar um Uber, eu tenho um Uber lá. Se precisar de um ônibus, ele iria tá lá. No meu país eu teria assim contado, muito custoso. Um ônibus, para passar em três, quatro horas [...] (Armando)

Por fim, ao narrar uma visita a seu país de origem, Armando enfatizou diversas vezes ter levado uma variedade de alimentos, evidenciando a escassez existente nos mercados de seu país em comparação com a realidade que ele encontrou no Brasil:

[...] minha mala de viagem foi comida. Porque em [país de origem] não tem comida. Como eu falei, você vai no mercado você vai comprar o que você quer. [,] não tem essa variedade. Então eu vou comprar não o que eu quero, o que eu encontro. [...] Eu levei duas malas de comida[...] coisas que minha mãe não conhece aqui em Brasil [...] para que ela conhecesse coisas diferentes que ela não tem acesso em [país de origem]. Porque não existe, não tem. E coisas para deixar para ela, para que tenha, eu ir embora e deixar comida para ela. Porque tristemente é um tema comum em [país de origem].

O participante expressou um padrão de sentido de comparação, contrastando as possibilidades de aumentar o poder aquisitivo por meio do trabalho no Brasil com a realidade de seu país de origem, que, segundo ele, impede o crescimento econômico.

As diferenças existentes entre os sistemas educacionais

Em sua narrativa, Armando também reconhece as diferenças educacionais entre os dois países. Ele demonstrou valorização no sistema educacional de seu país de origem apesar de possuir alguns déficits. Em um dado momento, ele admite que, embora o ensino seja gratuito, aspecto que considera positivo, a infraestrutura escolar se torna cada vez mais precária.

Então, a parte boa do sistema [do país de origem], do sistema socialista comunista, é que permite que você estude, inclusive é grátis, não cobram por isso. Qual é o problema desse sistema? Que como é eles que tem controle de tudo, realmente é uma escola gratuita, mas tem muita escassez de recursos, infraestrutura da escola é bem ruim, realmente. Tipo, cada ano que passa é mais ruim ainda, porque eles não dão

manutenção, eles não pintam, eles não fazem nada, porque cada vez que eles fazem algo, as ações que tomam a nível econômico fazem com que a inflação aumente mais.

(Armando)

Em seu relato, Armando afirma que, apesar da carência de recursos, sua formação educacional básica foi sólida, atribuindo esse resultado a um corpo docente bem preparado e estruturalmente organizado.

[...] quando eu estava estudando ainda tinha bastante recursos, os mínimos precisos.

Os professores têm uma boa preparação, isso ninguém pode discutir. São pessoas que são master (mestres), licenciadas, doutor, master (mestre) em ciência, pessoas preparadas, com uma base muito boa. [...] Tem muitos professores que moraram e estudaram na Rússia muitos anos e voltaram [...]. Tem uma preparação muito boa, isso aqui é reconhecido. Eu tive uma boa preparação. (Armando)

Ele declara ainda que a solidez educacional não se restringe ao ensino básico, estendendo-se também ao superior. Em sua narrativa, destaca que a formação universitária lhe proporcionou inserção rápida no mercado de trabalho após a formatura e uma boa base, e que ele via com bons olhos a acessibilidade do sistema de ensino.

Fui pra uma universidade forte, porque a engenharia mecânica é forte, não é fácil.

Tem muito cálculo, muita química, muita física, muito recursos de cálculo e ferramentas. É forte, mas é o que eu gostava. Eu terminei, ao terminar comecei em três meses a trabalhar em uma empresa. Quando eu estava trabalhando, nove anos como engenheiro mecânico, trabalhando o que eu estudei, gostava muito do que eu fazia. Mas no geral, [país de origem] tinha muita facilidade para você poder estudar.

(Armando)

Em contraste com a realidade brasileira, Armando avalia que a educação em seu país de origem, apesar de seus problemas, é superior à que encontrou no Brasil. Ele baseia essa

percepção na experiência de auxiliar nos estudos do filho de sua esposa, que é aluno da rede pública do Distrito Federal.

Muita diferença com o Brasil. O Brasil tem a parte privada e a parte do governo, tem como estudar. O que eu sempre digo, e sigo defendendo é que a base de tudo brasileiro do governo está muito ruim. Eu penso que há muita matéria desnecessária muitas vezes, porque eu moro com a minha esposa que tem filho. [...] um menino de 12 anos. Quando eu chego eu vejo as matérias, eu ajudo ele a estudar. Nas matérias, matemática, física geografia, essas coisas. E eu penso, que com a preparação que eu tive no meu país, com todos os problemas, a base brasileira está muito ruim. [...] O ensino fundamental, já vi algumas pessoas que eu vejo que tem uma base um pouquinho ruim. (Armando)

Ele também mencionou basear-se em notícias que recebe. Esclarece que, por saber que a realidade educacional brasileira é precária, compara-a com a de seu país e reafirma que, mesmo com todos os problemas, este último mantém uma boa base. Além disso, compreende que as escolas particulares no Brasil possuem custos elevados.

Inclusive, vi uma reportagem faz um tempinho onde um senador na Câmara dos Deputados estava falando que o Brasil é já reconhecido como o país onde a base estudantil básica, fundamental e ensino médio está é ruim, precisa melhorar. E eu percebi isso por mim mesmo comparando com [país de origem]. Lá (no país de origem) tem um problema que você arruma um emprego e não é bom, não pagam bem, mas os professores não faltam a aula. Isso que fazem aqui que para mim foi estranho, eles emendam quinta com sexta se quinta é feriado. Em [país de origem] se quinta é feriado, na sexta você vai na aula, e se você não vai, chama os seus pais. [...] Agora, se você tem que estudar pelo privado no Brasil, é caro. [...] Porque [país de origem] tem coisa boa, você tem possibilidade de estudar. (Armando)

Para além das comparações sobre o currículo e o nível da educação formal nos dois países, Armando destaca a correlação entre escolaridade e receptividade em sua experiência no Brasil. Em seu relato, afirma ter recebido mais atenção e compreensão de indivíduos com maior nível de instrução educacional, os quais demonstravam mais paciência para compreendê-lo em seus primeiros contatos no Brasil.

E percebi uma coisa, se a pessoa estudar, se a pessoa que a qual estava falando tem estudos, elas entendem muito melhor quando você está tentando falar português [...]. Quando a pessoa não tem estudos, eu percebi que eles não têm essa capacidade de perceber o que você está falando, o que você está tentando se comunicar. E eu percebi que sempre é com uma pessoa que tem menos estudos, sabe? Povo da rua, pedreiro, pessoas que estão na rua, era muito difícil comunicar com eles. Porque eles não buscam raciocinar. Eles ou entendem ou simplesmente não se esforçam. Não se fazem entender. A pessoa que tem mais estudo [...] você fala de novo ou fala um pouco mais devagar e eles tentam entender [...] (Armando)

Em seu relato, o participante consolida essa perspectiva por meio de vivências pessoais no Brasil. Ele admite que, apesar de não ter se sentido pessoalmente constrangido, percebe uma relação entre o nível de escolaridade e a tolerância: pessoas com menos estudos tenderiam a demonstrar menor paciência com migrantes, mostrando-se menos propensos a despende esforço para compreender os desafios impostos pelas barreiras da língua. Ele identifica a relação entre baixa escolaridade e menor receptividade, esclarecendo que pessoas com mais estudo demonstram maior empenho em compreender os migrantes, tentando superar possíveis barreiras linguísticas.

Um exemplo, outro dia eu fui no Na hora (serviço de atendimento ao cidadão), para pedir ligação de água e energia. [...] O atendente que estava falando com o povo fora [...], mas eu percebi que era a pessoa que se dedica a limpar. Eu perguntei uma

pergunta e ele não me entendeu nada. Eu falei devagar, mas pelo jeito que falou eu percebi que não é uma pessoa com muito estudo. Então só falou ‘não entendo, não entendo’. E ela foi embora, [...] eu falei devagar, mas eu percebi que pelo sotaque que eu tenho, como qualquer imigrante, eles muitas vezes não entendem bem, ainda você falando devagar. Então se eles não querem entender [...], não fui constrangido por isso. (Armando)

No que diz respeito à educação, Armando percebe que, apesar da precariedade do sistema socioeconômico e político de seu país, a educação é superior à brasileira.

As variações de controle político dos cidadãos

Em seu discurso, Armando revela como o Estado em seu país de origem exerce um controle significativo sobre a população, um mecanismo que ele aponta como responsável da própria estrutura do sistema socioeconômico vigente no país.

Bom, em [país de origem], como um sistema comunista socialista, todo o governo não é particular. Faz uns 5 anos que começaram a abrir algumas pequenas microempresas particulares, porque o sistema comunista socialista não gosta do sistema privado. O sistema privado foge do seu controle, as pessoas começam a viver melhor, coisas que eles não gostam. coisa que para você é estranho, porque você não está acostumado a isso. (Armando)

Apesar das críticas, ele reconhece que seu país de origem oferece maior segurança, em contraste com o Brasil, que ele percebe como mais violento:

[...] tem uma tranquilidade muito grande, não tem muito roubo, não tem muita violência, tem mas pouca, não tem droga na rua, o governo [do país de origem] pesa muito a droga, a pessoa que rouba, não tem arma de fogo na rua, o quadro é muito tranquilo. E essas coisas, é diferente com o Brasil, que tem sua violência, tem muita

droga. Claro, de onde eu moro em Guará 2 (região onde vive no DF) não tem esse problema grave, graças a Deus. (Armando)

Ele estabelece uma oposição entre a segurança percebida e o controle governamental sobre a atividade laboral. Declarou que o Estado fiscalizava lucros excessivos e congelava contas sob a justificativa de enriquecimento ilícito.

Mas eu não podia subir de dominar um nível para o governo [...]. Porque quando você sobe muito, você tem uma segurança muito grande, eles sabem o que você está fazendo, o que você está ganhando, o que você ganha [...]. Então eles falam que você tem que declarar de onde está vindo isso aí e como você não tem como justificar, eles então bloqueiam sua conta no banco, [...] tira de você e fica para o governo. Então você perde muitas coisas. (Armando)

Nessa construção discursiva, Armando enfoca o controle estatal relacionando-o com o atraso econômico de seus conterrâneos. Ele argumenta que muitas atividades profissionais são excessivamente reguladas e criminalizadas pelo governo: “[...] se os [cidadãos do país de origem] em todo momento ficam muito atrasado, é porque precisa buscar o dinheiro que não tem e que tem que colocar ilegalmente, porque em [país de origem] praticamente tudo é ilegal para o governo.” (Armando)

Em seu relato sobre a experiência política no Brasil, Armando afirmou ter encontrado uma sensação de tranquilidade, contrastando com a realidade de seu país, onde todos os aspectos da vida eram profundamente politizados. No contexto brasileiro, ele se distancia das questões políticas e assume um posicionamento mais neutro em sua vida laboral, o que julgava inviável em seu país.

[...] porque o governo quer, como se fala a palavra, quer que você esteja sempre ligado à política. Emprego está vinculado à política. E chega um momento que você fica até com nojo. E tudo está vinculado à política. Não dá a possibilidade que você

fica neutro. Ou está comigo ou você é contra. Então, em todo momento está vinculando a política. Porque é comunismo socialismo. E vai até o momento que você fica saturado, fica muito ruim. (Armando)

Ao relatar seu processo de saída do país de origem e sua experiência profissional, ele atribuiu a um sentimento negativo a constante sensação de estar sempre fazendo algo errado: “A gente é tratado como se fosse uma pessoa que está fazendo algo errado. Porque todo mundo, alguma pessoa, quer sair embora. Então, não querem que você saia embora, quer que você fique trabalhando no país. É complicado.” (Armando)

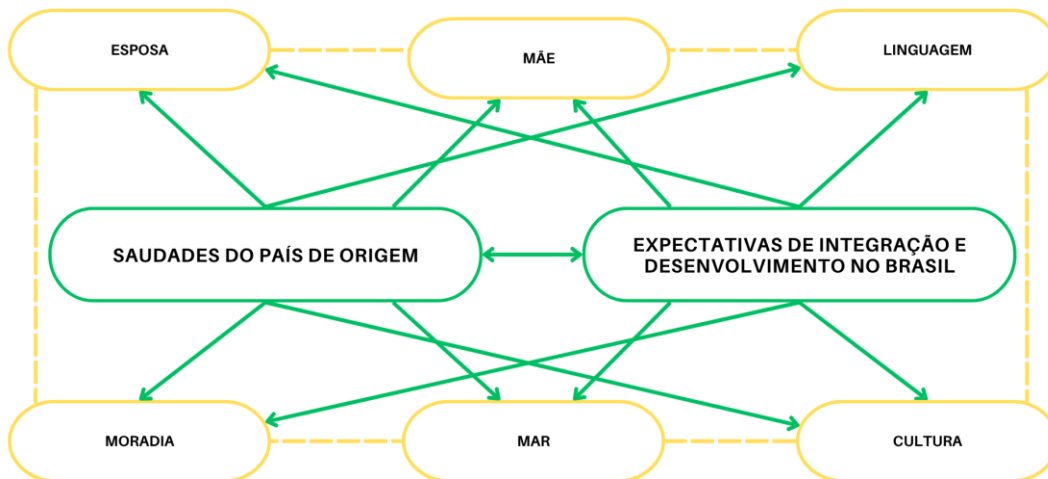
Em seu discurso, o participante deixa clara sua percepção sobre o rígido controle existente nos sistemas socioeconômico e político de seu país, o que contrasta com a realidade brasileira, onde ele considera haver maior liberdade política.

Saudades do país de origem e a expectativa de uma integração e desenvolvimento no Brasil

Ao longo de sua narrativa, Armando expressou um sentimento ambivalente: de um lado, a saudade de seu país natal, da casa à beira-mar, da mãe e dos amigos; de outro, o desejo de permanecer no Brasil, integrando-se à cultura local e desenvolvendo-se pessoalmente, fortalecido pelo relacionamento com a esposa e pela proximidade de cultura e linguagem. Dessa forma, esses dois temas aparecem frequentemente interligados e permeados por diversos subtemas que se relacionam entre si, evidenciando constantemente tanto a saudade do participante quanto sua expectativa de desenvolvimento no Brasil, o que pode ser sintetizado no fluxograma a seguir:

Figura 5

Saudades do país de origem e expectativas de desenvolvimento no Brasil



Nas seções a seguir, estes temas que se complementam serão analisados separadamente, a fim de compreender de modo mais didático o fluxo narrativo do participante em relação aos subtemas por ele expostos.

Saudades do país de origem

Armando esclarece que o principal motivo para se mudar para o Brasil foi sua esposa, razão pela qual decidiu deixar seu país de origem, uma vez que antes disso não considerava vir para o Brasil: “Bom, sou [do país de origem], morava em [país de origem], e pela internet conheci uma mulher, atualmente minha esposa, e inicialmente antes de conhecê-la não tinha pensado em vir para o Brasil.” (Armando)

Ao longo de sua narrativa, ele demonstra que, apesar dos problemas socioeconômicos em seu país de origem, considerava-se abençoado por morar lá, especialmente devido às características do local onde vivia, que se diferencia com sua residência atual no Brasil.

Apesar dessas diferenças, deixa claro que está tranquilo com o atual local.

Bom, eu sou uma pessoa que realmente posso falar que sou abençoado, porque eu tinha uma casa grande, minha própria, era do meu pai que faleceu por saúde. Então eu morava em uma casa grande, com quintal grande, cheia de vida, de fruta, muitos tipos

[...] uma casa com cerca, com muita privacidade. Então inicialmente para mim morar em um apartamento semi pequeno, porque é o apartamento que eu moro não é grande nem pequeno, é normal, foi um pouco estranho. Foi uma das coisas que mais me chegou a acostumar. Foi muito diferente porque realmente estava acostumado a um quintal. Era minha casa, uma casa com quatro quartos, cozinha, banheiro, comedor, sala, hotel, terraço. Perto do mar. Aqui não moro perto do mar, moro bem longe do mar. [...] Mas eu fico me acostumando a morar em um apartamento, eu fico tranquilo. (Armando)

Ele traz esses pontos em vários momentos de sua narrativa, destacando especialmente a conexão com o mar, que lhe transmitia tranquilidade. Além disso, expressa saudades de sua mãe, que permanece no país de origem, e menciona que anteriormente não enfrentava questões relacionadas a aluguel, uma realidade distinta da que vivencia atualmente no Brasil.

Bom, geralmente a única coisa que eu sinto falta aqui é o mar. Eu gostava muito de ir apanhar no mar, fazer estoques do mundo submarino. Gostava muito da minha casa grande. Não ter que pagar um aluguel, que é uma coisa que fica mais cara aqui e que fica com sua renda, fica um pouco mais apertado. [...] E da minha mãe, que fica morando em [país de origem] ainda, porque para trazer minha mãe para o Brasil precisa de um monte de dinheiro, de mil reais, que eu ainda não tenho. Mas acima de tudo é minha casa, o mar e minha mãe, não tenho [país de origem] para nada.

(Armando)

Quanto à sua comunidade, Armando relata a ausência de conterrâneos em sua localidade atual. Ele reconhece que há muitos no Brasil, mas ressalta que estão distribuídos por diferentes cidades, o que dificulta uma interação mais significativa com pessoas de seu país de origem.

Então, você tem [pessoas do país de origem] morando no Brasil, mas está muito longe um do outro. Um mora em Luziânia, mora em Minas Gerais [...] mora em uma cidade muito longe uma da outra. Eu somente conheço dois [conterrâneos] aqui no Brasil. E contato uma vez por e-mail, [...], uma ligação, porque mora longe. Comparado com venezuelanos, argentinos, chileno, haitiano, que tem muito realmente. Comunidade não tem, praticamente não tem. (Armando)

Na segunda entrevista, mediada por objetos, o participante exibiu vídeos e fotos de sua recente viagem ao país de origem. As imagens mostravam o mar onde costumava pescar, momento em que reiterou mais uma vez a importância desse elemento e a tranquilidade que sentia ao observá-lo, reafirmando a saudade que tem de seu país nesse aspecto.

É uma coisa que eu tenho maior saudade, porque aqui o mar fica muito longe. Tem que pegar um avião ou dirigir quilômetros. E onde eu morava tem em umas quatro ruas de casa assim. E o mar é muito lindo, né? Muito lindo. Eu tinha o costume que quando eu queria ficar tranquilo, pensar em algo, eu ia ficar sentado perto do mar. E não sei se você já conheceu o mar direto. Bom, eu gosto. Você ficar sentado perto do mar, você escuta o som das ondas, as ondas passarem esse som, esse barulho. Me acalma, eu gosto muito. (Armando)

Outra dimensão significativa na narrativa de Armando refere-se aos laços de amizade que mantinha em seu país de origem. Ele expressa a saudade dos amigos de infância, destacando a proximidade geográfica que facilitava a convivência, uma diferença evidente com sua experiência atual.

Ah sim, às vezes os colegas que eram colegas de infância com os quais eu tenho muita amizade, [...] nos chamamos de irmãos incluso. Porque não somos irmãos de sangue, mas somos praticamente irmãos porque nós estudamos ensino fundamental, ensino médio [...]. Já quando terminamos o ensino médio nos separamos um pouquinho, mas

tínhamos contato. Morávamos 5 ou 6 ruas de distância um do outro. Então sempre fazíamos uma visita a um domingo, um sábado, combinamos, fazíamos um almoço, comprávamos uma cerveja e "ah, vamos brindar um pouquinho, vamos compartilhar" [...]. (Armando)

Embora sua narrativa esteja permeada por fortes sentimentos de saudade, Armando deixa claro que se sente bem estabelecido no Brasil e manifesta a intenção de permanecer no país. Esta decisão convive com a nostalgia que ainda sente, demonstrando a complexidade emocional do processo migratório: “Então, excetuando o mar, excetuando minha mãe, que eu quero muito minha mãe, excetuando minha casa e meu quintal. Eu me sinto muito bem no Brasil. Não me faz estranhar assim nada além disso.” (Armando)

Expectativa de integração e desenvolvimento no Brasil

Em sua narrativa, o participante revelou sentimentos ambivalentes em oposição sobre a decisão de ficar no Brasil. Apesar de ter considerado viver em outros lugares e de declarar que estava se acostumando com a vida em seu país de origem, ele decidiu vir para o Brasil motivado principalmente pelo relacionamento com sua esposa.

[...] a motivação foi que eu conheci a minha esposa. Eu não pensava em sair nenhum momento [...] porque [país de origem] tem muita coisa ruim, mas você se acostuma ir com essas condições. Então eu conhecia que em algum momento eu poderia sair do meu país, porque tenho minha irmã morando na Espanha, eu tenho uns primos e uns tios morando em Estados Unidos, então eu sabia que havia uma possibilidade futura depois de sair, mas não era nesse momento o que eu estava pensando, mas conheci a minha esposa, ela foi me conhecer presencialmente, gostou de mim, nos entendemos, gostamos um do outro muito. Só que quando ela conheceu as coisas de [país de origem], falou para mim que não ia ser possível morar em [país de origem], que

somente íamos ter a possibilidade de morar juntos se eu vinha para o Brasil.

(Armando)

Ele fortalece ainda mais o sentido na citação ao destacar que chegou a ir para outros lugares antes de vir ao Brasil: “Depois conheci minha esposa, cheguei ao Brasil, antigamente, antes de vir ao brasil, vi o mundo, conheci o povo, morei na Espanha, vi uns primos que moram nos Estados Unidos” (Armando)

Motivado pela perspectiva de viver com sua esposa, Armando começou a aprender português ainda no país de origem, com o objetivo de facilitar sua integração e impulsionado pela expectativa de uma nova vida no Brasil.

Eu cheguei ao Brasil entendendo português, lendo português, mas não falava nada, só “bom dia, boa noite”, coisas básicas. Porque eu falava com minha esposa ela me falava em português eu escrevia as letras e eu dizia “fica” significa isso, “aluguel” significa isso então eu passei a fazer como a entender as orações e palavras antes de gravar. Muitas pessoas me perguntam como era possível eu estudar e entender sem conhecer a língua, mas eu entendi, não sei, não sei explicar. Só sei que eu fiz pegando era essa palavra, escutando e chegou o momento que minha esposa me falava qualquer coisa, inclusive me mandava canções, me mandava muitos livros em português, eu lia todos (Armando)

O participante também revela, em seu discurso, uma proximidade cultural com o povo brasileiro. Essa identificação, facilitada pelas características históricas de colonização compartilhada com seu país de origem, se manifesta como um sentimento de empolgação com a cultura local.

A cultura [do país de origem] é muito parecida com brasileira, o folclore, porque nós temos uma miscigenação igual de africanos, porque [país de origem] era aborígene. Aqui não fala índios, mas elas lá eles chamam de índios ou aborígenes. [...] Então,

somos o que chamamos de crioulo, que é a mistura de todas as raças. E temos como vocês preto, pardo, branco [...]. (Armando)

Ao discorrer sobre a cultura de seu país de origem, o participante acaba por destacar, por similaridade, a proximidade que sente com a cultura brasileira. “[...] Então nesse sentido é muito Brasil, brasileira com alguma pequena diferença que era, não sei exatamente qual seria especificando, mas em sentido real é muito, muito o Brasil.” (Armando)

Ele também destacou a proximidade entre o espanhol, sua língua materna, e o português, abordando as similaridades entre os dois idiomas, especialmente no que se refere às múltiplas possibilidades de expressão que ambos oferecem.

[...] acho que no sentido geral, como a língua portuguesa do espanhol saem do latim, tem algumas palavras que se falam iguais. Algumas, não muitas. [...] É uma língua que tem, que você pode falar o mesmo de muitos jeitos, característica que tem o espanhol. Você pode falar várias coisas para falar a mesma coisa. Você pode falar "Essa comida está boa" "Essa comida está gostosa" "Essa comida está ótima", está falando do mesmo de muitos jeitos. O espanhol tem essa característica. Então para mim, apesar de ser línguas diferentes se permitem comunicar praticamente tudo, sem problemas. (Armando)

Armando relata que se dedicava a aperfeiçoar seu português além das aulas, demonstrando interesse em superar suas defasagens linguísticas em relação aos outros colegas e desenvolvendo-se na língua.

[...] eu lia, entendia, mas não memorizava de memória todas as palavras. E como não conhecia a gramática de português, então muitas vezes eu escrevia errado. Apesar de que eu quando lia assim, entendia perfeito. Então é um jeito que eu fiz para melhorar a transcrição, além de português só da escola, segui a fazer muitas tarefas que fazem com que você tenha que escrever muito. [...] comecei a falar a palavra em português,

escrever em português, para continuar a melhorar o português. E isso também me ajudou muito. (Armando)

Seu desejo de aprimorar o domínio do idioma também é impulsionado pela ambição de crescimento profissional, uma vez que ele compreende que um português mais avançado lhe permitirá desempenhar melhor suas funções e assumir novas responsabilidades. Essa perspectiva, por sua vez, conduz seu projeto de estabelecer-se e progredir no Brasil.

[...] mas eu preciso melhorar a transcrição (escrita) um pouco, e eu já arrumei um emprego, como você já viu, por enquanto que eu não faço a homologação do meu diploma, e precisava muito escrever correio (email). Então se não escrevia certo, me dava problema, inclusive meu chefe falou “por isso você é uma pessoa que trabalha bem, que é certa, é confiável, mas precisa melhorar a transcrição, inclusive melhorar a fala. (Armando)

Durante a entrevista mediada por objetos, na qual foi solicitado um item relacionado ao país de origem e outro ao Brasil, Armando não trouxe um objeto relacionado ao Brasil. Ele justificou que associa a Brasília um sentimento, de paz, o que em sua narrativa conduz as expectativas positivas em relação à vida no país:

Quando você falou para mim “algo de Brasil”, eu não falaria algo físico. Para mim, algo que em todo momento eu sinto aqui em Brasília, ou em Brasil em geral, é, de verdade, auxiliar uma vida melhor, é paz, paz no sentido político, no sentido pessoal.

[...] Então não diria que é algo físico, é algo que eu sinto em todo momento: prioridade, tranquilidade, paz, capacidade de tomar decisões, nenhum tipo de problema. [...] É o que eu mais sinto em todo momento aqui no Brasil. (Armando)

No sentido de desenvolver-se interpessoalmente no país e criar relações e vínculos, Armando enfatiza seu curto período no país um fator relevante, acrescentando que sua personalidade é naturalmente mais reservada em relações iniciais.

como eu somente tenho 2 anos aqui no Brasil, ainda não chega a esse tipo de relacionamento com ninguém. Eu tenho relacionamento com minha esposa, com seus filhos, alguns irmãos de igreja [...]. Não sou uma pessoa que toma muita confiança. Eu deixo que as coisas aconteçam [...] mas quando uma igreja me convida eu aceito [...] Mas deixo que esse convite seja por parte deles. Eu não me tomo essa liberdade ainda. (Armando)

Inclusive, ao ser questionado sobre experiências interpessoais positivas no Brasil, ele destacou o desenvolvimento do relacionamento com seu chefe, que o convidou para um momento em sua casa, um gesto que o fez sentir-se muito bem.

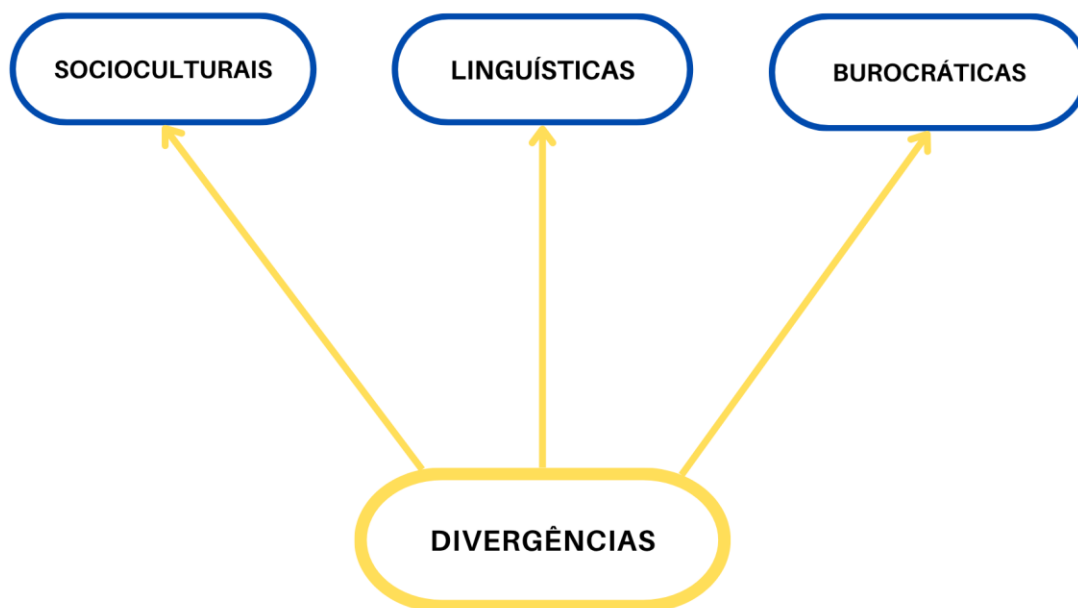
[...]me convidou para que vá a sua casa, no seu condomínio, ir embora e percebi que eles fazem de vez em vez. [...] inclusive não somente convidou os funcionários, convidou também os amigos que sempre convida em momentos como esse. E vi a confiança[...] você percebe a naturalidade como que aconteceu. Sua esposa é muito boa, me senti muito bem, em casa. [...] Eles, em todo momento, fazem com que você se sinta bem. (Armando).

Divergências nos âmbitos sociocultural, linguístico e burocrático

Em seu relato sobre a chegada ao Brasil, o participante elegeu as diferenças em relação ao seu país de origem como a principal marca de sua experiência inicial, apontando-as como aspectos que lhe causaram estranhamento. Tais divergências manifestaram-se em três âmbitos principais: o sociocultural, com as diferenças nos padrões de interação social; o linguístico, marcado pelas distinções fonéticas, fonológicas e gramaticais entre o português e o espanhol; e o burocrático, no qual os trâmites no Brasil mostraram-se significativamente diversos dos de seu país de origem. O que pode ser sintetizado no organograma abaixo:

Figura 6

Divergências nos âmbitos sociocultural, linguístico e burocrático



A fim de uma análise mais didática, os eixos temáticos que se interconectam na fala do participante serão discutidos nas seções a seguir, elucidando a progressão de sua narrativa acerca de cada tópico.

Divergências socioculturais

O primeiro aspecto que causou estranhamento a Armando foi o costume de cumprimentar pessoas, mesmo desconhecidas, na rua. Em sua narrativa, o participante relata que, em seu país de origem, é comum ter um tratamento mais afetivo e educado com as pessoas ao caminhar em público, uma prática que ele não identificou no Brasil.

O único que para mim foi diferente do jeito brasileiro é que, vou dar um exemplo que eu estou falando, não? Você está andando na rua [no país e origem], indo pelo bairro, é comum que todo mundo fala ‘bom dia, boa noite, boa tarde, como você está?’ Inclusive sem conhecer você. Se você está andando na rua do bairro e você está passando pela frente de uma pessoa, é comum que fala com você ‘bom dia’. É como um costume dele. (Armando)

Armando intensifica essa percepção ao descrever uma experiência concreta em seu prédio. Ele relata que, ao cumprimentar os vizinhos, a interação geralmente se limita a uma resposta mecânica, um "bom dia" em retorno, sem a abertura para uma conversa prolongada ou para o aprofundamento do contato social que ele esperava com base em seus costumes culturais.

[...] isso para mim é estranho, aqui você pode passar por 15 mil pessoas e ninguém fala "bom dia". [...] o mais comum é responder o que você falou, o comum. Bom, eu moro em um prédio, tem uns 20 apartamentos e eu não conheço praticamente nenhum vizinho, só uns três, quatro vizinhos. E eu saía na frente e eles estavam olhando o seu porta e se eu não dava bom dia, eles não falam 'bom dia', é muito estranho.

(Armando)

O participante reitera essa linha de entendimento ao revelar que chegou a discutir o estranhamento com a esposa. No entanto, ressalta que, com o tempo, se acostumou com o comportamento que antes lhe era culturalmente estranho.

[...] o [morador do país de origem] é muito sociável, muito sociável, muito, muito. Então para mim isso foi estranho. Ainda estou me acostumando, claro [...] Mas isso foi bem estranho para mim, eu falava para minha esposa "ninguém fala para mim bom dia" Tem pessoas que sim, outras que não, outras me olham assim "como que você está falando?" [...]. Então foi uma questão diferente para mim, inicialmente. Mas Já não me acostumei, já não é mal. (Armando)

Por fim, o participante articula uma última observação, relacionando o ritmo da linguagem a um aspecto sociocultural. Ele ilustra essa conexão com uma situação que viveu, na qual percebeu que, na cultura brasileira, a compreensão da fala do outro está ligada à disposição em oferecer ajuda.

[...] eu falei inicialmente, falei rápido, porque em espanhol se fala muito rápido [...]. Eu voltei a falar mais devagar, ele entendeu e aí me ajudou. Mas já anteriormente passei por um encontro parecido. De onde eu não fui capaz de me fazer entender e a pessoa sorriu e partiu. Só sorriu e foi embora. [...] Se você não se fez entender, não entendeu. Então foi algo engraçado, mas que inicialmente eu me senti constrangido. [...] Mas eu percebi que é um jeito brasileiro [...], como vocês tem uma vida mais depressa, vocês vive mais rápido. [...] se eles entendem, ajudam a você com muita facilidade, com muita disponibilidade, com bom jeito. Não entende o que você está falando, ‘não vou para perder meu tempo’, vou embora, sorrindo, vou embora. Isso ficou inicialmente algo estranho para mim. (Armando)

Divergências linguísticas

Ao aprofundar-se na questão da compreensão comunicativa, Armando adentra as particularidades linguísticas que marcaram seu estranhamento inicial no Brasil. Ele relata que, além do ritmo de fala, as primeiras diferenças que percebeu residiam no léxico e naquilo que descreveu como uma "suavidade" na pronúncia das palavras.

Porque tem palavras que no vocabulário de vocês, no exemplo brasileiro, que não se fala em espanhol. E tem como uma espécie, como uma versão suave de espanhol. [...] então a coisa que minha esposa falou inicialmente foi ‘amor, você tem que falar devagar, ninguém entende nada que você fala’. Aí Eu tentei ir falando devagarzinho, de pouquinho em pouquinho, para entender, mas toda essa abusação, que inicialmente teve um pouco de problema, já fica bem. (Armando)

O participante menciona que o alfabeto brasileiro difere do seu, destacando a relação entre as letras e a quantidade de sons presentes no português. Ele acrescenta que, com o

tempo, não apenas notou essas distinções, mas também passou a identificá-las com maior clareza.

A princípio, no começo, foi um pouco estranho porque vocês não têm letra no alfabeto, que em alfabeto de espanhol tem, você não tem "Ñ". Por exemplo, "J" foi uma das letras que inicialmente me foi mais difícil pronunciar. Porque para nós /J/ é /R/. Ou seja, vou dar um exemplo, se eu vou falar "igreja", agora eu falo "igre[ʒ]a", "essa igre[ʒ]a", "se[ʒ]a assim", como você fala[...] eu percebo que era muito difícil porque para nós [ʒ] fala [x], é muito difícil, então seria "igre[x]a". E pronunciamos um "A" forte e vocês tem com mais suavidade. (Armando)

O participante complementa sua análise com outros exemplos, destacando a dificuldade concreta que enfrentou para pronunciar palavras específicas. Essa dificuldade resultava não apenas das diferenças no alfabeto e nos sons, mas também na formação lexical distinta entre as línguas:

Um exemplo, eu falei uma palavra, "vinho". "Vinho" para mim escreve "V-I-N-O". E para vocês com a "Ñ" seria "N-H". É uma diferença que foi difícil. Outra parte que foi difícil foi a pronúncia "incrível". Porque as palavras que você termina em "-vel", para nós termina em "-ble", "increíble". (Armando)

Em sua narrativa das diferenças linguísticas, o participante volta a enfatizar também o sistema vocálico, salientando que o português apresenta um contraste fonético entre vogais abertas e fechadas, ausente no espanhol, língua em que as vogais são abertas. Conforme seu relato:

"Vocês têm palavras que tem que conversar com a suavidade, com as palavras que vocês falam 'o' muda, 'a' muda, que para nós em espanhol não existem, mas de pouquinho em pouquinho eu fui falando e falando, de verdade sobretudo, deu para comunicar." (Armando)

Questionado pelo entrevistador sobre as estratégias adotadas para superar as barreiras comunicativas, Armando relata ter recorrido sistematicamente a recursos extralinguísticos como forma de adaptar sua interação. Ele explica que, na prática, utilizava gestos, expressões faciais e mudanças de entonação para complementar e, quando necessário, substituir a comunicação verbal, assegurando que sua mensagem fosse compreendida.

[...] Mímica fazendo alusão a objetos, paisagens, fotos, imagens, usando meio vocal, pesquisando. Porque o que acontece: as comidas, os animais, as ferramentas, tem nomes muito diferentes. Então você vê muitas vezes que não conhecia como era o nome em português ainda, ou era tanta informação no português que eu esquecia nomes, fazer vocal, imagem, essas coisas para fazer referência ao que eu queria falar e mostrar. (Armando)

Para finalizar sua narrativa sobre as estratégias, Armando citou outra iniciativa: os estudos na SEEDF. Ele destacou que a instituição para exercitar sistematicamente os aspectos linguísticos do português que ainda desconhecia, focado em suas dificuldades específicas.

Minha esposa encontrou o [Projeto da SEEDF], eu não conhecia essa escola. [...], que é uma escola que além de dar para o brasileiro outras línguas, dava português para os imigrantes, ela entrou no cadastro e saí. [...] fizeram um exame de avaliação e fiquei em outro nível direto, porque eu leía português, escutava português, mas não falava muito bem. Inclusive eu falei para a professora que não poderia pular tantos níveis, que podem ser menos, que o meu problema era fala. (Armando)

Divergências burocráticas

Em seu relato, Armando também abordou os desafios de ordem administrativa e organizacional do processo de migração para o Brasil, destacando as dificuldades enfrentadas em sua transição, que incluíram questões burocráticas no processo de aquisição do visto. O

participante também expressou sua percepção sobre o rigor burocrático envolvido na saída de seu país de origem, associando-o ao contexto de militarização das embaixadas locais.

[...] praticamente todos os países têm visto do turismo, de trabalho [...] você não tem como sair se não desse jeito. Como [país de origem] é um país com alto índice de imigração e investem no turismo então eu precisei, lembro, minha esposa me fez fazer um visto de turismo. Então eu precisei ir na Embaixada de Brasil. Então me tem funcionários brasileiros, porque tem um funcionário contratado pela Embaixada que trabalha em conjunto com um funcionário militar de [país de origem]. Porque em toda Embaixada de [país de origem] é um militar, porque eles em todo momento querem conferir você. Eu precisei demonstrar vínculo amoroso, vínculo de que eu tenho algum bem em [país de origem], como minha casa. Conversa, onde eu tenho que mostrar nossa conversa privada incluso. Porque se você não apresenta o relacionamento em que está acontecendo, eles negam no momento o visto. Você precisava colocar fotos, de quando eu estava falando com a minha esposa, coisa estranha aqui. (Armando)

Ele reitera seu argumento ao mencionar que havia poucas emissões de vistos de turismo quando realizou sua própria solicitação. Essa situação, segundo seu relato, evidencia trâmite financeiro e administrativo envolvido no processo, que ainda pode resultar na não concessão do documento.

Eles dão 25 agendamentos. Onde eu fui o único que fui aceitado nesse dia. A pessoa sai chorando, porque eles têm que, você tem que pagar uma tarifa alta, não é em sua moeda. Eles cobram em dólares americanos ou em euros. Porque é a moeda que vale, porque nossa moeda não tem valor. [...] Isso tudo para o visto de turismo. (Armando)

O participante prossegue em sua narrativa afirmando que, uma vez superada a fase processual, a situação se torna consideravelmente mais tranquila. No entanto, ele ressalta que o próprio percurso até essa estabilidade é marcado por uma tensão significativa.

Mas fui aceito, fui na aerolinha, que vende passagem para o Brasil, comprei e saí tranquilamente. No final que você tem um visto carimbado no passaporte, a hora de entrar no aeroporto em [país de origem] é fácil. Em [país de origem] os funcionários são militares, então eles revisam você, sua mala, conferem o visto cinco vezes. Mas bom, como é certo, não está nada errado, não é nada falsificado, eu saí fácil. Mas todo esse processo de obter um agendamento, de apresentar toda a documentação, é complicado, você se sente tenso. (Armando)

Em continuidade ao seu relato, Armando passa a discorrer sobre os desafios burocráticos que enfrenta no Brasil, destacando como principal obstáculo a homologação de seu diploma. Ele relata que o processo administrativo tem apresentado entraves significativos, os quais vêm dificultando sua progressão no país.

A única coisa pra mim que eu não gostei muito, para mim é muito restrito, digamos assim: eu sou de profissão engenheiro mecânico, então para eu trabalhar aqui eu preciso homologar meu diploma, até que precisa homologar não é tanto um problema, o problema é que o processo é muito administrativo, exigem muitos documentos. E é muitos documentos que, inclusive, eles reconhecem como sérios que muitos países não fazem emissão desse documento. No meu país tem documento que não fazem emissão. Mas você apresenta o documento, mas não homologa seu diploma. (Armando)

No intervalo entre as entrevistas, Armando viajou para seu país de origem e explicou que aproveitou o período no país para dar andamento à emissão da documentação necessária. Seu objetivo era direcionar esforços para a obtenção desses documentos, que seriam essenciais

para homologar seu diploma no Brasil, e reitera a ideia de que há uma burocracia maior em seu país em relação a obtenção de documentos.

Aproveitei para fazer um documento que eu também precisava, porque aqui não é como [país de origem]. Eu escuto muitos brasileiros falar que tem muita burocracia. Aqui tem um pouquinho. Agora, comparado com [país de origem], vocês não têm burocracia. Bom, aqui você vai a um cartório, tem muitas pessoas, demora, mas você resolve no dia. Em [país de origem] você vai e vê se tem disponibilidade. No momento tem que pagar em dinheiro. E é complicado. Então eu precisei ir com muita energia para aproveitar as férias, mas resolver sobre esse negócio que eu precisava. Porque é complicado. (Armando)

Em sua narrativa, o participante mantém o foco na dificuldade de validar seu diploma no Brasil, utilizando essa experiência para destacar a complexidade dos trâmites burocráticos no país. Através de seu relato pessoal, essas questões tornam-se evidentes e concretas.

É preciso muita documentação do meu país, é complicado. Documentação que são cinco documentos, dos quais três meu país faz emissão, dois não. [...] E o sistema de revalidação do diploma do Brasil, ou você tem esses cinco documentos ou você não é capaz de validar o seu diploma. (Armando)

O participante evidencia por meio de suas narrativas que as políticas públicas e administrativas são elementos centrais no processo de transição cultural de pessoas em migração. Ele conclui sua reflexão reconhecendo que, apesar das dificuldades burocráticas para homologar seu diploma no Brasil, prefere aceitar essa situação por compreender que não há alternativas viáveis para lidar com o processo: “No Brasil, é muito burocrático, é bem difícil, eles reconhecem que vários países não fazem a emissão, mas em regra não fazem (a revalidação). Mas como são as características do Brasil, eu tenho que fazer, tal e tentar.” (Armando)

Estudo 3

O terceiro estudo aborda o caso da participante Patrícia, que deixa sua terra natal para fugir de graves e generalizadas violações de direitos humanos. Em sua narrativa, a participante enfocou um tema principal: a) Preconceito e xenofobia que sofreu no país, evidenciado pela dificuldade em conseguir e se manter em empregos e moradias, ocasionando problemas sérios de saúde mental. A partir deste tema, desenvolveu-se na sua narrativa outros dois subtemas correlacionados a sentidos específicos: b) Sentimento de injustiça em relação ao preconceito que sofreu, relacionadas ao seu adoecimento físico, psicológico e social no Brasil e c) Falta de perspectiva sobre o futuro, decorrente da dificuldade de adaptação e do insuficiente suporte recebido no Brasil. A seguir, são apresentados os resultados de acordo com o tema e subtemas.

Preconceito e xenofobia que sofreu no país

Durante as duas entrevistas, Patrícia dedicou boa parte do tempo a narrar suas experiências no Brasil e as dificuldades para manter emprego e moradia. Em seu relato, ela descreve uma trajetória marcada por perseguições constantes, tanto no ambiente de trabalho quanto nos locais onde residiu. Tais condições de vida no país lhe acarretaram diversos traumas, os quais a participante detalha mais adiante. Nesta seção, os sentidos "emprego" e "moradia" aparecem frequentemente correlacionados e dão origem ao tema "preconceito e xenofobia que sofreu no país", gerando significados que podem ser sintetizados no fluxograma abaixo:

Figura 7

Preconceito e xenofobia que sofreu no país



Os sentidos serão detalhados a seguir em seções distintas, para uma apresentação mais clara.

Dificuldade em se manter e conseguir emprego

Ao iniciar seu relato sobre emprego no Brasil, Patrícia revela que, antes de se mudar para Brasília, passou por Manaus. Ela detalha que, ainda lá, ao perguntar a uma conterrânea sobre a melhor cidade para conseguir trabalho, foi informada sobre as dificuldades do mercado, o que a deixou aflita.

Perguntei qual cidade era melhor para conseguir trabalho [...] E ela me falou que Boa Vista – Manaus, que como estava sozinha era muito perigoso e, também, as vagas de emprego eram muito difíceis, e que no momento, ela estava vendendo café na rua. Quando ela me falou isso eu disse “eu não vou vender café na rua”. Eu não posso, porque você vê, é complicado. (Patrícia)

Em seguida, ela entrou em contato com sua professora de português do Brasil, com quem tinha aulas à distância, e foi por ela informada sobre as oportunidades em Brasília: “E

eu falei com a professora e ela me disse ‘Oi, olha Brasília é a capital de Brasil e tem muito trabalho’ e eu comecei a pesquisar e vi que havia muitas vagas de emprego.’” (Patrícia)

Ao chegar em Brasília, Patrícia foi acolhida por um contato que havia obtido através de ajuda humanitária ainda em Manaus. No entanto, sua anfitriã logo a advertiu de que a situação empregatícia na capital também era difícil, explicando que o mercado funcionava principalmente por indicações, o que a deixou preocupada.

[...] falei com ela sobre como eram as vagas de emprego porque não conhecia, não sabia nada. Ela me falou que era complicado conseguir trabalho aqui. Que era assim ‘se você indica’, ‘indicação’. Assim, me pareceu raro (estranho), mas ela estava falando, ela morava aqui. E eu comecei a me preocupar. (Patrícia)

A participante acrescentou que conseguiu seu primeiro emprego no Brasil com a ajuda da moça a qual estava morando:

[...] me consegui trabalho, de diarista, em um clube de pesque-pague, trabalhei quase 3 meses lá, de garçonne, eu nunca fui garçonne [...] aí trabalhei sábados e domingos e depois eles começaram a me chamar nos dias da semana. Pagavam trinta reais o dia. Das 8 até às 18, 19. Eles davam a comida e o pagamento do metrô. (Patrícia)

Com a experiência adquirida no pesque-pague, Patrícia conseguiu um emprego em um mercado na região onde morava. Ela esclareceu que precisava de um trabalho melhor para conseguir sair da casa em que estava morando de favor. Foi ao mudar de emprego, segundo seu relato, que o tratamento inadequado começou.

[...] depois consegui trabalho aqui no [mercado]. Nunca fui caixa na vida, primeira vez aqui, mas é [...] o tratamento foi ruim, muito ruim, com as pessoas. Foi complicado lá, eu trabalhei seis meses ali. O tratamento demasiadamente ruim [...] aí foi todo um inferno. O tratamento foi muito ruim. As moças faziam bullying. Falavam que era de brincadeira, mas agora entendo que não era brincadeira, era falta de

respeito. Para mim era falta de respeito. Muito ruim, muito ruim o tratamento.

(Patrícia)

Após a experiência no mercado, ela começou a procurar outro emprego. Chegou a ver um anúncio de uma drogaria e acreditou ter uma chance. No entanto, relata que, após ser questionada sobre seu país de origem, nunca foi chamada para a vaga:

[...] cheguei ali na [drogaria] e vi que eles iam inaugurar, então eu perguntei se eles estavam precisando de caixa e então uma moça me falou pra eu falar com a gerente[...]. E eu falei com ela (a gerente) e ela me escuta me falou ‘de onde você é?’ e eu ‘do [país de origem]’ [...]. E ela me disse ‘olha não vou prometer trabalho para você, mas vou mandar um e-mail para que você envie seu currículo’. Eu enviei, eles inauguraram e nunca me chamaram, não ligaram para mim. (Patrícia)

Ela relata que, quando finalmente conseguiu emprego em outra loja e saiu do mercado sentiu-se traumatizada: “Mas quando saí dali (do mercado), eles me deram uma carta de que não tenho nenhum problema, disseram que eu não precisava cumprir pré-aviso. [...] disse ‘ah para mim isso está fechado. Acabou’. [...] Fiquei tão traumatizada com o tratamento.”

(Patrícia)

Após sair do mercado, Patrícia começou a trabalhar em uma loja de cosméticos e perfumes brasileira. Ela explicou que sua remuneração era baseada em comissão, proporcional ao volume de vendas que realizava. No entanto, ainda nesse emprego, começou a ter problemas com outro vendedor.

Como estávamos trabalhando com comissão, quem sacava mais, ganhava mais. E eu sou muito rápida e quando ele viu que eu vendia mais começaram os problemas.

Então foi complicado. [...] Então eu falei com a supervisora, que era gerente, e disse que assim não podia ser porque eu estava trabalhando. Então esse problema foi apresentado ali que foi muito incômodo para mim. (Patrícia)

De acordo com o relato da participante, a situação com o outro vendedor se agravou a ponto de, em um dos turnos de trabalho, a questão entre eles lhe causar uma lesão no ombro.

Quando somos perfumista, nós temos que guardar mercadorias. E teve um dia que chegou 7 caixas de produtos, caixa enormes, não sei se você já viu, mas bem grandes assim. A subgerente disse ao [outro vendedor] para ele descarregar as sete caixas e (para mim) ir lá embaixo guardando os produtos. Mas para ele disse que só iria descarregar as caixas dos produtos que ele iria guardar e eu disse que poderia descarregar, mas eram muito pesadas. Eu até peguei um carrinho para ajudar, mas eram muito pesadas mesmo. Eu só terminei de descarregar às 22h30 e com o movimento e o peso eu tive uma lesão no ombro.

A participante relata que, após o ocorrido, tentou contatar a gerência para esclarecer o caso e pleitear sua transferência para outra loja. No entanto, mesmo com essa iniciativa, a situação não foi resolvida.

Eu fui até o RH e expliquei à moça que tive dor e expliquei tudo. Ela me falou que eles não poderiam fazer nada e eu pedi a ela uma transferência. E ela me falou que não poderiam me transferir. Então falei “olha eu vou ao médico porque estou com muita dor” e ela me disse para falar com a supervisora para ver o que ia acontecer.
(Patrícia)

Eventualmente, a participante conseguiu emprego como caixa em uma drogaria. No entanto, mesmo nesse novo ambiente, enfrentou novos problemas: relatou ter sofrido abusos por parte dos gerentes e um caso de xenofobia explícita.

Aí me chamaram para trabalhar [na drogaria] e lá começou a loucura coletiva. Eu notei que ele (o gerente) estava assim... Estranho, esquisito. Eu comecei a falar com a senhora e eu também achei o subgerente estranho porque ele não falava comigo diretamente. Comigo ele não falava. [...] Quando o caixa estava muito cheio de fila e

eu ia ajudar, ele dizia para eu ficar para lá. Ele não queria que eu ficasse perto do caixa quando ele estava perto do caixa. Mas eu tá, eu comecei a trabalhar, aprendi o sistema muito bem [...] (Patrícia)

A percepção de que era tratada de forma diferenciada por seus gestores se confirmou em um episódio específico, que Patrícia narra:

Uma vez houve um problema na luz (de energia) e o gerente fala aos outros trabalhadores que ‘eles vêm [do país de origem] ao Brasil atrapalhar o sistema elétrico’. Que eu vim do [país de origem] para gastar o sistema elétrico. Ele estava me culpando por não haver luz na farmácia [...]

A participante detalha, por fim, a situação que a levou a deixar o emprego. Um episódio de agressão verbal por parte do subgerente, ocorrido após uma confusão no fechamento do caixa.

E aí teve um dia, estava a senhora (uma colega de trabalho), o subgerente e eu.

Faltaram 15 reais no caixa dele. E ele bateu no caixa gritando que faltava dinheiro [...] estava muito agressivo e eu estava ao lado dele. Então, ele descobriu que estavam fazendo a sangria do dinheiro do dia errada. Para que ficasse no sistema como se eu não soubesse manejar o sistema [...]. Depois dessa situação eu disse “ah não consigo mais trabalhar aqui”. Então pedi as contas. (Patrícia)

A participante também relata diversos outros casos de assédio e abuso que sofreu em outros empregos, tanto em mercados quanto em drogarias no Brasil. Essas experiências foram invariavelmente marcadas por situações de perseguição que a afetaram profundamente. Em um caso específico, num outro mercado onde trabalhou, disse ter sido alvo de perseguição. Além disso, menciona que, devido a barreiras linguísticas, muitas vezes não percebia imediatamente que estava sendo insultada.

[...] Ela me perseguia por todo o supermercado e não me deixava comer. Ela se juntou às moças dos outros caixas e me chamavam de “safada”. E eu não sabia o que significava “safada”. Um dia eu perguntei para o moço (fiscal do caixa) e ele me explicou e eu fiquei “ah eu não sou safada”. (Patrícia)

Ela explica que ainda tentou conversar com sua gestão superior sobre a situação, mas percebeu que, mais uma vez, o problema não teria solução. O que a levou a pedir demissão novamente.

[...] Assim trabalhei no [mercado atual] quase dois meses e eu tive que pedir conta porque a situação estava complicada. Falei com ele, com o subgerente, e perguntei se ele me transferia e ele falava que não “você vai ficar aqui comigo”. E eu dizia não, não vou voltar passar de novo pelo que passei ali no [mercado antigo]. Pedi conta. Já estava crítica de dinheiro, crítica de saúde, crítica de tudo. (Patrícia)

A trajetória profissional da participante foi marcada por graves situações de discriminação e xenofobia, que frequentemente a levaram a declarar ter desenvolvido traumas. Paralelamente às dificuldades enfrentadas em seus diversos empregos, ela também relata ter vivido problemas com as pessoas do local onde morava, o que agravou ainda mais seu estado psicológico. A próxima seção explorará essa dimensão de sua experiência, com base em suas narrativas.

Dificuldade em se manter e conseguir moradia

Ao iniciar sua jornada de Roraima para Brasília, Patrícia explica que se hospedou na casa da mulher que a acolheu. Ela relatou à anfitriã sua situação: que viria a trabalhar e que pretendia ajudar sua mãe financeiramente:

[...] eu falei com ela e expliquei que era profissional, que eu viria só para trabalhar, que minha mãe precisava de uma operação nos olhos e que aqui no Brasil era mais

acessível a operação, e ela me falou ‘tá bom’ e que iria me receber no aeroporto.

(Patrícia)

De acordo com Patrícia, após algum tempo residindo na casa, sua anfitriã começou a se incomodar com sua presença. Essa situação a levou a questionar sobre outras possibilidades de auxílio, para que pudesse deixar o local: "[...] ela se incomodava muito que eu estava ali [...] perguntei se havia um refúgio que eu poderia ir e ela me falava que não, que não havia refúgio nem nada. E eu falava 'okay, tá complicada a situação'" (Patrícia)

Em sua narrativa, a participante destacou que chegou a perguntar à anfitriã sobre outras opções de aluguel. A anfitriã informou que havia um local disponível para onde ela poderia se mudar:

Era complicado, não sei. Eu passei o dia 31 com ela e eu falei que queria alugar (um lugar). Ela me falou que aqui no Guará 2 havia um [conterrâneo do país de origem] ali onde eu estava morando, que ele ia embora para [país de origem] e que eles poderiam alugar para mim. (Patrícia)

Patrícia mudou-se para o local indicado e lá permaneceu durante uma parte de sua estadia no Brasil. Em seu relato sobre a vida profissional, começaram a aparecer questões relacionadas à sua moradia, a começar pela situação de falta de água que enfrentava periodicamente.

Então passou dezembro e eu te falei que tinha problemas aqui onde eu morava desde março porque não me entregavam água? [...] Não chegava água lá. Só em um certo horário. Chegava umas oito da noite e às oito da manhã cortavam a água. De noite eu estava trabalhando, chegava 23h30, dormia e tinha que levantar às 6h00. Não dormia quase para poder fazer as coisas e aproveitar a água. Então eu falei com o dono (do imóvel), do problema, e ele me falou que não sabe qual é o problema porque ele pagava

a conta de água. Depois que eu falei com ele, comecei a ter problemas com a vizinha. (Patrícia).

Os conflitos com a vizinha se intensificaram, e Patrícia narra um episódio em que foi agredida com água ao chegar em casa depois do trabalho, durante um feriado de fim de ano. Ela relata ter estranhado a situação, pois considerou incompreensível que alguém decidisse lavar o corredor exatamente no último dia do ano:

“No 31 de dezembro eu trabalhei no fechamento e eu fui a última caixa. [...] quando eu estava subindo a escada a vizinha me lançou um balde de água. Ela disse que estava lavando a escada. Mas no dia 31 de dezembro você está lavando uma escada?” (Patrícia)

A participante relata que os problemas com os outros vizinhos aumentaram progressivamente, a ponto de perturbarem seu sono. Essa situação agravou ainda mais seu estado, uma vez que ela não recebeu apoio dos proprietários do local onde morava.

Começaram os problemas mais fortes quando os vizinhos não me deixavam dormir. [...] Quando eu cheguei ali começaram os vizinhos a falar “essa mulher não pode ficar sozinha aí”, que não sei quê, gritavam. Falavam duro. Fazia dias que já estavam falando na praça, eu morava na frente de uma praça. Embaixo havia uma farmácia e eles se reuniam ali e falavam de mim. Horrível. Batiam a porta às 6 da manhã. Horrível, horrível. E eu passei todos os meses aguentando tudo isso. [...] a moça que eu tive problemas, ela não era a dona, mas os donos nunca iam lá, então ela que fazia tudo. (Patrícia)

De acordo com Patrícia, diante do assédio persistente no ambiente de trabalho e da convivência insustentável com os vizinhos, ela relata que começou a experimentar um colapso psicológico. Esse estado de esgotamento foi o fator decisivo que a mobilizou a buscar uma mudança de residência como única saída para preservar sua saúde mental.

Eu me sentava numa praça ali na frente e ficava esperando. Sem dormir. No segundo dia colapsei. Ela (a vizinha) me falou que eu falava dormindo e eu lhe falei “ah eu não sabia [...] que no Brasil falar dormindo era um crime”. Porque eles falavam que eu falava dormindo e que incomodava os vizinhos. Era o que falavam. Então eu estava tão colapsada que eu comecei a dormir no caixa, então a doutora (médica da farmácia em que trabalhava) que estava comigo me perguntou se eu tinha problema com os vizinhos. E eu lhe falei que sim, que tinha problemas, que queria me mudar, mas que não tinha dinheiro. Porque necessitava de dinheiro para poder me mudar. Só estava trabalhando há 2 semanas ali quando colapsei. Que foi no dia que cheguei, que disse olha não sigo mais, porque cheguei e começaram a gritar e gritar. (Patrícia)

Patrícia documentou gravações em seu celular que corroboram com os repetidos casos de assédio sofridos em sua residência. Ela encerra essa parte de sua narrativa com profunda tristeza, revelando que a estigmatizavam como psicologicamente instável: “Então, é difícil. Pensava que eu estava louca, me chamavam de ‘a louca do [país de origem]’. É... três dias sem dormir... não é fácil” (Patrícia). Seu relato expõe a hostilidade do ambiente e a violência de ser invalidada.

Diante do acúmulo de situações insustentáveis tanto no trabalho quanto no local que morava, Patrícia viu-se forçada a abandonar seu emprego e moradia. Por orientação do CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), foi acolhida em um abrigo para mulheres em situação de vulnerabilidade. Seu desabafo sobre a situação foi: “Porque nunca faltei com o respeito, nunca fiz nada de errado e agora tenho que morar em um abrigo, com banheiro comunitário, comendo com pessoas... É complicado.” (Patrícia)

Sentimento de injustiça em relação ao preconceito que sofreu

Diante do relato das experiências de preconceito e xenofobia, Patrícia descreveu um grave adoecimento, que afetou sua saúde psicológica, física e social, o que a levou a viver em um abrigo, sem recursos financeiros. Em resposta, buscou acionar instituições de proteção brasileiras na expectativa de reparação, porém permanece com a sensação de que a justiça não foi alcançada. Ao longo de sua narrativa, Patrícia reitera repetidamente seu profundo sentimento de injustiça. Ela enfatiza uma desconexão entre a realidade que vivenciou e suas expectativas em relação às autoridades, defendendo que estas deveriam focar em identificar quais estrangeiros realmente cometem infrações, em vez de generalizar e permitir que todos sejam alvo de xenofobia e perseguição. Ela declara deveria haver um combate a discriminação e direcionamento de contra indivíduos que tenham cometido crimes, assegurando que pessoas em situação regular, como ela, não sejam penalizadas injustamente. O que pode ser sintetizado na figura:

Figura 8

Sentimento de injustiça



Denúncia às autoridades em busca de reparação pessoal

Diante do sentimento de injustiça, a participante formalizou uma denúncia na DECRIN (Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência), em busca de reparação pessoal, conforme explicitou: “E eu falei com a senhora, como ficou a situação: eu morando num abrigo, sem trabalho, eles ficaram no guará muito bom, eles ficaram como heróis e eu fiquei em um abrigo, de mulheres vulneráveis, sem trabalho.” (Patrícia)

Ela reitera essa convicção, declarando sua percepção de injustiça acerca dos acontecimentos:

Essas coisas que fizeram, e isso é ruim, aqui no Brasil, nos estados unidos, na Venezuela, em qualquer lugar do mundo. [...] E eu falei com essa pessoa, eu lhe disse eu não tive justiça. Eu sinto, é o que eu sinto, que eu não tive justiça, porque agora eu tenho que começar do zero. (Patrícia)

Durante o registro da ocorrência, a participante detalhou a situação à autoridade policial que a atendeu, afirmando poder comprovar sua inocência através de evidências em seu celular. Ela explicitou que disponibilizaria o dispositivo para análise, utilizando também seu comportamental moral como meio de comprovar sua conduta e validar sua narrativa: “Porque eu falei que posso entregar meu telefone à polícia. porque eu não tomo droga, não tomo álcool, nunca na minha vida. E essas pessoas ficaram normal.” (Patrícia)

Ela conclui esta parte de seu relato defendendo que a atuação das autoridades deve garantir justiça não apenas para seu caso individual, mas para todos os migrantes de seu país de origem que buscam recomeçar no Brasil: “Tem que haver justiça, Pedro. De alguma maneira, justiça. Não somente pelo que passou a mim, mas por tantos [pessoas de seu país de origem] que estão chegando na fronteira. Porque é complicado, complicado os tratos.” (Patrícia)

Desconexão entre o que deveria ser feito e a realidade

Em sua narrativa, Patrícia argumenta que a legislação brasileira, em tese, deveria coibir a prática de crimes e atos xenofóbicos. No entanto, ela demonstra, por meio de exemplos da sua experiência, em sua narrativa, que há uma discrepância entre o previsto e a realidade vivenciada por migrantes internacionais. Ela expõe sua situação atual desamparada, obrigada a recomeçar do zero, sem recursos financeiros e sem reputação:

[...] não sei como vocês falam em português, mas sem reputación. E onde está a justiça? E me falam que xenofobia é um crime. Aham é um crime, então por que estas (pessoas) não estão pela ordem da polícia? Estão em casa. E eu lhes disse eu to morando em um abrigo, eu não estou discriminando o abrigo, porque são pessoas que se comportaram muito bem e me ajudaram para que eu não estivesse morando na rua. Mas é a situação, você me entende? Eu tenho agora que buscar trabalho, começar do zero de novo. (Patrícia)

A participante declara que muitos casos similares ao seu podem ter ficado impunes. Ela pondera que, embora esteja ciente de que tais situações não representam a realidade de todo o Brasil, tem clareza de que o que vivenciou foi injusto e contradiz o propósito da legislação que criminaliza a xenofobia:

E quantos casos de xenofobia não houveram sem justiça também? Então é complicado e eu não estou falando que é todos, porque sei que o Brasil é muito grande e tem muitos [pessoas do país de origem] que também se comportam mal, pero se você não tem nenhum tipo de comportamento mal, você também tem que ver. Essas pessoas também têm que pagar, pela justiça. Porque me falam “é crime, é crime é crime”, pero eu não vejo que é crime. (Patrícia)

Ela conclui esta parte de seu discurso expressando que não compreende qualquer conduta problemática que lhe possa ser atribuída, e demanda explicações claras sobre os acontecimentos. Chega a afirmar que, se sua presença era indesejada, uma comunicação

direta teria sido suficiente: “Então qual é o problema ali? Eu quero que me expliquem direitinho o que foi que eu fiz de mal. Porque se eles queriam que eu fosse embora, simplesmente que fossem pessoas educadas e me falassem.” (Patrícia)

Combate às pessoas que realmente cometeram erros

A participante defende a necessidade de mecanismos de combate a tais injustiças. Ela propõe a implementação de medidas, como a supervisão de empregadores que contratam migrantes internacionais, para verificar o cumprimento de normas e assegurar tratamento adequado a esta população.

[...] então é o que eu falo: se você vai contratar um imigrante, se você está tomando a responsabilidade de abrir as portas a um imigrante, você tem também que ficar de olho que as pessoas tampouco ataquem a pessoa. [...] E aí a pessoa não fica traumatizada e você não causa problemas. É o que eu falei, não há justiça, me perdoa, mas não há, para mim não houve. Porque essas pessoas ficaram normais, no dia a dia, em suas casas. Eu tive que sair como um cachorro. (Patrícia)

Ela prossegue em seu relato defendendo a necessidade de uma avaliação individualizada do comportamento dos migrantes, para evitar generalizações injustas. Reitera que, em toda a sua trajetória no Brasil, não identifica em sua conduta qualquer motivo para as perseguições sofridas.

Eu entendo que tem tantos [pessoas de seu país de origem] migrando e portando-se mal, mas como te falo, as pessoas têm que ficar de olho no comportamento das pessoas. Se tem dois anos que você conhece a pessoa, veja dois anos e não dois meses, e essa pessoa em dois anos nunca fez escândalos. [...] Então qual é o problema ali? (Patrícia)

Patrícia explicita seu sentimento de injustiça ao comparar os processos aos quais foi submetida: enquanto ela precisou passar por avaliações psicológicas, aqueles que a discriminaram não foram submetidos a nenhum tipo de apuração ou responsabilização. Ela defende que deveria haver uma reciprocidade nesses processos

Essas pessoas tinham que ser avaliadas psicologicamente. A que foi avaliada foi a imigrante, elas não foram. Para mim isso que é loucura. Então elas não são avaliadas psicologicamente porque são brasileiras e eu fui avaliada por que sou imigrante? Aí é onde está a balança. E isso é um caso de injustiça, porque sofri injustiça. E ficou que a imigrante é louca. É complicado. (Patrícia)

Por fim, Patrícia declara em sua narrativa que desconhecia o racismo em seu país de origem, tendo vivenciado e compreendido racismo apenas no Brasil. Ela relata que, em conversas com uma conterrânea das aulas que frequentava na SEEDF, constatou perplexidade diante da existência de pessoas que classifica como racista.

Eu estava falando com uma moça que estuda comigo e ela me fala que nosotros não sabemos o que é racismo [no país de origem]. Nós somos misturados, você pode ser preto, amarelo, para nós somos iguais. Para nós todos são iguais. Eu não queria crer em racismo, mas eu fui aprender o que é racismo aqui. Eu não entendo. Então esse preconceito que falam vocês, eu fui aprender aqui. E é claro, eu fiquei um pouco traumatizada com essas coisas. Eu fiquei traumatizada porque é o que eu digo, eu não posso acreditar em pessoas tão más. (Patrícia)

Falta de perspectiva sobre o futuro, decorrente da dificuldade de adaptação, relacionado a linguagem e cultura, e do insuficiente suporte recebido no Brasil.

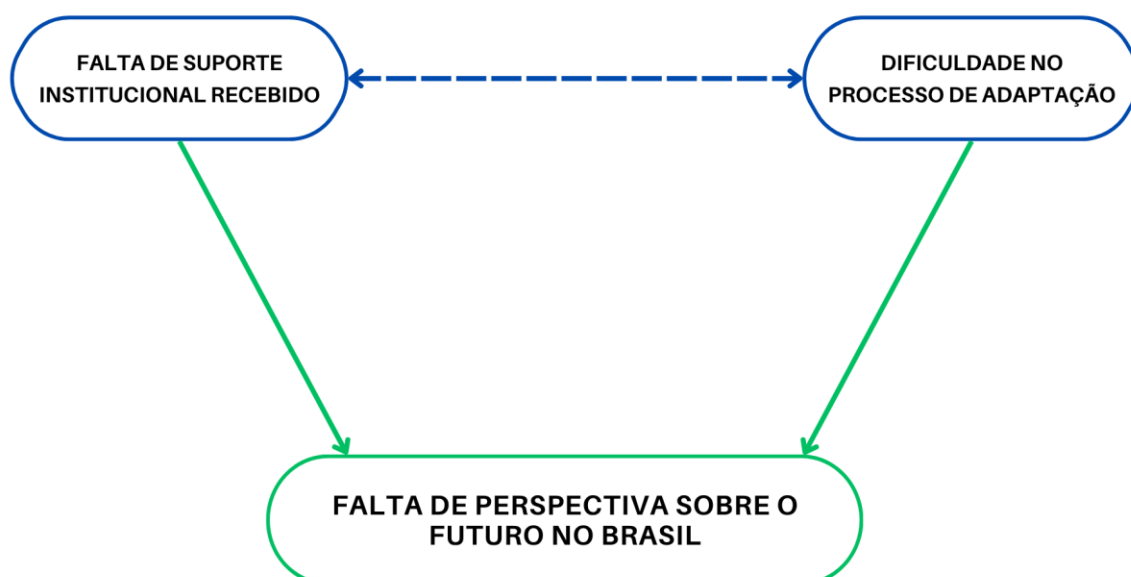
O adoecimento biopsicossocial narrado pela participante, além de consolidar seu sentimento de injustiça, resultou na falta de perspectivas futuras no Brasil. Sua narrativa

exprime ambivalência: embora impossibilitada de retornar ao país de origem devido à instabilidade política, também não consegue vislumbrar um projeto de vida no Brasil após as experiências relatadas. Essa falta de perspectiva advém de dois subtemas: na falta de suporte institucional e social recebido no país e na dificuldade no processo de adaptação ao Brasil.

Sintetizado na figura abaixo:

Figura 9

Falta de perspectiva sobre o futuro no Brasil



Na narrativa da participante, há uma correlação entre a falta de suporte e as dificuldades no processo de adaptação. Diante dessa interconexão, os dois subtemas serão analisados de forma integrada nesta seção, sem demarcações que os separem.

Patrícia inicia seu relato afirmando que não recebeu orientação adequada ao chegar ao Brasil e avalia que faltaram informações sobre como proceder em situações de risco, como casos de xenofobia.

Quando cheguei aqui em Brasil, como te falei, [...] foi complicado porque não orientam bem. Acho que faltou informação em casos de ajuda, de lugares aonde podemos ir, aqui

em Brasília, porque eu tivesse caso de xenofobia e eu não sabia onde ir, o que fazer. Eu somente pensei em polícia, posto de saúde, alguém que ajudasse. (Patrícia)

Ela também aborda as barreiras linguísticas no processo de informação e suporte, relatando que, ao chegar, enfrentou sérias dificuldades para se informar devido ao desconhecimento do português. Como solução, sugeriu a inclusão do espanhol em placas informativas e materiais de orientação.

Porque nós [do país de origem] que não conhecemos muito o português, não falamos, não lemos, as informações poderiam estar em espanhol. Penso eu que eu chegando no terminal de boa vista, poderia ter uma pessoa que diga “mira, isso é o CRAS, mira tem essa instituição, las ciudades brasileiras são essas” mais informações. Para que eu não saia desesperado de [país de origem]. (Patrícia)

Ela reconhece que, em seu processo de trabalhar no Brasil, contou com certa vantagem por possuir formação educacional, o que facilitou a aprendizagem de procedimentos operacionais. No entanto, ressalva que a barreira linguística permaneceu como certo obstáculo em seu percurso.

E por exemplo eu tiver sorte porque aprendi rápido e tenho estudos. Mas há muitas pessoas que chegam e não tem estudos. Como que faz? Fica sem trabalhar, ela vai ter que pedir contas no mesmo dia e ir embora. Eu tive que me virar, pedir para as pessoas falarem mais devagar, mas aprendi. [...]. Mas foi complicado. (Patrícia)

Ela afirmou que, em sua perspectiva, a melhoria dessa situação passaria pela contratação de profissionais multilíngues para orientar os migrantes internacionais sobre os procedimentos operacionais do trabalho:

É como estou te falando, se você vai abrir as portas das empresas para os imigrantes e você tem funcionários que falam espanhol ou inglês, porque não é só imigrantes [do

país de origem], são outros. Por que não treiná-lo em seu idioma para que ele possa entender melhor o movimento? (Patrícia)

Ela acrescentou que a diferença cultural representou outro sentido significativo em sua falta de perspectiva, ressaltando que, em sua percepção, não foi tratada com o respeito que considerava adequado.

Também achei complicado as pessoas, pela cultura, são complicadas. Não entendem que temos culturas diferentes, não sei o que pensam em sus cabeças, mas acho que deve se tratar as pessoas com respeito e tem pessoas que não entendem, não tem educação. [...] Eu sou uma pessoa, como se diz aqui, mais fechada, mais conservadora. Mas não me meto na vida de ninguém, então eu acho que aqui isso para os outros é um problema onde eu morava. (Patrícia)

Ela conclui sua narrativa estabelecendo que está impossibilitada de retornar ao país de origem e que decidiu conceder uma segunda chance ao Brasil. No entanto, deixa evidente que caso a xenofobia persista, buscará refúgio em um país hispanofalante como alternativa de recomeço.

“Bom, agora eu estou sem trabalho. Estou esperando os auxílios do governo que já foram solicitados pela assistente social. Agora ir de brasil para outro país, eu não tenho dinheiro. A situação [do país de origem] está complicada para eu voltar. [...] E vou ficar um tempo aqui no Brasil para ver se as coisas evoluem melhor, vou dar uma segunda oportunidade. Mas se eu vejo que vai continuar na mesma situação eu vou embora porque não posso ficar o resto da minha vida assim. Se continuar a mesma situação com a xenofobia aí eu teria que ir a um país que fala espanhol. Porque eu não posso perder meu tempo assim.”

Na próxima seção, os resultados das narrativas aqui apresentadas serão discutidos sob a perspectiva da psicologia cultural, com apoio de outros referenciais teóricos convergentes,

permitindo explorar os significados construídos pelos participantes a partir de suas experiências no Brasil, tanto em sua dimensão individual quanto nas compartilhados.

Discussão

As migrações direcionadas ao Brasil podem constituir um destino final ou, alternativamente, funcionar como uma plataforma para um deslocamento futuro rumo a países que oferecem condições mais favoráveis ao desenvolvimento empresarial e à realização ideológica. Uma vez estabelecida a decisão de permanecer no país, os processos de convencionalização manifestam-se por meio de dinâmicas variadas (Bartlett, 1995), polifônicas (Bakhtin, 2008, 2010) em posicionamentos (Harrè, 2012) eu-não eu, lá e cá, antes e agora, com a produção de comparações, de esforços de pertencimento e diferenciação com a aproximação entre as culturas de origem e de acolhimento. Conforme evidenciado pelos múltiplos casos analisados neste estudo, os fluxos migratórios de cunho econômico são caracterizados pela busca de melhores condições de vida, materializada no desenvolvimento de negócios e carreiras no território de acolhimento. As transformações identitárias do sujeito e suas percepções sobre o outro permeiam-se por comparações entre o local de origem e o de destino. Esse processo abarca desde práticas culturais até a possibilidade de reunificação familiar e constituição de uma nova família, da criação de comunidades e do exercício da liberdade religiosa, inclusive através da construção de templos, estratégias que visam aproximar a nova realidade à vida previamente conhecida. Por sua vez, a migração de base ideológica fundamenta-se em expectativas de transformação existencial, de fuga da opressão e de uma acolhida favorável. Quando tais expectativas são frustradas, a permanência no território implica no enfrentamento de adversidades que comprometem a manutenção da saúde mental.

O processo migratório é complexo e envolve transformações culturais, sociais, econômicas e psicológicas, pois, ao deixar seu país de origem, o migrante transiciona geograficamente e entre sistemas simbólicos distintos e diversas referências de sentidos. Este processo desencadeia a transição cultural, uma modificação gradual de crenças, valores,

normas e comportamentos na transição de uma cultura para outra. Dessa forma, a transição cultural se configura pela transformação processual dos sentidos atribuídos a elementos e grupamentos simbólicos em cronotopos da época interrelacionados a cronotopos culturais anteriores, expectativas de negócios e ideológicas e como se concretizam nas zonas de contato com o outro, ao longo do tempo (Pratt, 1991).

Este processo envolve diversas dimensões coletivas e individuais, como exemplo: diferentes conceitos de cultura, o funcionamento da educação formal do país de origem e do país anfitrião, a organização urbana e arquitetônica do país de origem, as questões sobre aprendizado de língua, os sentimentos relacionados à nostalgia ou recordação do país de origem e o acolhimento (ou falta de acolhimento) no país anfitrião, entre outras variantes que refletem a história pessoal de cada migrante durante a transição.

Nas narrativas, a migração econômica, que atua como motivadora de deslocamento, é impulsionada por uma dinâmica de busca por melhores oportunidades de trabalho, salários mais altos e um padrão de vida mais elevado. Tais movimentos são, frequentemente, interpretados nas interpretações de si, do outro e do mundo, como responsividade (Volosinov, 2014) a condições adversas como o desemprego e/ou a instabilidade econômica nos locais de origem. Todos os participantes da pesquisa declararam possuir formação superior, obtida em seus países de origem. Esse fato indicou que eles teriam qualificação para encontrar empregos formais mais adequados ao seu nível acadêmico. Observa-se uma ambivalência entre a expectativa de desenvolvimento econômico e o trabalho no que se relaciona a suas formações, essa relação é permeada por uma produção de sentido comum: a de que o processo de revalidação e homologação de diplomas obtidos no exterior constitui, no Brasil, uma prática burocrática, onerosa e demorada.

Para além do reconhecimento da formação, os sentidos atribuídos às oportunidades em áreas específicas no Brasil indicam outro fenômeno: o mercado nacional demonstra

exercer uma capacidade de influenciar potenciais migrantes. Essa influência, que se manifesta pela atração e persuasão, advém da cultura, dos valores e das políticas do país, os quais são percebidos como legítimos e atraentes pelos migrantes internacionais. O processo gera um fenômeno de valorização da cultura brasileira, cujo nível é moldado pela experiência de transição do migrante.

Há, portanto, um duplo caminho na orientação de sentido que os migrantes podem seguir em seu processo de transição e valorização cultural. Quando a integração é bem-sucedida e o migrante consegue combinar sua cultura de origem à brasileira, manifesta-se uma produção de novos significados e relações que se expressa, por exemplo, no desejo de abrir negócios e estabelecer uma vida profissional no Brasil, o que intensifica seus laços com a comunidade local e fortalece seu senso de pertencimento, com a perspectiva de formar família, trazer familiares do país de origem e estabelecer uma comunidade da cultura de origem no país de recebimento. As dinâmicas que jogam com diversas possibilidades de interpretação de exclusão, também, afetam o migrante psicossocialmente e gera produções de significado que o levam ao isolamento, mesmo dentro do território nacional, podendo favorecer e canalizar a formação de bolhas etnoculturais em um mesmo espaço geográfico, resultando em grupos multiculturais que não se integram à sociedade totalmente.

A alternância entre a comparação e o contraste das culturas de origem com a cultura brasileira, gera sentidos que ora os aproximam, ora os distanciam dos brasileiros em diferentes aspectos, formando-se assim a novas identificações em convencionalização. Essa negociação cultural constante reflete-se na tentativa ou busca de permanecer ou não no Brasil. Dessa forma, a construção do *self*, a partir da dinâmica entre o Eu (migrante) e o Outro (brasileiro), resulta continuamente em novas produções de significado, em concordância com a perspectiva dialógica do *self* (Barbato et al, 2020; Rosa & Blanco, 2007).

As negociações que os aproximam, advém de afinidades percebidas em dimensões socioculturais, como concepções de sociabilidade e acolhimento, os padrões educacionais e as experiências de trabalho e comportamento na vida em geral. Tais paralelismos sugerem que, em determinados aspectos, os migrantes reconhecem no contexto brasileiro uma proximidade significativa com os referenciais culturais de seus países de origem, facilitando assim o processo de integração em sua transição cultural.

Os momentos de negociação cultural que produzem distanciamento em relação aos brasileiros nos mesmos temas (educação, trabalho, sociabilidade e acolhimento). Essas experiências de dissonância geram produções de significado que frequentemente cristalizam um sentido de identidades culturais distintas e, em casos mais extremos, alimentam narrativas de incompreensão mútua ou desapontamento com o processo migratório. Tais significados, manifestam-se tanto no subjetivo, através de sentimentos de solidão ou injustiça, quanto no comportamento social, levando a um recuo para redes comunitárias fechadas ou à manutenção de barreiras simbólicas que inibem uma integração.

As produções de significado acerca de temas como linguagem, organização espacial e práticas religiosas foram mediadas por suas origens étnico-raciais e bagagens culturais. Hispano-falantes, naturais da América Latina, produzem significados relacionados aos desafios específicos relacionados à língua portuguesa e a divergências sociolinguísticas no Brasil. Em contrapartida, os muçulmanos, de regiões fora da América Latina, desenvolveram percepções distintas, centradas na organização socioespacial brasileira e nas práticas religiosas.

Origens geográficas, étnicas e culturais distintas resultam em produções de significado diversas no contato com o Outro. A zona de contato (Hermans & Kempen, 1998; Pratt, 1990, 1991, 1992) vivenciada pelos migrantes e suas subseqüentes negociações de sentido, inerentes ao processo de transição cultural, geram interpretações singulares da

realidade. Tais produções estão relacionadas às dinâmicas de poder vigentes no contexto sociocultural brasileiro, que permeiam múltiplos aspectos da experiência de vida.

Este contexto é marcado na produção de significados dos participantes muçulmanos, evidenciado por uma dissonância entre o Estado laico e uma sociedade organizada com base em traços cristãos, religião que historicamente constituiu a base da formação nacional e que, segundo o último Censo do IBGE (2022), representa aproximadamente 80% da população. Essa predominância cultural cria desenvolvimentos específicos para as negociações identitárias e processo de transição cultural envolvendo migrantes de países não cristãos.

Os participantes hispano-falantes, cujos países de origem também foram constituídos com base no cristianismo, não concretizaram dissonâncias significativas em relação à questão religiosa no Brasil. Nessas condições, a zona de contato é marcada por outras negociações de sentido, com força a temática político-ideológica relacionada ao seu processo migratório, considerando-se que regimes políticos divergentes podem trazer consequências para a produção de significado em processos de identificação em convencionalização, influenciando, por exemplo, suas percepções sobre liberdade, participação social e o próprio processo de migração.

As dinâmicas de poder inerentes ao contexto brasileiro, sejam culturais, religiosa ou políticas, são centrais para entender as diferentes produções de significado da experiência migratória. Essas produções de significado, presentes em suas narrativas, indicam que tais dinâmicas operam por meio de atos de posicionamento, frequentemente em oposição aos posicionamentos atribuídos pelo Outro (o Brasileiro). Dessa forma, o migrante posiciona-se perante a nova cultura, apresentando-se como um profissional qualificado, um estrangeiro linguístico ou um devoto de uma fé minoritária. Simultaneamente, ele interpreta ser posicionado pelo outro brasileiro como latino, muçulmano ou imigrante, concretizado em atos que, com frequência, carregam atributos de poder, direitos e deveres desiguais.

Para além das produções de significado associadas ao processo migratório e à transição cultural em si, é importante considerar os migrantes que se configuram como estudantes de PLAc. Essa condição tornou-se mediadora central de suas experiências, uma vez que o acesso a esse tipo de ensino serve como uma via para o conhecimento sobre direitos migratórios, procedimentos de revalidação de diplomas, bem como para acessar sistemas de assistência social, saúde e orientação profissional. Dessa forma, a política de PLAc pode atuar como chave interpretativa fundamental, mediando tanto a aprendizagem da língua quanto a própria compreensão e navegação nas questões institucionais e culturais brasileiras.

O ensino de língua de acolhimento ultrapassa significados e funções do domínio puramente linguístico, constituindo-se como uma prática social e política no processo de integração cultural. Ao reconhecer e incorporar sistematicamente os determinantes socioculturais e aspectos sociopolíticos que permeiam a experiência do migrante, o PLAc se torna instrumento de comunicação, mecanismo de mediação cultural, de acesso a direitos e potencializador do desenvolvimento sociolinguístico. Sua consolidação como política pública representa um elemento importante no acolhimento de migrantes, onde a transição cultural possa se converter em um processo de mútuo enriquecimento e efetiva integração.

Conclusão

A migração instaura um período de crise e transição, inserindo o sujeito em processos de convencionalização em zonas de contato onde significados são simultaneamente preservados e transformados, conformando uma mudança nas histórias pessoais em interação. O contato com o outro, quando os migrantes decidem permanecer e consolidar sua nova vida no país de acolhimento, desencadeia transformações nos processos de si e identitários, gerando novos posicionamentos, a modificação e a extinção dos anteriores. Tais dinâmicas ocorrem por meio de produções de significado fundamentalmente intersubjetivas, nas quais as ambivalências atuam como indicadores de processos dinamogênicos. O self se transforma no contato entre culturas, gerando novas interpretações nas dinâmicas de si, do outro e do mundo. Tais reinterpretações podem, por sua vez, orientar ações de (re)construção no país de acolhimento, seja no âmbito da família e das comunidades de origem, seja mediante esforços para preservar práticas culturais, crenças e valores centrais que marcaram a história de vida do migrante no cronotopo do país de origem. A produção de interpretações saudáveis acerca dos novos encontros na cultura receptora orienta a produção de significados que favorecem a superação de adversidades e o fortalecimento da resiliência.

Na vertente cultural dialogista do desenvolvimento humano, verifica-se que desenvolvimento é um processo dinâmico e sociohistoricamente situado, o qual depende de relações de poder e tem os sistemas simbólicos como a sua fonte principal. No contexto migratório, as direções de sentido assumidas pelos indivíduos são constituídas por suas experiências pessoais de transição cultural, as quais formam processos subjetivos de distanciamento e/ou aproximação à cultura do país que os recebe.

Ressalta-se que a consolidação do Brasil como um país de acolhimento está vinculada à implementação de políticas públicas voltadas à integração efetiva de migrantes. Tais políticas devem institucionalizar mecanismos sensíveis às dimensões linguísticas, sociais e

políticas do processo migratório, com o objetivo de prevenir a formação de bolhas etnoculturais do território nacional e de construir e processos integradores entre a comunidade local e a população migrante. Destaca-se, assim, o projeto de extensão Bem-vindos: Português Língua de Acolhimento e Desenvolvimento Humano, que proporcionou a possibilidade de produção desta pesquisa e resultou na Portaria Nº 94, de 27 de janeiro 2025, que regulamenta a Política Distrital para a população migrante e institui a Política de Acolhimento a Migrantes Internacionais Falantes de Outras Línguas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, intitulada "Bem-vindos ao Distrito Federal". Esta ação promove o PLAc, proporcionando trocas culturais entre a população migrante e a comunidade local, sob uma perspectiva humanizada e com dinâmicas de ensino que consideram a transição cultural do estudante.

A Análise Temática das narrativas nesta pesquisa qualitativa, sob a perspectiva de constituição dialógica do *self*, demonstra como essa metodologia abre diferentes possibilidades de compreensão da realidade. Dessa articulação, são construídas novas concepções teóricas nas interseções entre linguagem, psicologia e ciências humanas e sociais como um todo.

Por fim, conclui-se que a continuidade de pesquisas qualitativas sobre migração configura-se como relevante. A crescente complexidade dos fluxos migratórios contemporâneos demanda investigações capazes de capturar a multidimensionalidade da experiência humana em transição. Este estudo demonstrou que a abordagem metodológica Análise Temática é pertinente para compreender qualitativamente os processos de desenvolvimento psicológico e as produções de significado que se constroem na transição cultural, especialmente em contextos em que políticas linguísticas de acolhimento, como o PLAc, atuam como mediadoras. A análise de processos dialógicos de (re)construção do *self* em novos territórios, na produção de significados em narrativas de si de migrantes

internacionais aprendendo português como língua de acolhimento, enriquece o campo teórico nas interseções entre linguagem, psicologia e ciências sociais, e fornece subsídios para a formulação de políticas públicas verdadeiramente integradoras. Dessa forma, contribuem efetivamente para a construção de uma inclusão social que considere a totalidade biopsicossocial da população migrante, transformando o acolhimento em um processo de desenvolvimento político efetivo.

Referências

- Abreu, R. L. et al. (2021, 28 de junho). “What American dream is this?”: The effect of Trump’s presidency on immigrant Latinx transgender people. *Journal of Counseling Psychology*. Publicação online avançada. <https://doi.org/10.1037/cou0000556>
- Agudelo-Suárez, A. A. et al. (2020). Precarious employment and health: A qualitative study in Venezuelan immigrant population in Colombia. *Journal of Migration and Health*, 1-2*, 100009. <https://doi.org/10.1016/j.jmh.2020.100009>
- Alessi, E. J. (2016). Resilience in sexual and gender minority forced migrants: A qualitative exploration. *Traumatology*, 22(3), 203–213. <https://doi.org/10.1037/trm0000075>
- Alessi, E. J. et al. (2019, 17 de julho). (Ir)reconcilable identities: Stories of religion and faith for sexual and gender minority refugees who fled from the Middle East, North Africa, and Asia to the European Union. *Psychology of Religion and Spirituality*. Publicação online avançada. <https://doi.org/10.1037/rel0000266>
- Alves, D. et al. (2021). Mixed methods study protocol to explore acculturation, lifestyles and health of immigrants from the Community of Portuguese-Speaking Countries in two Iberian contexts: how to face uncertainties amidst the COVID-19 pandemic. *BMJ Open*, 11(7), e048818. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2021-048818>
- Andrade, P., & Anastasia, F. (2022). Padrões de Cooperação Sul-Sul: Brasil e Países Africanos (2003-2010). *Estudos Internacionais: Revista de Relações Internacionais da PUC Minas*, 10(1), 74–93. <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2022v10n1p74-93>

- Antilef, A., Santos, & Damiani, R. (2020). Experiences of immigrant women accessing health care in Punta Arenas, Chile. *Texto & Contexto - Enfermagem, 29*(spe), e20190231. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0231>
- Bakhtin, M. (2008). *Problemas da poética de Dostoiévski* (P. Bezerra, Trad.). Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1963).
- Bakhtin, M. M. (2010). *Speech genres and other late essays*. Austin, TX: University of Texas Press.
- Bakhtin, 2017
- Barbato, S., Alves, P., & Marques, V. (2020). Narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de si. *Revista Valore, 5*, 22-36.
<https://doi.org/10.22408/reva50202039922-36>
- Baron, A. S., Dunham, Y., Banaji, M., & Carey, S. (2014). Constraints on the Acquisition of Social Category Concepts. *Journal of Cognition and Development, 15*(2), 238–268.
<https://doi.org/10.1080/15248372.2012.742902>
- Beals, D. E. (1998). Reappropriating Schema: Conceptions of Development From Bartlett and Bakhtin. *Mind, Culture, and Activity, 5*(1), 3–24.
https://doi.org/10.1207/s15327884mca0501_2
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using Thematic Analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2022). Thematic Analysis: A Practical Guide. *QMIP Bulletin, 1*(33), 46–50.

Bruner, J. S. (2004). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artmed.

Feriguetti, K. M., & Ferreira, P. (2021). COVID-19 e os impactos na integração dos estudantes imigrantes e/ou racializados de instituições de ensino superior portuguesas. *Revista Educação em Debate*, 43(86), 87–104.

<https://doi.org/10.3895/rved.v43n86.14469>

Freire, S. F. de C. D., & Branco, A. M. U. (2016). A Teoria do Self Dialógico em Perspectiva. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 32(1). <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012443013237>

Frounfelker, R. L. et al. (2023, 8 de maio). Mental health among older Bhutanese with a refugee life experience: A mixed-methods latent class analysis study. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*. Publicação online avançada.

<https://doi.org/10.1037/tra0001503>

Garha, N. S. (2020). Punjabi irregular immigration to Italy and Spain: causes and consequences. *South Asian Diaspora*, 12(2), 195–211.

<https://doi.org/10.1080/19438192.2020.1763822>

Grosso, M. J. R. (2010). Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, 9(2), 61-77.

Gondim, S. M. G. et al. (2016). Percepção de amabilidade e hostilidade para com estrangeiros: Um estudo qualitativo. *Psicologia e Saber Social*, 5(2), 153-169.

<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2016.25164>

Acho que tem que dizer se é Brasil Guia para a inclusão linguística de migrantes. (2022).

Salamanca, Es: Ediciones Universidad de Salamanca.

- Harré, R. (2012). Positioning theory: Moral dimensions of social-cultural psychology. In J. Valsiner (Ed.), *The Oxford handbook of culture and psychology* (pp. 191–206). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Hassey, F. et al. (2016). Affluent Mexican immigrant parents' perceptions of child–parent relationship training. *International Journal of Play Therapy*, 25(3), 114–122.
<https://doi.org/10.1037/pla0000023>
- Hermans, H. J., & Kempen, H. J. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American psychologist*, 53(10), 1111-1120.
<https://doi.org/10.1037/0003-066X.53.10.1111>
- Herrero-Arias, R., Ortiz-Barreda, G., & Carrasco-Portiño, M. M. M. (2020). Maternity care through the eyes of Southern European immigrant parents in Norway. *Gaceta Sanitaria*. Publicação online avançada. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2020.08.009>
- Huebner, D. R. (2014). *The construction of mind, self, and society: The social process behind G. H. Mead's social psychology*. [Tese de doutorado, Universidade de Chicago].
- Junger da Silva, G., Cavalcanti, L., Lemos Silva, S., & de Oliveira, A. T. R. (2024). *Observatório das Migrações Internacionais*. Brasília- DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública, OBMigra.
- Konder, L. A. (2008). A dialética e o marxismo. *Revista Trabalho Necessário*, 1(1).
<https://doi.org/10.22409/tn.1i1.p6572>
- Letona, P., Felker-Kantor, E., & Wheeler, J. (2023). Sexual and reproductive health of migrant women and girls from the Northern Triangle of Central America. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 47, e15. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2023.15>

- Lindsay, A. C. et al. (2018). Exploring how Brazilian immigrant mothers living in the USA obtain information about physical activity and screen time for their preschool-aged children: A qualitative study. *BMJ Open*, 8(8), e021844.
<https://doi.org/10.1136/bmjopen-2018-021844>
- Lindsay, A. C. et al. (2019). Parenting practices that may encourage and discourage physical activity in preschool-age children of Brazilian immigrant families: A qualitative study. *PLOS ONE*, 14(3), e0214143. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0214143>
- Lôpo Ramos, A. A. (2021). Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 13(01), 233–267.
<https://doi.org/10.26512/rbla.v13i01.37207>
- Matos, L., Indart, M., Park, C., & Leal, I. (2018). Meaning-making and psychological adjustment following refugee trauma. In I. Leal, S. von Humboldt, C. Ramos, A. F. Valente, & J. L. Pais-Ribeiro (Eds.), *12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – Atas* (pp. 531-521). ISPA.
- Matos, L. et al. (2021, 17 de junho). “That is not my country anymore”: Pre- and postdisplacement trauma, stressors, and distress in war-affected Syrian civilians. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*. Publicação online avançada. <https://doi.org/10.1037/tra0001068>
- Matos, L. et al. (2023, 20 de julho). “It’s the God factor”: A qualitative study of Syrian Muslims’ postwar religious meaning-making. *Psychology of Religion and Spirituality*. Publicação online avançada. <https://doi.org/10.1037/rel0000485>

- Meyerhoff, J. et al. (2021). A qualitative study of perceptions of risk and protective factors for suicide among Bhutanese refugees. *Asian American Journal of Psychology*, 12(3), 204–214. <https://doi.org/10.1037/aap0000228>
- Odeh, L. E. (2010). A comparative analysis of Global North and Global South economies. *Journal of Sustainable Development in Africa*, 12(3), 338-348.
- Onsès-Segarra, J., Carrasco-Segovia, S., & Sancho-Gil, J. M. (2023). Migrant families and children's inclusion in culturally diverse educational contexts in Spain. *Frontiers in Education*, 8, 1126336. <https://doi.org/10.3389/educ.2023.1126336>
- Oyserman, D. (2011). Culture as situated cognition: Cultural mindsets, cultural fluency, and meaning making. *European Review of Social Psychology*, 22(1), 164–214. <https://doi.org/10.1080/10463283.2011.627187>
- Page, M. J. et al. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *British Medical Journal*, 372(71). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Paulino-Ramírez, R. et al. (2023). Health care access and migration experiences among Venezuelan female sex workers living in the Dominican Republic. *Revista Panamericana de Salud Pública (Impresa)*, 47, e25. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2023.25>
- Porthé, V. et al. (2018). Has the quality of health care for the immigrant population changed during the economic crisis in Catalonia (Spain)? Opinions of health professionals and immigrant users. *Gaceta Sanitaria*, 32(5), 425–432. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2017.10.019>
- Pratt, M. L. (1991). Arts of the Contact Zone. *Profession*, 91, 33–40.

Pratt, M. L. (1992). *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. London: Routledge.

Rivas-Quarneti, N., Movilla-Fernández, M.-J., & Magalhães, L. (2017). Immigrant women's occupational struggles during the socioeconomic crisis in Spain: Broadening occupational justice conceptualization. *Journal of Occupational Science*, 25(1), 6–18. <https://doi.org/10.1080/14427591.2017.1338190>

Rosa, A., & Blanco, F. (2007). Actuations of identification in the games of identity. *Social Practice/Psychological Theorizing*, 7, 1-12. Disponível em: https://www.google.com/search?q=tino+blanco+profesor+UAM+Madrid&oq=tino+blanco+profesor+UAM+Madrid&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigAdIBCDg2NzlqMGo3qAllsAIB8QVFIVfBa_yt3A&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 20 out. 2025.

Rosa, A., & Valsiner, J. (Eds.). (2018). *The Cambridge handbook of sociocultural psychology* (2nd ed.). Cambridge University Press.

Sabri, B., Simonet, M., & Campbell, J. C. (2018). Risk and protective factors of intimate partner violence among South Asian immigrant women and perceived need for services. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 24(3), 442–452. <https://doi.org/10.1037/cdp0000195>

Saleem, R. et al. (2020). “I thought it would be different”: Experiences of structural violence in the lives of undocumented Latinas. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 26(2), 171–180. <https://doi.org/10.1037/pac0000425>

Singer, J. A. (2004). Narrative Identity and Meaning Making Across the Adult Lifespan: An Introduction. *Journal of Personality*, 72(3), 437–459. <https://doi.org/10.1111/j.0022-3506.2004.00268.x>

- Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51–67.
<https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>
- Torres Fernández, I. et al. (2018). Crossing international borders in search of a better life: Examining the psychological impact of the immigration experience. *Universitas Psychologica*, 16(5), 1–15. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy16-5.cibs>
- Uebel, R. R. G. (2022). *Políticas públicas de imigração no Canadá e suas possíveis aplicações no Estado do Rio Grande do Sul*. OBMigra.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies: Foundations of cultural psychology*. SAGE Publications India. <https://doi.org/10.4135/9788132108504>
- Valsiner, J. (2014). *An invitation to cultural psychology*. SAGE Publications Ltd.
<https://doi.org/10.4135/9781473905986>
- Vigotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. *Psicologia USP*, 21(4), 681-701. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>
- Volosinov, V.N. (2014). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ucitec.
- Wendling, A., & Giongo, C. R. (2022). Vivências de mulheres em situação de refúgio ou imigração na região do Vale do Sinos. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, 13*(2), 80–99. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.13.i2.0006>

Zittoun, T. (2006). *Transitions. Development through symbolic resources*. Information Age Publishing.

Zittoun, T., Duveen, G., Gillespie, A., Ivinson, G., & Psaltis, C. (2003). The Use of Symbolic Resources in Developmental Transitions. *Culture & Psychology*, 9(4), 415–448.

<https://doi.org/10.1177/1354067X0394006>

Zoltowski, A. P. C. et al. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 97–104.

<https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100012>